



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

UNIDADE DE CIÊNCIAS EXACTAS E HUMANAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

A PESSOA DO SUPERVISOR E O PROCESSO DE SUPERVISÃO
Representações Sociais de Alunos/Futuros Professores de
Matemática em Estágio Pedagógico ou Prática Pedagógica

TESE DE MESTRADO

ANEXOS

ANTÓNIO MANUEL DA CONCEIÇÃO GUERREIRO

ORIENTADOR: PROF.º DOUTOR CARLOS MARQUES SIMÕES

1998



TESES
SD

A PESSOA DO SUPERVISOR E O
PROCESSO DE SUPERVISÃO
Guerreiro.

25973/2

100259730002



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Unidade de Ciências Exactas e Humanas e Escola Superior de Educação

A Pessoa do Supervisor e o Processo de Supervisão

**Representações Sociais de Alunos/Futuros Professores de Matemática
em Estágio Pedagógico ou Prática Pedagógica**

ANEXOS

António Manuel da Conceição Guerreiro
Licenciado em Matemática – Ramo Educacional
Universidade de Coimbra

Tese Apresentada para Obtenção do Grau de
Mestre em Supervisão

Orientador: Prof. Doutor CARLOS MARQUES SIMÕES

1998

205 5 / T

2513 A9 25973/2
371.13
GVE * Ped

2º vol.
1

ÍNDICE

ANEXO 1	Guião de Entrevista Semi Estruturada	1
ANEXO 2	Categorização da Entrevista - Aluna Dina	2
ANEXO 3	Categorização da Entrevista - Aluna Carla	5
ANEXO 4	Primeiro Questionário - 1ª Versão	10
ANEXO 5	Primeiro Questionário	11
ANEXO 6	Primeiro Questionário - Alunos da U. C. E. H. da U. Al.	12
ANEXO 7	Primeiro Questionário - Alunos da E. S. E. da U. Al.	16
ANEXO 8	Segundo Questionário - 1ª Versão	24
ANEXO 9	Segundo Questionário	27
ANEXO 10	Segundo Questionário - Alunos da E. S. E. da U. Al.	30
ANEXO 11	Segundo Questionário - Alunos da U. C. E. H. da U. Al.	49
ANEXO 12	Guião de Entrevista Semi Estruturada	58
ANEXO 13	Transcrição da Entrevista - Aluna Vanda (U.C.E.H.- U. Al.)	61
ANEXO 14	Transcrição da Entrevista - Aluna Florbela (U.C.E.H.- U. Al.)	70
ANEXO 15	Transcrição da Entrevista - Aluno Pedro (U.C.E.H.- U. Al.)	77
ANEXO 16	Transcrição da Entrevista - Aluna Teresa (E.S.E.- U. Al.)	81
ANEXO 17	Transcrição da Entrevista - Aluna Sandra (E.S.E.- U. Al.)	88
ANEXO 18	Transcrição da Entrevista - Aluno Vasco (E.S.E.- U. Al.)	96

**Guião de Entrevista Semi Estruturada
(Fase do Estudo Exploratório)**

Bloco 1: Legitimação e Motivação

Com este bloco pretendo apresentar as linhas gerais do trabalho em desenvolvimento; pedir a colaboração do entrevistado, descrevendo a importância do seu contributo e assegurar a confidencialidade dos dados de identificação.

Bloco 2: A Pessoa do Supervisor e O Processo de Supervisão

Neste bloco pretendo obter do aluno/futuro professor de Matemática, as suas Representações Sociais a propósito da Pessoa do Supervisor e do Processo de Supervisão.

Bloco 3: O Ensino da Matemática

Neste bloco pretendo obter do aluno/futuro professor de Matemática, as suas Representações Sociais a propósito do Ensino da Matemática de modo a poder perspectivar o modo como os alunos encaram a sua própria formação específica, nomeadamente durante o Processo de Supervisão.

Categorização da Entrevista

Aluna Dina (Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve)

1 A Pessoa do Supervisor

Dimensão Pessoal	
	Simpatia
Ideal	<i>"simpático"</i>

Dimensão Profissional	
	Competência
Actual	<i>"O pedagógico, a nível científico não comentava, a nível pedagógico não sei se ele não estaria assim numa irreal. Havia muita coisa que ele tinha razão, havia outras, se calhar não passava de teorias"</i> <i>"não tem haver com a competência da pessoa em si, (...) por muito bom orientador que o orientador seja nunca consegue estar muito próximo de nós"</i>
Ideal	<i>"eficiente. Que seja um bom professor. Que seja um bom exemplo"</i>
	Disponibilidade
Ideal	<i>"Uma pessoa disponível"</i> <i>"Disponível"</i>
	Integração no Meio
Actual	<i>"O de cá, da escola, estava muito mais a par da realidade, ele tem consciência do que se passa"</i> <i>"Quando não conhece as regras da escola. Quando não conhece nada. A única pessoa que conhece é a nós e por vezes, se calhar, mal"</i>
Ideal	<i>"Tinha que conhecer melhor os alunos"</i> <i>"Mesmo que viesse uma vez por semana tinha de estar muito mais integrado na escola"</i>

Dimensão Relacional	
	Ajuda
Ideal	<i>"Um tipo de cooperação, devia cooperar connosco, ser mais dialogante"</i>
	Assimetria
Actual	<i>"De igual, igual, não"</i>
	Simetria
Actual	<i>"Tivemos o colega [orientador da escola]"</i>
Ideal	<i>"Mas que fosse uma relação à-vontade, que estivéssemos à-vontade uns com os outros"</i> <i>"Estava mais à espera do colega, do companheiro, era aquilo que eu idealizava do orientador"</i>

2 Processo de Supervisão

Processo de Formação	
	Assistência
Actual	<i>"o orientador da escola que nós temos (...) esteve muito mais tempo connosco, vivia a nossa experiência, sabia o que nós fizemos e o que não fizemos. Se houve problemas, se houve dificuldades, estava lá"</i>
Ideal	<i>"Os orientadores deviam estar mais próximos de nós"</i>
	Avaliação
Actual	<i>"A avaliação é importante"</i> <i>"estamos num estágio, temos que ser avaliados por isso"</i>

Representações Prévias	
Actual	<i>“O que nós temos mais medo é a indisciplina, é o que assusta mais qualquer pessoa. É uma situação horrível”</i>

Papel do Supervisor	
Ajuda	
Actual	<i>“está lá, assiste e é de todos o que está mais próximo de nós, o que nos ajuda mais é o da escola”</i>
Ideal	<i>“que é muito importante o orientador ajudar sobre a indisciplina na sala de aula”</i>
Avaliação	
Actual	<i>“tivemos o avaliador” “há uma grande preocupação dos orientadores em avaliar” “É difícil uma pessoa vir avaliar quando não conhece a escola”</i>
Ideal	<i>“que não esteja muito preocupado se nós fizemos bem ou se fizemos mal, se somos bons aqui e se somos bons ali” “que não seja um avaliador”</i>
Controlo	
Actual	<i>“a preocupação deles era saber o que se passava na aula. Se naquela aula foi tudo feito como previsto ou não”</i>
Correcção	
Actual	<i>“O científico, era o científico, a preocupação dele era se o que estava no quadro estava correcto, se não dizíamos asneiras, era a preocupação dele”</i>
Crítica	
Actual	<i>“O objectivo dos orientadores não era o criticar o que estava mal, eles apontavam o que estava mal, mas o objectivo não era a crítica depreciativa” “não houve aquela crítica, não gostei nada, não fazes nada de jeito, não houve nada disso”</i>
Orientação	
Ideal	<i>“É muito importante ter um orientador ali que nos diga: «não te preocupes», «acontece a toda a gente», «faz assim, se calhar resulta». Acho que é muito importante” “Que esteja lá e diga-nos: «olha, assim se calhar é melhor», «devias experimentar...»” “Se achasse que não estava a agir correctamente. Porque estava a ser muito rude com os alunos (...) devia chamar à atenção. «Não faças», «não deixes que seja assim”</i>
Reflexão	
Actual	<i>“falava-se, «não gostei», «gostei daquilo”</i>
Ideal	<i>“que se preocupassem mais com o que a gente fizesse, e porque é que se fazia”</i>

Papel do Supervisando	
Conhecimentos científicos	
Actual	<i>“que o que eu sabia era suficiente. Nos conteúdos estava mais à-vontade, com os colegas”</i>

Ensino da Matemática	
Actividades na Sala de Aula	
Ideal	<i>“uma sala de Matemática que fosse mais Matemática”</i>
Aprendizagem da Matemática	
Actual	<i>“Não há educação em Matemática. Eu acho que se tem de empinar conteúdos, «faz-se assim», regras, e não se educa em Matemática” “É tipo uma receita, deram-lhe a receita e eles têm ali umas coisas, se ficar bom ficou se não ficar...”</i>
Ideal	<i>“em vez de dar tantas coisas, tínhamos que dar menos” “explicar que a Matemática tem coisas giras”</i>

	Conhecimentos dos Alunos
Actual	<p>“Os alunos têm muitas deficiências anteriores”</p> <p>“Eles tem dificuldade em somar números negativos. Eles não sabem somar números negativos. É quase impossível começar alguma coisa nova”</p>
	Desempenho dos Alunos
Actual	<p>“Os alunos não têm capacidade crítica. Eles têm um resultado, aplicam uma fórmula e têm outro resultado, pronto, está feito. Não se preocupam se aquele resultado é possível, se não é, se aquilo existe, se não”</p> <p>“um aluno que chega lá e utiliza aquela formula que lhe deram”</p>
	Desempenho Profissional dos Professores
Actual	<p>“Há uma preocupação tão grande em cumprir programas, em dar os conteúdos que estão no programa”</p> <p>“as turmas são grandes e quando temos quatro horas semanais para dar o programa do ano e programas atrasados, conteúdos atrasados (...) é mesmo chegar lá e dar os conteúdos”</p> <p>“Eu acho que é mais fácil ensinar os do 7º, 8º e 9º, estão no início”</p> <p>“É mais difícil educar para Matemática um aluno do 10º ou 11º que já trás os vícios todos anteriores, mas também é muito compensador”</p>
	Motivação dos Alunos
Actual	<p>“É muito difícil arranjar um aluno do 7º, 8º ou 9º que goste de Matemática. É muito difícil”</p> <p>“a maior parte dos alunos não têm interesse nenhum naquilo”</p>
	Representações da Matemática
Actual	<p>“A maior parte dos alunos acha que a Matemática é só aquilo que se faz na aula, testezinho, fez-se aqueles exercicios”</p>
	Valores
Actual	<p>“Não vê para que é que serve. Eles perguntam constantemente: «isto é para quê?», «para que temos que saber isto?»”</p> <p>“Eles não sabem para que é que as coisas servem”</p> <p>“Não têm interesse e significado nenhum, para é que aquilo serve”</p>
Ideal	<p>“se houvesse uma maior preocupação em explicar para que é que é e mostrá-la”</p>

3 Renovação do Processo de Supervisão

Formação Inicial	
Avaliação	“Como dar os testes, como classificar os testes, como corrigi-los”
Estágio Pedagógico	
Duração	“foi tão pouco tempo, se calhar se durasse mais dois ou três anos, chegava ao fim e já nos conhecíamos todos, era muito diferente”

Categorização da Entrevista

Aluna Carla (Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve)

1 A Pessoa do Supervisor

Dimensão Pessoal	
	Humanidade
Ideal	<i>"Deveria ser afável"</i> <i>"Eu penso que um orientador de estágio tem que ser afável"</i> <i>"que fosse uma pessoa afável"</i>
	Vigilância
Ideal	<i>"um orientador deve ser atento"</i> <i>"Deve estar atento aos mínimos pormenores"</i> <i>"Eu acho que um orientador de estágio deve ter a sensibilidade suficiente para reparar"</i>
	Simpatia
Ideal	<i>"desejava que ele fosse simpático"</i> <i>"que fosse uma pessoa simpática"</i> <i>"consegui-se mostrar um bocadinho de brincadeira com a conversa"</i> <i>"que fosse uma pessoa afável e simpática"</i>

Dimensão Profissional	
	Competência
Ideal	<i>"Eu acho que tem que saber realmente, ter um certo brio, mas que ele tem que ter um barómetro próprio em que vê a situação em que a pessoa está e saber dosear as críticas que faz com a orientação que dá"</i> <i>"Tem que encontrar a sua própria maneira de ser e de actuar enquanto professor e enquanto pessoa"</i>
	Disponibilidade
Ideal	<i>"Deve ser uma pessoa que se mostre disponível para ajudar"</i> <i>"Deve (...) estar disponível para ouvir"</i> <i>"que se mostrasse disponível"</i>

Dimensão Relacional	
	Assimetria
Actual	<i>"se é um orientador eu penso que, por muito que ele tenha boa vontade, possivelmente vai ter sempre aquele aspecto de pedestal"</i> <i>"eu sei; eu posso; eu oriento"</i> <i>"Do que eu tenho falado com os meus colegas o orientador está sempre num pedestal um bocadinho acima, mesmo que não seja grande"</i> <i>"Está sempre um bocadinho mais acima"</i>
	Simetria
Ideal	<i>"Desejava que ele (...) fosse uma pessoa aberta com a qual pudesse falar à-vontade"</i>

Natureza Social das Representações/Supervisor

"Quando aqui na E.S.E. vamos para a prática já sabemos mais ou menos o que nos espera quando ouvimos o nome do orientador. Antes de ele ser nosso orientador já temos a «cabecinha cheia de minhoquinhas»"

"Com ele pode-se fazer isto, não se pode fazer aquilo, vai ser melhor assim, vai ser pior naquilo. Aquelas ideias pré-concebidas que apanhamos sempre"

"São esses pequenos pormenores que as pessoas, que já passaram pela situação, ficaram. O que mais lhes agradou ou o que menos agradou, passam aos outros"

2 O Processo de Supervisão

Processo de Formação	
	Avaliação
Actual	"Há orientadores com quem uma pessoa se pode sentir mais à-vontade e acaba por atenuar o aspecto da avaliação, mas há outros que não"
	Desempenho Profissional
Actual	"o orientador (...) quer que a pessoa faça à primeira vez como se fosse uma pessoa com muitos anos de serviço" "se estamos a fazer um estágio é porque não se está apta, ainda, a ser professora, está a amadurecer"
	Negociação
Actual	"Suponhamos que temos uma opinião e que nos dizem assim: «Sim, eu não concordo mas podes experimentar... não sei quê». Dizem isso só para fazer jeito, lógico, ninguém vai concordar"

Papel do Supervisor	
	Ajuda
Ideal	"ajudar no que (...) eu, neste caso, penso que preciso e naquilo que eu não vejo se preciso" "mesmo que o estagiário não peça ajuda, ajudar" "Espero (...) que saiba ajudar, que saiba... ajudar a planear, que saiba aconselhar, (...) no sentido de abrir caminhos no sentido de facilitar a vida"
	Avaliação
Actual	"uma coisa é certa, está a avaliar e avalia desde o primeiro momento" "a minha grande certeza é de que ele me vai avaliar e que me vai ver os aspectos negativos todos. Se ele vai ver os bons ou não, não sei" "Se ele vai ver os bons ou não, não sei"
	Controlo
Actual	"«podes ter o dossier à-vontade»" "«não precisas de andar agarrada ao dossier»" "o orientador limita-se a vir verificar se o dossier está correcto, se aquela aula está bem dada, se os conteúdos estão bem definidos, se o plano está correcto"
	Correcção
Actual	"a corrigir o que está mal. Acho que é muito diferente corrigir o que está mal do que orientar"
Ideal	"Saber fazer estes pequenos reparos" "pormenores que uma pessoa tem (...) que podem ser corrigidos e que é competência do orientador corrigi-los"

	Critica
Actual	<p>“Não se deve limitar a criticar e apontar os pontos negativos”</p> <p>“gosta de criticar, sobretudo os aspectos negativos”</p> <p>“no fim da aula se limita a criticar o que acha que não está tão bem ou o que está menos bem”</p> <p>“Uma coisa é dizer que as pessoas tem que errar e que errar é normal e outra coisa muito diferente é só apontar”</p> <p>“Não é chegar ao pé de mim e dizer assim: «tu, olha, hoje disseste a frase A», «não devia ter sido isto», « devia ter sido aquilo»”</p>
Ideal	“saber dosear as criticas que faz com a orientação que dá”
	Ensino
Ideal	<p>“Deve saber (...) ensinar”</p> <p>“um orientador de estágio que realmente ensine, que aconselhe”</p> <p>“ensine a aprender, a adequar os conhecimentos que eu tenho, ou que eu pesquiso, ao nível que vou leccionar”</p>
	Exigência
Actual	<p>“«Ele não é nada exigente»”</p> <p>“«cada aula que vai é muito chato (...), exige muito»”</p>
	Informação
Ideal	“dar pequenas dicas, numa conversa mais ou menos informal, explicar como se deve aprender, como se deve trabalhar as coisas”
	Observação
Actual	“«olha, esse escreve muito. Vai a uma aula escreve tudo o que ouve, escreve tudo o que apanha e depois só foca os aspectos negativos»”
	Orientação
Actual	<p>“Não é dizer: «vais dar isto», «dás desta forma», «dizes a mais b». Não é isso”</p> <p>“Não digo que chegue ao pé de mim e diga: «Olha, fazes isto», «fazes aquilo», «fazes esta actividade», «fazes aquela»”</p>
Ideal	<p>“um orientador de estágio deve (...) orientar-te”</p> <p>“Deve ser o orientador no pleno sentido da palavra”</p> <p>“Deve saber orientar”</p> <p>“Tem que saber indicar vários caminhos para que a pessoa escolha o seu”</p> <p>“tem que haver uma certa orientação”</p> <p>“Espero que ele oriente, se vai ser um orientador espero que ele oriente”</p> <p>“espero que ele me oriente”</p> <p>“que tem que saber é orientar, em termos científicos ou em termos técnicos”</p> <p>“uma coisa muito importante e que eu espero que o orientador faça é que me oriente em termos científicos”</p>
	Reflexão
Actual	<p>“«ele é muito chato, vai ver as reflexões»”</p> <p>“«cada aula que vai é muito chato, conversa muito ...»”</p>
Ideal	“«já reparaste no que está a acontecer», «tens que tomar atenção», «tens que te opor à situação, rápido»”

Papel do Supervisando

	Aprendizagem
Actual	“uma pessoa aprende com os erros”
	Avaliação
Actual	“uma coisa é certa, está a avaliar e avalia desde o primeiro momento. Não consigo esquecer isso, como é obvio”
	Autonomia
Ideal	“o orientador tem que me dar espaço de manobra para eu trabalhar à minha vontade”

	Competência
Actual	<i>"eu sei pesquisar, sei procurar"</i>
	Conhecimentos Científicos
Actual	<i>"conheço as coisas, sei os conteúdos, mas sei à minha maneira, sei para mim" "nós sabemos as coisas mas dizer aos outros é muito mais difícil, muito mais quando se fala para vinte ou trinta crianças ao mesmo tempo"</i>
	Conhecimentos Pedagógicos/Didáticos
Actual	<i>"Tenho consciência de que não tenho conhecimentos, não tenho prática de ensino, então há muitas coisas que me passam ao lado" "quem está ali, está ali pela primeira vez (...) não tem prática nenhuma do assunto" "Se nunca ensinei, não posso saber" "o que é indisciplina na sala, (...), como não tenho prática não posso perceber que aquilo se pode tornar bola de neve e ir piorando"</i>
	Observação
Actual	<i>"Acabo por não me esquecer que ele está ali, para não ligar"</i>

Ensino da Matemática	
	Actividades na Sala de Aula
Actual	<i>"não serve de nada utilizar actividades ou coisas diferentes se (...) no final da actividade, utilizarmos a regra na mesma"</i>
Ideal	<i>"na sala de aula poderão ser resolvidos problemas, poderão ser utilizados diversos materiais, como geoplanos, etc."</i>
	Aprendizagem da Matemática
Actual	<i>"toda a gente sabe que é preciso mudar o Ensino da Matemática (...) Toda a gente sabe disso, quem não sabe é quem não quis aprender" "toda a gente sabe que é preciso mudar o Ensino da Matemática, que é preciso mudar as estratégias e as actividades" "na sala de aula poderão ser resolvidos problemas, poderão ser utilizados diversos materiais, como geoplanos, etc., e as pessoas pensam que estão a fazer um bom trabalho porque estão a diversificar as aulas" "Ensinar Matemática é chegar à escola, os meninos fazerem os exercícios que estão no livro, passar para o caderno os apontamentos que lá estão" "Para o aluno, aprender áreas, por exemplo, com a ajuda do geoplano ou aprender numa folha de papel pontado ou aprender no quadro, desde que não há-ja outros alicerços por detrás disso é exactamente a mesma coisa" "Aprende-se determinados conteúdos, determinados termos da Matemática e pouco mais do que isso" "O aluno em casa treina duas ou três vezes, chega ao teste e tem muito boa nota" "o Ensino da Matemática mudou de capa, deixou de ser aquele ensino tão tradicional, como era, mas continua a não ser educação em Matemática" "se há um professor que apresenta problemas, mas apresenta-os com uma dosagem tão forte e de tal forma tão complexa que os alunos acabam por não perceber à mesma qual é a razão daquilo" "o professor se calhar na aula de revisões faz uns exercícios, depois no teste acaba por fazer uns muito parecidos"</i>
Ideal	<i>"deve ser ensinada como uma coisa leve, uma coisa que os alunos saibam utilizar as regras por eles próprios" "Temos que tirar das aulas de Matemática a carga forte de que há muitas regras para aprender e depois é fazer exercícios para aprender"</i>

	Avaliação dos Alunos
Actual	<p>"Uma coisa é certa a avaliação é continua"</p> <p>"se o aluno num teste se esbarra, o professor, se calhar, até pensa: «ele nas aulas participa tanto», «ele gosta tanto de fazer isto ou aquilo», «se calhar teve azar», «não consegue ter positiva»"</p> <p>"Acaba por continuar um bocado agarrado ao papel, à folha de teste"</p> <p>"O que se está a testar são conhecimentos que os alunos fazem com uma certa rotina, uma certa memorização"</p>
Ideal	<p>"há uma serie de testes que podem ser feitos e que eu acho que devem ser utilizados na Matemática, teste oral por exemplo, teste no quadro"</p> <p>"o professor pode avaliar o aluno sem o aluno saber que está a ser avaliado"</p> <p>"O professor pode pensar: «hoje vou avaliar os alunos», «não preciso de avaliar todos no mesmo dia», «à mesma hora», «na mesma aula»"</p> <p>"Posso escolher três ou quatro por aula e numa simples chamada ao quadro por exemplo, avaliar o estado do aluno"</p>
	Desempenho Profissional do Professor
Actual	"a maneira correcta de fazer as coisas [Ensinar Matemática] se calhar as pessoas não sabem, eu também falo por mim"
	Motivação dos Alunos
Actual	"E acaba por haver um desinteresse [por parte dos alunos]"
	Representações da Matemática
Actual	<p>"Não interessa para o dia a dia , é chato, é difícil, tem muitas regras para aprender"</p> <p>"alunos terem em si a ideia de que são muitas regras que têm de ser aprendidas"</p> <p>"se calhar é chato, andar ali a trabalhar com números e letras"</p>
	Raciocínio
Ideal	"é todo o tipo de raciocínio, é tudo o que está por detrás, (...) a Matemática passa, não pelos resultados, isso acaba por ser secundário, (...) É preciso saber realmente ver é o desenvolvimento a nível do raciocínio que o aluno tem"
	Valores
Actual	<p>"eles não sabem para que é que servem as coisas"</p> <p>"eles aprendem uma equação, se não lhe dizem que aquilo é importante para resolver problemas, situações que acontecem, é chato"</p>
Ideal	"temos que estimular os meninos, temos que ensinar a ser (...) matematicamente alfabetizados"

3 Atitudes do Supervisando

Supervisor	
Competência	"eu sei que se vou ter um orientador, tenho é de pensar que ao pé dele eu tenho de fazer o meu melhor"
Desconfiança	<p>"mesmo que nos digam: «ah, não sei quê, estás à-vontade», a gente estamos sempre de pé atrás"</p> <p>"se calhar eu já estou de pé atrás e a pensar que aquilo não é bem assim"</p> <p>"Se ele vai ver os bons ou não, não sei, acabo sempre por ficar com um pé atrás"</p>
Obediência	<p>"é como ele diz que se faz"</p> <p>"É como ele diz que deve ser"</p>

A Pessoa do Supervisor e o Processo de Supervisão
Representações Sociais de Alunos/Futuros Professores de Matemática
Primeiro Questionário

ESTE QUESTIONÁRIO É ANÓNIMO.

Solicita-se o favor de: (1) não escrever, em qualquer parte deste documento, o seu nome; (2) responder em letra de forma, se possível; (3) utilizar apenas as linhas destinadas a cada uma das frases.

A recolha destes questionários será efectuada por um dos respondentes. Após a referida recolha os questionários serão baralhados e só posteriormente entregues ao investigador.

MUITO OBRIGADO

Completa cada uma das seguintes frases:

1. Quando penso em Supervisor penso em _____

2. Para mim o Supervisor é uma pessoa _____

3. A profissão de Supervisor é exercida quando _____

4. Quando penso no Processo de Supervisão penso em _____

5. No Processo de Supervisão o meu papel é _____

6. Quando penso em Ensinar Matemática penso em _____

7. Ensinam-me Matemática quando _____

Muito Obrigado pela colaboração dispensada a este estudo.

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

Este Questionário é um dos instrumentos de recolha de dados do meu trabalho de Tese de Mestrado em Supervisão.

Este estudo tem por objectivo conhecer o conteúdo das Representações Sociais da Pessoa do Supervisor e do Processo de Supervisão em Alunos/Futuros Professores de Matemática.

Este questionário é anónimo e as respostas, confidenciais, serão exclusivamente usadas no âmbito deste trabalho.

Solicita-se o favor de: (1) não escrever, em qualquer parte deste documento, o seu nome; (2) responder em letra de forma, se possível; (3) utilizar apenas as linhas destinadas a cada uma das frases.

A recolha destes questionários será efectuada por um dos respondentes. Após a referida recolha os questionários serão baralhados e só posteriormente entregues ao investigador.

Identificação

Aluno da: Escola Superior de Educação Unidade de Ciências Exactas e Humanas

Completa cada uma das seguintes frases:

1. Para mim o Supervisor é uma pessoa _____

2. Quando penso no Processo de Supervisão penso em _____

3. No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é _____

4. No Processo de Supervisão o meu papel é _____

5. Quando penso em Ensinar Matemática penso em _____

Muito Obrigado pela colaboração dispensada a este estudo.

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

09 de Dezembro de 1996

Alunos do 5º Ano do Curso de Matemática - Ramo Educacional da Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve

I

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que me orienta a nível pedagógico e científico no decorrer do meu ano de estágio.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** fazer o melhor possível tendo em conta que se trata de um ano que poderá ser decisivo para a minha carreira.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** dar orientação pedagógica e científica e avaliar o meu trabalho.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** facultar ao supervisor todo o material que ele necessite para cumprir a sua parte no trabalho.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** melhorar o ensino nesta disciplina tentando ser a melhor professora do mundo (se formos optimistas e trabalharmos resulta).

II

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que assiste às aulas, dizendo os aspectos positivos e os negativos, e algumas vezes dizem onde devemos melhorar.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** inspeccionar as minhas aulas, sem por vezes me ensinarem nada.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** ajudar o aluno a melhorar, dar algumas sugestões ao aluno e depois assistir às aulas.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** activo, dinamizar a escola, as aulas. É trabalhar em grupo com os meus colegas já que o orientador pouco se reúne connosco.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** incentivar os alunos para o estudo da Matemática e ter muito cuidado com o rigor científico.

III

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que deve procurar ajudar os formandos, dada a inexperiência destes, em primeiro lugar e só, posteriormente se deverá preocupar com a avaliação.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** orientação, ajuda na resolução de situações problemáticas, e avaliação.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** muito importante, pois poderá condicionar, pela positiva ou pela negativa, a actuação e o desempenho do futuro professor.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** saber aceitar as criticas e sugestões do supervisor, mas ter autonomia suficiente para conseguir racionalizar sobre elas.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** trabalho, dever, gosto, vocação e responsabilidade.

IV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que inspecciona, verifica se existem irregularidades no processo de ensino-aprendizagem.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** inspeccionar o que o professor anda a fazer.

3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** detectar falhas ou factos que até são positivos, para que posteriormente possam ser tomadas medidas para salvaguardar novas situações.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** tomar conhecimento de falhas ou erros por forma a melhorar o ensino.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** ensinar a arte de raciocínio logicamente. Ensinar leis que permitem descrever fenómenos naturais.

V

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa que exige, avalia e controla** ao “longe” o trabalho de outra.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** muito trabalho, muita pressão.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** supervisionar o trabalho de outra. Isto é, avaliar, aconselhar (às vezes), exigir, observar as capacidades de trabalho a todos os níveis da pessoa que supervisiona.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** produzir um bom trabalho de acordo com as regras que são atribuídas a esse trabalho.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** passar informação aos alunos de forma clara, simples e interessante; conseguir com que os alunos tenham melhores resultados finais do que aqueles que todos nós conhecemos.

VI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa que avalia, analisa e controla** o trabalho de outra.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** excesso de trabalho, e como tal um certo “stress”.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** exigir, avaliar, controlar e também de aconselhar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** exercer bem as tarefas que me são atribuídas.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** tentar ensinar da melhor forma possível de maneira a que os alunos compreendam. Para tal os exemplos práticos são fundamentais.

VII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa que supervisiona** o processo de ensino aprendizagem.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** avaliação do ensino.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** supervisionar, tirar conclusões e tomar medidas no sentido de melhorar o Ensino da Matemática.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** observado, pessoa que está a ser avaliada.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** mudar a ideia de que a Matemática é uma ciência muito difícil de aprender e só alguns conseguem perceber a sua linguagem.

VIII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que tem um estatuto superior, e que tem a árdua tarefa de certificar-se do trabalho exercido por cada um de nós.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em mim próprio**, no sentido de que estarei ou não, a realizar um trabalho proveitoso para o Ensino da Matemática.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** como já foi dito anteriormente, certificar-se do trabalho exercido por todos os professores e tentar corrigir eventuais deficiências.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** ser observado.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** realizar o melhor possível a minha tarefa, por forma que a Matemática seja cada vez mais uma disciplina que os alunos gostem de ter.

IX

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que exige e avalia o trabalho realizado.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** muito trabalho.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** orientar e exigir, e no fim nos avalia.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** ensinar, ajudar e orientar os alunos de maneira que eles consigam assimilar facilmente a matéria e ultrapassar as suas dificuldades.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** como leccionar, como ensinar aos alunos, de modo, que eles tenham gosto pela disciplina de Matemática.

X

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que visiona ou que vigia o ensino, ou seja, as aulas de modo a ver como decorre o ensino nas nossas escolas e universidades.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** algo relacionado com a vigilância de aulas, para tentar ver onde é que o ensino falha e como estão estruturados os cursos.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** vigiar e avaliar algumas das aulas que assiste.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** importante, difícil e com grande responsabilidade.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** transmitir algum conhecimento já adquirido de modo a ser útil para a comunidade que me rodeia.

XI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que tem um estatuto hierárquico superior ao meu e que se irá certificar se o meu trabalho está a decorrer dentro dos parâmetros considerados “normais”.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** acto de supervisionar.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** observar o supervisionado, fazer registos e anotações e no final de toda a observação tirar conclusões.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** ser observado e ser alvo de críticas.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** fazer o melhor trabalho possível com os alunos.

XII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que nos deve ajudar e apoiar, aconselhar em todo o processo do nosso estágio.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** adquirir conhecimentos e prática para me ajudar na vida futura como professor.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** aconselhar, ajudar, ensinar, de forma a transmitir-nos o máximo possível de informação.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** tirar o máximo “partido” de tudo aquilo que me é transmitido, de forma a melhorar o meu desempenho como professor.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** algo que me dá muito gosto fazer. Realização profissional.

XIII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que supervisiona.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em**
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** supervisionar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** supervisionar as aprendizagens dos alunos.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** preparar os alunos para a vida futura.

XIV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa**
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** ajudar os alunos nas dúvidas que possam ter, (em relação às disciplinas ensinadas).
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** supervisionar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** “controlar” a aprendizagem dos alunos (o futuro de Portugal).
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** motivar os alunos, para os preparar para o futuro.

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

10 de Dezembro de 1996

Alunos do 4º Ano do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo de Matemática/Ciências da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve

I

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que orienta e avalia o desempenho dos alunos em situação de estágio, penso que por vezes acabam por inibir um pouco o desempenho dos mesmos.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** avaliação e num processo em que se pretende formar futuros professores, ajudando-os a conhecer melhor o papel que irão desempenhar.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** ajudar o aluno estagiário a ter um melhor desempenho e a evoluir durante o estágio e além disso tem também o papel de avaliar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** fazer o melhor que sei o trabalho que me é proposto e estar aberta a sugestões que possam ser úteis para uma melhor formação.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** tentar alterar a ideia negativa que muitas crianças têm da Matemática. Fazer o melhor que puder para que o insucesso seja menor.

II

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que observa e faz críticas positivas e negativas, mas que devia propor ideias evolutivas e é também uma pessoa que nos inibe e restringe.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** observação.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** motivar, ajudar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** agradar o supervisor e não a mim próprio.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** motivar os alunos a demonstrar gosto em aprender, e não a enchê-los de conhecimentos, conceitos matemáticos sem compreensão.

III

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que deverá ser qualificada para supervisionar o estágio de alunos.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** lacunas existentes no mesmo e que deveriam ser “curadas”.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** ajudar o aluno a ultrapassar dificuldades, tentando sempre que o mesmo se sinta integrado no processo.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** alguém que tenta aprender o máximo, mas que no fundo ninguém tenta ensinar nem se preocupam com tal.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** fazer com que os alunos gostem de Matemática e não se sintam frustrados nem desmotivados, tal como eu fiquei no 2º ciclo.

IV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que orienta o processo ensino-aprendizagem, mais especificamente a prática pedagógica. É um apoio para o aluno-estagiário, ou pelo menos deveria ser.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** uma situação prática em que podemos aplicar os conhecimentos teóricos e outros aspectos de modo a aprendermos com a “realidade”.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** orientar a acção pedagógica, tanto no aspecto do decorrer dessa mesma acção, como no aspecto reflexivo sobre essa mesma acção.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** duplo. O de aluno-estagiário em que aprendo através de uma situação prática e o de “professor” em que “ensino” ou melhor dizendo contribuo para a aprendizagem dos alunos.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** contribuir para uma melhor noção sobre esta disciplina ao motivar os alunos para a aprendizagem desta disciplina.

V

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** uma pessoa que orienta uma determinada “tarefa”, ou seja, um estágio.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** um processo que é orientado por alguém.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** deve ser orientador, ajudar nas dificuldades e colaborar com o(s) aluno(s).
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** tentar aprender, melhorar os erros, corrigir-me o melhor possível, mas na realidade é tentar fazer as coisas à-vontade de cada professor (infelizmente).
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** levar os alunos a aprender da melhor maneira possível, de modo a evitar o insucesso.

VI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** observadora.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** algo que pretende estudar como se desenrola uma situação pedagógica.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** melhorar o objecto em estudo.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** ser manipulado.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** dificuldade.

VII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que condiciona o trabalho do estagiário; inibindo mesmo em certas ocasiões.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** ... bom chegou a altura de me controlar!... Ignora e segue caminho.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** avaliar o desempenho do estagiário.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** não me deixar influenciar e prosseguir o trabalho segundo os meus ideais.

5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** como era bom estar a ensinar ciências.

VIII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** idónea, que “controla” inteligentemente os estágios, de acordo com as normas da escola, apontando pistas de reflexão.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** supervisão crítica sobre a prática, avaliação, stress. Pessoa que também erra e que tem o benefício da dúvida.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** observar, presenciar e apontar pistas de reflexão, avaliar, corrigir (extra aula) e apontar novos caminhos.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** esmerar-me; encaminhar o melhor que sei o processo ensino-aprendizagem; aceitar as “críticas” e retirar delas os ensinamentos necessários.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** aulas dinâmicas e interessantes, em que os alunos sejam os centros das aprendizagens.

IX

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que vai encaminhar os estagiários para uma determinada meta.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** muito trabalho com os alunos que é reconhecido por estes e não pelos supervisores.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** orientar os alunos, observar, avaliar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** desenvolver as actividades o melhor que conseguir para que os alunos aprendam.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** desenvolver nos alunos capacidades de raciocínio rápido e gosto pela Matemática.

X

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que visiona (observa) um futuro aluno no seu estágio. E que comenta e reflecte em conjunto com o estagiário sobre o seu desempenho.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso** num processo complexo e que implica uma grande responsabilidade.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** observar o processo educativo e reflectir sobre o mesmo com o estagiário.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** de aluno estagiário que está ali para aprender, “criar” prática, corrigir ideias erradas, e desempenhar cada vez melhor o meu papel, preparar um melhor futuro para os alunos.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** criar nos alunos alguma motivação acerca desta disciplina que por vezes é vista como um bicho de sete cabeças, e mostrar-lhe que afinal a Matemática é muito útil para o dia à dia.

XI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que, supostamente, deve supervisionar, orientar, aconselhar, ajudar o aluno.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** orientação, desorientação, injustiça, parcialidade, imparcialidade, pouco/muito companheirismo.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** orientar o aluno na sua nova etapa, proporcionar-lhe alternativas, apoiá-lo e motivá-lo.

4. **No Processo de Supervisão o meu papel** é transmitir aos alunos o que me foi transmitido ao longo dos 4 anos, o mais claro e correcto possível.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** procurar mostrar aos meus alunos que a Matemática não é tão difícil nem feia como se pensa, mas sim algo bonito e essencial à vida.

XII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que orienta os alunos na preparação das aulas e ajuda os alunos a superar as dificuldades.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** uma pessoa a quem posso recorrer sempre que me sentir perdida.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** de dar apoio aos alunos.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** tentar melhorar a partir das críticas e elogios.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** muita dedicação e calma com os alunos.

XIII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que deverá estar qualificada para o fazer e não ser apenas um simples professor.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** falhas e injustiças.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** que determina a nota dos alunos.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** ser alvo de observação por parte do supervisor.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** exercer o melhor possível, fazendo com que a mesma não seja frustrante para os alunos.

XIV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que tem de se relacionar bem com os alunos e que não pode ser tendencioso.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** prática pedagógica.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** orientar os alunos por forma a que estes consigam dar o seu melhor.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** de ser supervisionado, observado e criticado.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** não ser igual a alguns professores que são meros oradores, tentarei ser diferente.

XV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que orienta o trabalho de professores ou pessoas em formação com o fim de melhorar a acção pedagógica.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** alguém que me pode ajudar na minha acção pedagógica.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** analisar as dificuldades do aluno e dizer-lhe e propor soluções.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** ouvir com atenção as críticas, sempre numa situação de aprender sempre mais e melhor.

5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** me preparar o mais possível científica e pedagogicamente para poder motivar e permitir uma aprendizagem efectiva por parte dos alunos.

XVI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que vai às escolas ver as actividades dos estagiários, que os ajuda a ficar ainda mais baralhados.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** coisas desagradáveis, tensão, nervosismo, pressão.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** ajudar os estagiários nas suas dificuldades, apoiá-los, acompanhá-los de modo a detectar as suas dificuldades para prestar apoio.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** fazer o meu melhor de modo a aprender progressivamente e a “ensinar” algo.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** algo agradável, que gosto de fazer mas sem a presença de um olhar crítico a observar-me.

XVII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que orienta e coordena um trabalho educativo ou melhor uma acção educativa.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** trabalho acrescido, porque enquanto um trabalha na acção propriamente dita outro se debruça sobre o próprio trabalho da acção.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** o mais importante , ele é o cérebro que reflecte, e que ordena e que comanda.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** subalterno.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** fazer aquilo que gosto.

XVIII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que supervisiona, vigia as nossas aulas, pessoa que tem como finalidade orientar e desorientar as nossas práticas.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** algo que me põe os cabelos em pé.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** baralhar os alunos e desorienta-los o melhor possível.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** tentar transmitir os meus conhecimentos o mais claro possível.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** que devo demonstrar aos meus alunos que a Matemática é algo de essencial para o nosso dia a dia e que não é o “monstro” que todos fazem dela.

XIX

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que vai à sala supervisionar o trabalho dos alunos, vai avaliar com base nos restantes alunos e das suas concepções que tem a respeito desse aluno.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** avaliação, nervoso, numa sala cheia de alunos e no fundo um professor que detecta todos os deslizes.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** de avaliar, muito poucas vezes ajuda e dá apoio, está à espera dos erros por nós efectuados para poder criticar.

4. **No Processo de Supervisão o meu papel é de ser avaliado pelo que faço e pelo que devia fazer, mas não fiz!**
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em dedicar o tempo a pôr os alunos a pensar e tentar acabar com o trauma que é a Matemática nas escolas.**

XX

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa que deverá ser muito humana, deverá colocar-se no papel do aluno antes de o criticar e além de tudo deverá ajudá-lo a ultrapassar certas dificuldades.**
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em poder colaborar o melhor possível.**
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é por vezes só apontar defeitos.**
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é colaborar.**
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em fazê-lo o melhor possível dentro das minhas possibilidades.**

XXI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa capaz de criticar, averiguar e inspeccionar (observar).**
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em preparação do indivíduo para o dia-a-dia como profissional, que venha a ser.**
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é verificar a competência de determinado indivíduo.**
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é inspeccionar a “sabedoria” dos alunos, para lhes poder atribuir uma nota, consoante estes estejam ou não preparados para a profissão.**
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em ensinar aos outros sobre o que eu sei, se souber alguma “coisa”.**

XXII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa que nos pode orientar, dando a sua opinião, mas nunca tentando impor um determinado método de ensino.**
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em aprendizagem e avaliação.**
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é observar, orientar, sugerir e avaliar.**
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é procurar e verificar a opinião do supervisor, para confrontar com a minha, por forma a chegar a uma boa solução para o processo ensino/aprendizagem.**
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em criar condições favoráveis ao processo ensino/aprendizagem, por forma que os alunos tenham um desenvolvimento global das suas capacidades.**

XXIII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa que pensa que sabe tudo.**
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em “Búfalo”, ou seja quanto mais graxa melhor!... Infelizmente é assim. Logo o processo para alguns é uma injustiça.**
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é apenas e só apenas ver o que está mal. Pois elogios é palavra que não existe no seu vocabulário.**

4. **No Processo de Supervisão o meu papel é**, ou deveria ser, sentir-se na “pele dos alunos”.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** que os alunos aprendam Matemática.

XXIV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** muito injusta, indelicada, que não dá incentivo nenhum para os estagiários ultrapassarem as coisas que correm menos bem.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** muito trabalho que muitas vezes não é recompensado.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** apoiar os alunos para atingir certos objectivos e por fim avalia-los injustamente.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** trabalhar numa turma, proporcionando aos meninos experiências/actividades que suscitem interesse na abordagem dos conteúdos.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** realizar actividades motivadoras, para que os meninos tenham interesse pela disciplina de Matemática.

XXV

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que deve auxiliar os estagiários não facilitando-lhes a vida mas fazendo-lhe criticas construtivas de forma a que o mesmo possa evoluir. Um supervisor é alguém com mais experiência que deve orientar os estagiários.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** injustiça, muitas vezes as pessoas são avaliadas não pelo trabalho que fazem mas pelo que são.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** auxiliar, observar, criticar de forma construtiva, avaliar.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** desempenhar o melhor possível o meu papel, aprender, desenvolver algumas capacidades, evoluir.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso** que o mais importante não é os alunos memorizarem fórmulas mas desenvolver a capacidade de raciocínio.

XXVI

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** que orienta os estagiários, ajudando-os no seu desempenho e que, ao mesmo tempo, faz uma avaliação do desempenho.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso em** orientação e avaliação.
3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor é** acompanhar o desempenho dos estagiários para posteriormente fazer uma avaliação dos mesmos.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel é** pôr em prática o que aprendi na teoria acerca do processo de ensino/aprendizagem.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** fazer com que os alunos aprendam Matemática.

XXVII

1. **Para mim o Supervisor é uma pessoa** formada tecnicamente numa área educacional, tanto a nível de conteúdos científicos, propriamente ditos, como também na aplicação dos mesmos, em termos pedagógicos, em todo o processo ensino-aprendizagem.
2. **Quando penso no Processo de Supervisão penso** num trabalho desenvolvido pelo supervisor, no âmbito de controlar o processo ensino aprendizagem dos alunos em estágio, um trabalho que pela sua natureza se torna difícil de avaliar.

3. **No Processo de Supervisão o papel do Supervisor** é controlar de forma educacional, o trabalho desenvolvido pelo estagiário, na aplicação dos seus conhecimentos pedagógicos, em todo o processo ensino-aprendizagem.
4. **No Processo de Supervisão o meu papel** é desempenhar com o máximo de eficácia as tarefas científico-pedagógicas que vão sendo propostas, pelo decorrer do próprio estágio.
5. **Quando penso em Ensinar Matemática penso em** leccionar uma disciplina técnica, que pelo seu conteúdo, exige um tratamento específico, de forma a alcançar em harmonia educacional os objectivos propostos.

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

Este questionário é anónimo e as respostas, confidenciais, serão exclusivamente usadas no âmbito do meu trabalho de Tese de Mestrado em Supervisão.

Solicita-se o favor de: (1) não escrever, em qualquer parte deste documento, o seu nome; (2) responder em letra de forma; (3) utilizar apenas as linhas destinadas a cada uma das frases.

A recolha destes questionários será efectuada por um dos respondentes. Após a referida recolha os questionários serão baralhados e só posteriormente entregues ao investigador.

Identificação

Aluno da: Escola Superior de Educação Unidade de Ciências Exactas e Humanas

1. Que características pessoais, profissionais, relacionais e sociais fazem parte da tua ideia de supervisor?

2. Na Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico, quais são as tuas expectativas em relação:

a) à actuação do supervisor no processo formativo?

b) à aquisição de competências e conhecimentos durante o processo formativo?

c) ao teu desempenho durante o processo formativo?

3. Qual é o papel do Supervisor:

a) na planificação das actividades?

b) na interacção entre o Supervisor e o Supervisando (formando)?

c) na avaliação do Supervisando?

4. Qual dos anteriores aspectos é mais importante para o supervisor?

Planificação Interacção Avaliação

Justifica a tua resposta

5. Para a tua futura actividade profissional de professor os **conhecimentos científicos** adquiridos durante a formação inicial são:

Excessivos Suficientes Insuficientes

6. Para a tua futura actividade profissional de professor os **conhecimentos pedagógicos** adquiridos durante a formação inicial são:

Excessivos Suficientes Insuficientes

7. Durante a Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico as tuas **maiores necessidades** de formação são ao nível dos conhecimentos/competências:

Científicas Pedagógicas

Especifica algumas das tuas necessidades de formação.

8. Durante a Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico quais são as tuas atitudes face:

a) ao supervisor

b) a ti próprio

c) aos alunos

9. Ensinar Matemática é socialmente importante? Porquê?

10. Como se ensina Matemática aos nossos alunos?

Muito Obrigado pela colaboração dispensada a este estudo.

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

Este questionário é anónimo e as respostas, confidenciais, serão exclusivamente usadas no âmbito do meu trabalho de Tese de Mestrado em Supervisão.

Solicita-se o favor de: (1) não escrever, em qualquer parte deste documento, o seu nome; (2) responder em letra de forma; (3) utilizar apenas as linhas destinadas a cada uma das frases.

A recolha destes questionários será efectuada por um dos respondentes. Após a referida recolha os questionários serão baralhados e só posteriormente entregues ao investigador.

Identificação

Aluno da: Escola Superior de Educação Unidade de Ciências Exactas e Humanas

1. Que características pessoais, profissionais, relacionais e sociais fazem parte da tua ideia de supervisor?

2. Na Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico, quais são as tuas expectativas em relação ao processo de formação?

3. Na Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico, quais são as tuas expectativas em relação ao teu desempenho durante o processo formativo?

4. Qual é o papel do Supervisor:

a) na planificação das actividades?

b) na interacção entre o Supervisor e o Supervisando (formando)?

c) na avaliação do Supervisando?

5. Qual dos anteriores aspectos é **mais importante** para o supervisor?

Planificação Interacção Avaliação

Justifica a tua resposta

6. Para a tua futura actividade profissional de professor, quais dos **conhecimentos adquiridos** durante a formação inicial consideras **inadequados**?

7. Para a tua futura actividade profissional de professor, quais dos **conhecimentos não adquiridos** durante a formação inicial consideras **necessários à tua formação**?

8. Durante a Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico quais são as tuas atitudes face:

a) ao supervisor

b) a ti próprio

c) aos alunos

9. Ensinar Matemática é socialmente importante? Porquê?

10. Como é que, na escola, se ensina Matemática aos alunos?

Muito Obrigado pela colaboração dispensada a este estudo.

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

14 de Março de 1997

Alunos do 4º Ano do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo de Matemática/Ciências da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve

I

1. Deve ser amigo, crítico na altura certa e ser bom conselheiro, enfim um verdadeiro pai, que ouve, vê os nossos erros e em vez de nos criticar, aconselhar-nos e nos ajuda sempre nos momentos mais difíceis.
2. Durante todo este processo pretendo saber enfrentar qualquer tipo de situação que possa vir a surgir na minha vida futura.
3. Durante este processo espero que "os meus alunos" aprendam e que não me achem chata e monótona.
4.
 - a) No meu entender um supervisor deveria ser uma pessoa que se encontra sempre disponível para nos ajudar, e nos aconselhar, sempre que necessitamos.
 - b)
 - c) O supervisor, tem todo o poder.
5. Interação. Porque é durante a nossa interação com os alunos que o supervisor pode verificar realmente quais as nossas potencialidades.
6. De um modo geral penso que todo o curso deve ser remodelado.
7. Um dos conhecimentos não adquiridos, isto é muito pouco tratado é a avaliação.
8.
 - a) Passiva.
 - b) Extremamente crítica, nunca fico contente comigo própria.
 - c) Tento ser uma amiga que está ali para ajudá-los e não uma ditadora que está na sala apenas para despejar a matéria.
9. A Matemática é extremamente importante porque de uma forma ou de outra a Matemática faz parte do nosso dia a dia.
10. Na maioria das vezes a Matemática é impingida e não ensinada. Quem sabe, sabe, quem não sabe paciência.

II

1. Deve ter formação específica para lidar com estagiários (No caso do professor acompanhante esta não existe). Deve estar consciente da posição do estagiário onde esta está sobre pressão para dar o seu melhor, e as críticas a fazer têm que ser cuidadas sob a forma de como estas são transmitidas uma vez que pode afectar negativamente o estagiário embora essa não seja a intenção.
2. Muito útil e muito curto, penso que preparar um professor para o 2º ciclo exige mais do que 8 semanas por disciplina, esperava ter muita ajuda dos supervisores que nos ajudassem antes e depois da acção.
3. Tenho a certeza que irei dedicar-me ao máximo neste estágio, penso que o mais importante para mim como futuro professor é fazer tudo para que os alunos aprendam os conteúdos e que sintam gosto para ir à escola.
4.
 - a) Fraco, os supervisores só se preocupam com a data da entrega da planificação e não se esta poderá significar uma boa aula.

- b) O supervisor é muito importante para os estagiários em termos de o ajudar no seu desempenho, contudo estes estão mais preocupados em arranjar críticas para mostrarem que sabem mais do que sabem.
- c) O que geralmente o Supervisando só pensa é na sua avaliação, e constrói o seu juízo de valor sobre o supervisor após a avaliação.
5. Interação. Tem que haver uma boa relação entre o supervisor e o Supervisando, este tem que estar sempre à vontade para receber críticas e colher ensinamentos.
6. Nenhum, para ser professor do 1º ciclo e 2º ciclo de Ciências e Matemática, deveríamos ter pelo menos 7 a 8 anos de formação, isto será viável? Penso que não, não existe um aluno na E.S.E. que tenha vindo para este curso que goste a 100% de ser professor (1º Ciclo e 2º Ciclo Mat/CN). O que acontece é que uma é a vocação natural, as outras vem por arrasto.
- 7.
- 8.
- a) Tenho sempre que lhe dar razão a nível científico e pedagógico e aprender sempre com ele e seguramente sabe mais do que eu.
- b) Dar o melhor de mim próprio, e ignorar não o conteúdo das críticas (leva-lo sempre em conta) mas a estupidez de como por vezes é transmitidas.
- c) Para mim os alunos são o centro da aprendizagem, eles é que me dizem se estou bem ou mal.
9. Sem dúvida, é muito importante porque a tecnologia precisa de Matemática.
10. Muito mal, sem formação específica (1º Ciclo) um professor, sem Matemática desde o 9º ano, pode leccionar Matemática. (2º Ciclo) Um professor sem a mínima vocação (pode ter muita vocação a ciências) pode vir a leccionar Matemática. (3º Ciclo) Dispensa comentários, no Algarve só uma pequena percentagem tem formação académica de um curso vocacionado para o ensino. (Secundário) Existe uma sobrecarga a nível científico com muita exigência e isso poder-se-à reflectir nos alunos.

III

1. Deve ser uma pessoa aberta a ideias, e que possua uma capacidade inata de se relacionar com diferentes tipos de pessoas. Deve ainda ser um bom profissional, mantendo a sua avaliação na objectividade.
2. Considero que nos ajuda imenso na nossa formação como futuros profissionais, na medida de promover um contacto com certas situações das quais possamos tirar ilações ao reflectir sobre elas, úteis a um melhor desempenho futuro.
3. Considero que vai ser uma boa experiência, pelo menos têm sido até agora.
- 4.
- a) Meramente de orientador.
- b) Elucidar, acompanhar e levar, caso não parta inicialmente do próprio formando, o formando a reflectir sobre certos aspectos que se tornam de demasiada importância para o processo ensino-aprendizagem.
- c) Devia ser o mais objectivo possível, o que muitas vezes não acontece, como em qualquer avaliação, devido ao pouco contacto que lhes é "proporcionado" com o formador!.

5. Interação. Considero que os supervisores deverão ter bastante em conta este aspecto da interação pois é esta que reflecte, por vezes, todo o trabalho que está por detrás.
6. Bastante teoria que não tem uma aplicabilidade concreta na nossa futura profissão de professores. Acho que os "verdadeiros" conhecimentos adquirimos com a prática (experiência).
7. A teoria necessária mas numa aplicabilidade concreta prática.
8.
 - a) de aceitação, vendo alguém que me pode ajudar na minha própria aprendizagem.
 - b) de auto-crítico mas de uma forma construtiva, de forma a aprender e desenvolver capacidades necessárias ao professor.
 - c) de alguém por quem me sinto responsável, porque tudo o que fizer os afectará de alguma forma.
9. Sim, porque vivemos numa sociedade essencialmente de informação e em que a Matemática se torna cada vez mais o "pão nosso de cada dia".
10. Através da experimentação, da resolução de problemas, de actividades em que sejam eles próprios a chegar "lá" e não através de algo imposto como verdade absoluta.

IV

1. Deve ser uma pessoa directa que aponta os aspectos positivos e negativos do nosso trabalho, deve criar, ou deixar criar, quanto possível uma boa relação, deixa trabalhar mas dá ideias quando necessário.
2. Espero vir a aprender alguma coisa de útil para a minha futura actividade, e não vir a descobrir que estou na profissão errada.
3. Terminar o estágio e ficar contente comigo própria, sem ter a sensação de poder a vir ficar frustrada com a profissão que escolhi.
4.
 - a) Dar ideias, apontar quais as que a princípio não resulta e as que podem dar bons resultados.
 - b) Apontar erros, apontar erros e falar deste ou daquele ponto positivo.
 - c) Compara-se consigo próprio.
5. Interação. Da avaliação nunca se falou, a planificação fica ao meu critério, na interação é onde mais se pondera, discute e se reflecte.
6. Não considere nenhum inadequado, foram é pouco direccionados e insuficientes, principalmente no que se refere a aspectos práticos, como formas de explorar conteúdos, formas de agir perante certas atitudes, como fazer um bom teste, enfim coisas tão simples como estas.
7. Faltou ajustar a teoria à prática.
8.
 - a) Alguém que está ali para me ajudar.
 - b) Tentar-me controlar e fazer o melhor trabalho possível.
 - c) Tento fazer com que desenvolvem cada vez mais as suas capacidades.

9. Sim, porque ajuda os alunos a resolverem os problemas do dia a dia. Não só os problemas matemáticos mas também os problemas em geral, pois aprendem a não desistir das coisas.

10. Resumidamente: $2 + 2 = 4$

Aluno: O que é o 4?

Professor: é a soma desta adição.

V

1. Julgo que deve ser uma pessoa profissional no que faz, tanto como professor, como orientador, capaz de sugerir e de aceitar sugestões.

2. Julgo que o meu processo de formação está de certa forma condicionado, devido ao facto de termos de "agradar". Não quero com isto dizer que não aprendamos nada, pelo contrário, mas que estamos condicionados é verdade.

3. Espero ter um desempenho razoável, acima de tudo na forma de conduzir as aprendizagens e no relacionamento com os alunos.

4.

a) Penso que é mais uma pessoa que nos pode ajudar a decidir o que é melhor e mais adequado.

b) Uma pessoa que pode motivar, mas também desmotivar.

c) O principal papel.

5. Interação. A planificação é algo muito pessoal do Supervisando e a avaliação é algo que se vai construindo através da interação.

6. Educação Musical.

7. Conhecimentos na área da psicologia e pedagogias práticas no 2º Ciclo.

8.

a) Alguém a quem tenho de justificar o que fiz e porque fiz, do qual espero respostas concretas e directas.

b) Tentar ultrapassar dificuldades que existam, exigindo cada vez mais. Ser o mais natural possível durante o acto Ensino/Aprendizagem.

c) um bom relacionamento por forma a inculcá-lhes o gosto por aprender.

9. Sim. Porque a Matemática é uma disciplina que envolve interação entre os alunos e entre aluno-professor.

10. Ensina-se Matemática da forma que se faz Matemática, isto é, descobrindo e criando.

VI

1. Este grupo de características resume-se: o supervisor é cooperante, competente, sociável, crítico (a nível construtivo).

2. As minhas expectativas são boas, pois neste caminho de prática pedagógica VI espero evoluir progressivamente com as críticas construtivas que me fazem, aprendendo com elas maneiras de me posicionar na situação de aula.

3. Espero que o meu desempenho evolua a nível quantitativo (seja cada vez maior) e a nível qualitativo (seja cada vez melhor).

4.

a) O principal papel é ajudar-nos a planificar as estratégias e actividades, e a saber como explorá-las ao máximo.

b) É necessário estabelecer uma boa relação, aceitando sempre as suas críticas, tendo sempre presente tentá-las ultrapassar.

c) Tomar consciência de todo o empenho que o Supervisando dedicou a toda a prática pedagógica.

5. Interacção. Torna-se importante a interacção que se estabelece com o supervisor, aceitando as suas críticas, ultrapassá-las, motivando-nos para termos um desempenho cada vez melhor.
6. A nível de: Educação Física e Musical e a nível da área da Psicologia/Sociologia não ser tão exagerada.
7. Estratégias/Actividades para alunos com necessidades educativas especiais; como explorar recursos, materiais na sala de aula.
8.
 - a) Aceitar sempre as suas críticas.
 - b) Ultrapassar os aspectos que não correm bem, tentando cada vez mais ter um desempenho profissional.
 - c) Rentabilizar ao máximo todo o processo Ensino/Aprendizagem, motivando-os, de modo a que eles aprendam.
9. Sim. Porque a Matemática está sempre presente em toda a nossa vida, mais propriamente no nosso dia a dia.
10. Só há ensino, quando realmente houve aprendizagem por parte dos alunos e para isso é necessário adequar as estratégias/actividades aos nossos alunos, motivando-os para aprender.

VII

1. Alguém que tenha anos de profissionalismo, seja compreensivo.
2. As expectativas são de que me prepare minimamente para uma possível carreira e que a partir daqui possa evoluir.
3. Que pelo menos detecte se tenho capacidade para ser professor.
4.
 - a) Orientar as actividades propostas pelo Supervisando.
 - b) Fornecer informação sobre a acção.
 - c) Informar o Supervisando sobre os seus progressos.
5. Interacção
6. Uma excessiva importância da planificação.
7. Formação em termos de avaliação.
8.
 - a) Submissão
 - b) Perseverança, sobrevivência.
 - c) Colaboração, interajuda.
9. Sim. Porque continua a ser a única disciplina que pode garantir sucesso a nível social, "Status", isto é o que se pensa.
10. Talvez desfasada da realidade.

VIII

1. Quanto a mim as características pessoais de um supervisor, é que deve ser uma pessoa que possua sentimentos de empatia e compreensão. Deve ser uma pessoa

- com uma grande capacidade de comunicação, espírito crítico e aberto a novos desafios.
2. As minhas expectativas são de ficar com uma visão do que é o mundo da educação nas nossas escolas, e além do mais aprender alguma coisa e se não for mais fica como uma experiência que não voltaremos a ter!
 3. As minhas expectativas em relação ao meu processo de formação serão de fazer o meu melhor por forma a que os alunos aprendam alguma coisa e eu também.
 4.
 - a) É de nos ajudar, ou seja, verificar se as actividades são ou não adequadas a determinada situação.
 - b) É de entretajuda e cooperação, por forma a que no fim do estágio tenhamos aprendido algo.
 - c) É de criticar, comentar e fazer inferências e dar algumas ideias.
 5. Interação. Visto que o mais importante é a forma com que as pessoas lidam umas com as outras, quais as ideias e conhecimentos que trocam.
 6. Não direi inadequados mas menos próprios, pois devíamos ter formação ao nível da planificação de aulas, metodologias a utilizar, etc.
 7. No que diz respeito a materiais concretos a utilizar e mais, qual a melhor forma de os utilizar.
 8.
 - a) Estar aberto a críticas quer de que tipo sejam, pois todas são construtivas e de cooperação.
 - b) De confiança, espírito crítico e reflexivo e mais importante de descontração.
 - c) De amizade, brincadeira, apoio, compreensão.
 9. Sim. Visto que hoje em dia a Matemática surge-nos em todo o lado.
 10. Na maioria das escolas ensina-se Matemática tradicional, tipo "impingir" conhecimentos e não utilizar meios tipo "aprender fazendo".

IX

1. Pessoa pronta a colaborar, com "grande" conhecimento acerca daquilo (disciplina) que supervisiona. Penso que será uma pessoa que procura melhorar não só os Supervisandos como a si também.
2. É importante na medida em que estou em contacto directo com a realidade, do que é um professor de Matemática e ciências da natureza.
3. Aprender todos os dias um pouco mais, para quando chegar ao fim poder dizer: afinal serviu para alguma coisa.
4.
 - a) Auxiliar quando necessário, uma vez que tem mais experiência.
 - b) É essencial uma vez que é ele que auxilia quando necessário.
 - c) É definitivo porque é ele que vai definir a "nota".
5. Avaliação. Porque muitos supervisores já tem uma ideia prévia dos alunos, como tal,
6. Variadíssimos: Área de física e química, educação física e outras que cá estão só para encher o currículo e não vão servir para ser colocadas em prática.

7. Mais actividade práticas, ideias acerca dos temas a leccionar em ambas as disciplinas.
8.
 - a) Com os cooperantes existe uma relação próxima e poder-se-à dizer até amiga. Com os orientadores existe uma relação mais "olhar por cima do pedestal".
 - b) tentar melhorar os aspectos mais negativos todos os dias.
 - c) Procurar "tratá-los" do modo como eu gostaria de ser "tratada". Boa relação.
9. É, uma vez que não é uma fatia estanque, mas sim uma parte.
10. Ensina-se de um modo muito pouco original e estimulado.

X

1. Supervisor deve ser uma pessoa que deveria ter algumas regras a cumprir. Será que cumpre?
2. As minhas expectativas são óptimas até agora, no final logo se vê se as expectativas serviram para alguma coisa. Espero adquirir conhecimentos que me servirão de base para a vida futura.
3. Espero dar o meu melhor.
4.
 - a) Deveria ser de orientar o aluno. Mas será que orienta?
 - b) Deveria ser o mais esclarecedora possível. Será que é?
 - c) Muitas vezes (a maioria) injusta. Até parece que ganham alguma coisa procedendo desse modo.
5. Avaliação. É só para que servem (muitos deles), mas há excepções.
6. A maioria (mas claro há excepções).
7. São tantos que só três linhas não chega para mencioná-los e como não se pode escrever mais de três linhas fico só por aqui.
8.
 - a) As melhores possíveis.
 - b) Exige de mim o máximo.
 - c) As melhores possíveis.
9. Sim. Desde que seja com peso e medida.
10. Cada professor ensina da maneira que mais lhe convêm ou talvez da maneira que lhe dê menos trabalho (Não deveria ser assim).

XI

1. Como pessoa não comento porque todos são diferentes, como profissional julga-se o melhor. Relativamente à relação com os alunos é fria e distante. No que se refere às características sociais é um indivíduo como tantos outros.
2. Espero aprender muito e ficar preparada para enfrentar a realidade escolar que já vi não ser o que pensava... julgo que o mais importante é viver as situações, enfrentar as dificuldades, etc... tudo visando a aprendizagem.
3. Farei o melhor que conseguir e tentarei aprender à custa dos erros que inevitavelmente irei cometendo.

4.
 - a) Penso que deveria colaborar a todos os níveis, ajudando a planificar as actividades uma vez que a sua experiência lhe permite um melhor conhecimento. Contudo isso normalmente não se verifica.
 - b) Papel muito importante que pode ser muito benéfico quando há alguma disponibilidade da sua parte e interesse em colaborar. Algumas vezes isso não acontece.
 - c) Papel primordial pois é ele quem avalia embora se comente que o Supervisando se auto-avalia e que a decisão sobre a avaliação não lhe cabe apenas a ele (supervisor).
5. Avaliação. O supervisor apenas avalia, não importa os "esforços" dos Supervisandos, nem as condições em que trabalham, nem as dificuldades que têm que ultrapassar, nem nada...
6. Educação musical, físicas e químicas...
7. Devíamos aprender a fazer testes, cotações, grelhas de avaliação, burocracias relativas à escola, justificações de faltas, funções de Director de turma, materiais que se podem utilizar nas aulas e mais outros mil e quinhentos que não consigo mencionar em tão pouco espaço.
8.
 - a) As melhores que posso...
 - b) Exige o máximo de mim mas numa perspectiva de aprendizagem, de erro-reformulação.
 - c) As que considero mais convenientes e importantes para um bom relacionamento e progresso tanto meu quanto dos alunos.
9. Sim, porque a sociedade está tão matematizada que sem a Matemática o mundo não avança.
10. Muito mal, penso até que não se ensina Matemática, transmitem-se regras e fórmulas sem conexão nem sentido.

XII

1. Deve ser uma pessoa sem preconceitos, que tenha passado pela experiência de ter sido Supervisando, deve ser sensível e competente.
2. Necessito de sentir que realmente aprendi a ser um bom professor. Esta prática apesar de curta, deve proporcionar no Supervisando sentimento de que está preparado profissionalmente.
3. Desejo melhorar sempre e aceito críticas desde que as compreenda e elas possam ser construtivas. A minha atitude é a de mudar para melhorar.
4.
 - a) Deveria ser de orientar e também propor sugestões sempre que ache importante para o Supervisando e para os alunos que estão envolvidos. É pouco orientador, sem sugestões e as críticas só surgem após as aulas o que prejudica não só o Supervisando mas também os alunos.
 - b) Os encontros são em espaço aula o que não permite interacção a não ser o espaço críticas curtas que são por vezes bem recebidas por mim.
 - c) A minha avaliação será do meu desempenho na aula.
5. Avaliação. Esta avaliação é a do desempenho (meu) na aula.

6. A grande carga das Matemáticas que não estão apropriadas nem adequadas ao que necessito para o Ensino da Matemática.
7. Principalmente Matemática do 2º ciclo (actividades) mais sobre biologia e outras relacionadas com necessidade reais sobre problemas dos alunos.
8.
 - a) Aceitar as criticas sempre que as compreenda.
 - b) Melhorar sempre o desempenho.
 - c) Preocupar-me de forma a motivá-los e nunca prejudicá-los mais (Isto porque eles estão a ser utilizados).
9. Sim é um instrumento necessário na formação do indivíduo.
10. Nesta sem utilidade prática. No 2º ciclo é também o que acontece na maior parte do tempo.

XIII

1. Pessoa séria...
2. Consolidar a teoria com a prática.
3. Esforçar-me o mais possível ultrapassando as minhas dificuldades.
4.
 - a) Pouco esclarecedor do que pretende.
 - b)
 - c) Ter em conta o modo como correram as aulas.
5. Avaliação
6. Físicas e Químicas.
- 7.
8.
 - a) Agradá-lo.
 - b) Ir em frente mesmo quando as coisas não correm da melhor maneira.
 - c) Motivá-los.
9. Sim. Porque quem não sabe Matemática não consegue a sua integração na sociedade.
10. Tentando relacionar as actividades com o dia a dia dos alunos.

XIV

1. Deve ser uma pessoa sociável, competente, ter sentido critico. Além disso deve ser capaz de avaliar de uma forma coerente e realista.
2. As minhas expectativas não são muito positivas, pois considero que temos pouco tempo, além disso estamos condicionados pela avaliação e pela sobrecarga de trabalho. No entanto espero aprender ideias básicas e ficar com uma ideia do que se passa no ensino.
3. Na verdade sei que me vou esforçar bastante. Mas, sei que tenho que ultrapassar algumas dificuldades. No entanto, penso que o meu desempenho será razoável.
4.
 - a) Na minha opinião, nesta situação o papel do cooperante é mais importante e indispensável, pois é ele que conhece a realidade dos alunos. O orientador da E.S.E., tem mais o papel de avaliar se a actividade estava bem ou mal planificada, sem adiantar grandes ajudas.

b) supervisor deve dar ao Supervisando os feedback necessários para os ajudar a progredir durante o processo de formação. Deve fazer críticas que sejam construtivas, evitando gozar com as dificuldades dos alunos para que seja possível uma boa relação.

c) É avaliar, segundo os seus critérios o trabalho que o Supervisando desenvolveu ao longo da sua prática pedagógica.

5. Avaliação. Eu penso que o supervisor se preocupa demasiado com a avaliação.
6. Inadequados, não sei muito bem. Mas indispensáveis bastantes, essencialmente as cadeiras do 2º semestre do 1º ano.
7. Falta uma ou mais cadeiras, especificamente sobre avaliação e formas de avaliar (técnicas de avaliação, como fazer um teste, etc....).
8.
 - a) Respeito as ideias que me sugere, aceito as críticas, se considerar que têm fundamento.
 - b) Tento exigir o máximo de mim próprio.
 - c) Esforço-me por ajudá-los, e tento ter com eles um bom relacionamento.
9. Evidentemente que sim. Hoje em dia a linguagem Matemática é importante para comunicar.
10. Eu penso que se ensina, de forma a inculcar nos alunos processos de mecanização.

XV

1. Um supervisor é essencialmente um crítico da arte de ensinar. No entanto, todas as críticas de um supervisor deverão ser construtivas, ou seja, não deverão desmotivar, mas sim motivar os Supervisandos a melhorar o seu desempenho.
2. O processo de formação deverá ter como lema "aprender com os erros" (os nossos e os dos outros), de forma a que os formandos se apercebam desses erros e encontrem formas de os corrigir.
3. Espero melhorar todos os aspectos que sejam criticados pelo supervisor, de forma a sentir-me apto a desempenhar as funções de professor.
4.
 - a) Conselheiro.
 - b) Mestre.
 - c) Juiz.
5. Avaliação. A avaliação será o clímax de todos os aspectos do processo de formação.
6. Muitas teorias acerca do processo Ensino/Aprendizagem, sem aplicação prática.
7. Mais conhecimentos acerca de situações práticas, casos concretos - como lidar com esses casos.
8.
 - a) Causar boa impressão.
 - b) Atitudes de reflexão, de forma a aperceber-me de todos os pormenores que possam melhorar.
 - c) Fazer com que eles aprendam num clima de "à-vontade".
9. Sim, porque a Matemática faz parte do nosso quotidiano. Quando vamos às compras, quando queremos fazer uma refeição para x pessoas, etc.

10. Actualmente o Ensino da Matemática tende para uma construção do conhecimento, na qual, tem relevante importância a resolução de problemas.

XVI

1. Deve ser amigo, compreensivo, saber aquilo que pretende. Despender de tempo e não se limitar simplesmente a criticar.
2. Espero que me seja muito útil na vida futura.
3. Espero que vá melhorando.
4.
 - a) Deve dar o seu parecer e até propor outras se lhe parecer melhor.
 - b) Orientar, apoiar e ajudar o formando.
 - c) Deve ter em conta todo o trabalho e empenho do formando.
5. Planificação. É a partir da planificação que se vai desenvolver todo o trabalho.
6. E. Musical, Desenho, E. Física.
7. Mais conhecimentos sobre as cadeiras base do curso.
8.
 - a) Tento ouvir os seus pontos de vista, tenho em conta as suas opiniões e conselhos.
 - b) Calma.
 - c) Tentar que eles me compreendam, ser amiga e justa.
9. Sim. Porque a Matemática faz parte do nosso dia a dia.
10. De uma maneira muito mecanizada. Não se relacionando com o real.

XVII

1. Conselheiro, compreensivo, amigo, orientador, cooperante.
 2. Criar um relacionamento positivo com os alunos, de modo a motivá-los para as aprendizagens. Aprender e melhorar as prestações de formação pessoal.
 3. Empenhar-me para tentar dar o meu melhor. Intervir, aceitar críticas construtivas.
 4.
 - a) Orientar e alertar, com a sua experiência para determinadas situações...
 - b) Apoiar, cooperar, cumplicidade,...
 - c) Definir critérios de observação sistematizada, mas não generalizar!
 5. Interação. Porque de um bom relacionamento, poderão surgir situações de interiorização muito significativas.
 6. Algumas planificações diárias, pouco práticas, demasiado teóricas e empíricas... Para já!
 7. Conjecturas em termos de avaliação (orientações). Disciplinas mais práticas em relação a actividades de 2º Ciclo. Mais formação específica.
 8.
 - a) Filtrar a informação, definindo o que é essencial do que é acessório.
 - b) Dedicar-me para tentar dar o meu melhor. Investigar e melhorar o meu relacionamento pessoal. "Divertir-me".
 - c) Tentar compreendê-los e pensar que já passei por aquela idade. motivá-los criando-lhes novos centros de interesse.
 9. Sim. Porque a Matemática é essencialmente prática, seria inconcebível alguém ir a um supermercado e não saber sequer o que está a fazer...
 10. Através de situações problemáticas do dia a dia.
-

XVIII

1. O supervisor em termos pessoais, relacionais e sociais deve sustentar e promover harmoniosamente a dimensão humana da aprendizagem, gerindo todo o processo de forma flexível. Em termos profissionais deverá condicionar o seu trabalho Científico-Pedagógico, às necessidades existentes, para que em conjunto com as características anteriores, se complementem na formação de um todo.
2. O processo de formação, tal como a própria palavra indica, direcciona-se na análise das formas, métodos e estratégias de ensino, que condicionem o formando e o ensinam num "caminho" sequencial e evolutivo para os objectivos a atingir.
3. O meu desempenho deverá ir de encontro aos objectivos do estágio, de maneira a poder usufruir de um processo conscientemente organizado e tecnicamente adaptativo, na tentativa de realizar uma simbiose entre a minha própria noção de estágio e a noção já previamente estabelecida.
4.
 - a) O papel do supervisor em gerir racionalmente a planificação de actividades, para que o estagiário possa rentabilizar um processo à formação nas suas múltiplas vertentes.
 - b) A interacção é gerida no sentido, de tentar reflectir e posteriormente concluir, sobre as actividades e situações pedagógicas a encarar.
 - c) Na avaliação o supervisor, face às observações realizadas e à sua própria noção e formação pedagógica, estabelecer critérios classificadores que justifiquem a sua opinião sobre o trabalho realizado.
5. Planificação. A planificação bem organizada e flexivelmente concebida acaba por a médio e longo prazo facilitar e envolver positivamente também a interacção e a avaliação, para que em conjunto se alcance um fim comum.
6. Para a profissão de docente não se poderá estabelecer rigorosamente fronteiras entre conhecimentos inadequados e adequados, no entanto, as disciplinas que valorizam a componente Científico-Pedagógico em relação aos objectivos directos do curso, poderão se considerar mais direccionados e por isso também mais adequados, nomeadamente no campo da Matemática, Biologia, Psicologia e Pedagogia.
7. Deveria haver durante o curso também disciplinas ou áreas mais específicas e pormenorizadas face ao que é realizado no estágio, transmitindo antes deste uma ideia precisa e objectiva do que se vai realizar.
8.
 - a) As minhas atitudes são tentar gerir da melhor forma o tratamento das necessidades e actividades que vão surgindo, no estágio, para que não só o formando mas ambos, possam rentabilizar ao máximo o trabalho realizado.
 - b) Face a mim próprio tento condicionar a minha própria pessoa no sentido, de realizar com gosto e produzir resultados em prol da minha formação e dos alunos que posteriormente serão "alvo" do mesmo.
 - c) Face aos alunos, as atitudes serão na tentativa de participar activamente no seu desenvolvimento global, para que ao nível deles, possam beneficiar dos meus conhecimentos, manobrando este processo com a sensibilidade humana que ele merece.

9. É socialmente importante porque se as aprendizagens forem realizadas com as estratégias suficientemente competentes, promove-se a relação sócio-afectiva, uma vez que se trabalha para um fim comum, o que em muito
10. A Matemática é uma área muito discutível em termos de processos de aprendizagem, pois são múltiplos os factores que condicionam esta situação, no entanto, a nível das escolas está ainda muito ausente o carácter dinâmico e lúdico que a natureza da aprendizagem sobre a Matemática, exige por excelência.

XIX

1. O supervisor deve ser: frontal, directo, amigo, crítico, qualificado para supervisionar, inteligente, simpático.
2. Espero que esta prática me proporcione os meios certos para combater o insucesso dos alunos ou pelo menos melhorar os resultados dos alunos e sobretudo a ser um professor amigo e imparcial.
3. Espero, acima de tudo, que os alunos aprendam comigo e eu com eles. Espero ter capacidade para identificar os meus possíveis erros e corrigi-los.
4.
 - a) Deve indicar o que está errado, mas orientar de modo a que o estagiário não volte a errar, mas também ajudar aquando da planificação.
 - b) Orientar, observar, criticar, estimular, dialogar.
 - c) Fundamental, crucial para um bom desempenho e autoconfiança na futura vida profissional ("Do estagiário").
5. Planificação. Se a planificação não for o mais correcto é já um indicador de que o estagiário não é um bom aluno, não é criativo, mesmo que não tenha tido a formação necessária para tal.
6. Sobretudo as cadeiras de música, plástica de materiais e outras cadeiras que fazem parte do curso do 1º ciclo.
7. Há grandes falhas relativamente às cadeiras de Matemática e Ciências ou melhor, há pouca formação, poucas cadeiras, perde-se muito tempo com as cadeiras do 1º ciclo.
8.
 - a) Sei ouvir e normalmente aceito bem as críticas desde que sejam fundamentadas.
 - b) Procuo ser autocrítica e confiante. E questiono sempre aquilo que faço.
 - c) Sou afável, imparcial e procuro transmitir o mais claramente possível e correctamente os conteúdos.
9. Porque a Matemática faz parte do quotidiano. Sem conhecimentos matemáticos seremos uns inadaptados e socialmente passivos.
10. Não é transmitido aos alunos o quanto a Matemática é fundamental e importante para sermos socialmente activos. Ela é ensinada de uma forma enfadonha e desmotivante.

XX

1. Crítico construtivo, sincero, companheiro
 2. Só críticas. Pois os elogios duvido que os chegue a conhecer.
 3. Que me seja ensinado algo de útil para que eu possa aplicar para os meus anos futuros.
-

4.
 - a) Propor estratégias que se adequem a um melhor desempenho das actividades apresentadas pelo Supervisando
 - b) Orientar o Supervisando
 - c) Deveria ser sem influência ou ideias pré-concebidas.
5. Interação. Porque é nesta perspectiva que se podem ajudar mutuamente tanto o supervisor como o Supervisando
6. Muito deles. As cadeiras quase todas. No estágio final, acho inútil o tipo de planificação que nós fazemos. Porque, na realidade nenhum professor faz planificações e muito menos plano do dia, reflexões.
7. Penso que devia haver uma cadeira chamada "Estratégias adequadas aos conteúdos que vamos leccionar no âmbito das Ciências e da Matemática".
8.
 - a) Tentar sempre ou quase sempre abanar a cabeça de cima para baixo.
 - b) Levantar o astral quando os supervisores o baixam.
 - c) De ajudar
9. Sim. Porque sem a alfabetização Matemática é "quase" impossível sobreviver na sociedade actual.
10. Penso que em todas as escolas os alunos vêem a Matemática como algo inútil para o seu dia-a-dia.

XXI

1. Supervisor deve ser um orientador, mas um orientador crítico, construtivo e não destrutivo, que nem só diga o que está incorrecto, mas o porquê dessa incorrecção e dar uma ideia de como melhorar.
2. Espero aprender bastante, porque a realidade prática é completamente diferente da teoria, na teoria tudo é certo e bonito, mas na prática é que nós aprendemos, é que sentimos as dificuldades, é que improvisamos e descobrimos.
3. As minhas expectativas é realizar um bom trabalho na medida do possível, é aprender bastante, porque quando entrei não fazia ideia do que era na verdade a realidade prática. Espero com esta prática solucionar em parte a grande lacuna que existe neste curso, a grande discrepância entre o que se diz aqui dentro e o que se faz lá fora.
4.
 - a) O papel deste é um pouco distante, (faz e eu vejo), embora às vezes até dê algumas sugestões bastante oportunas (ESE). Escola - Muito interactivo, com sentido de responsabilidade, de ajudar a "construir" o melhor possível.
 - b) ESE - É interactivo e interessado. Escola - Há uma interacção total, que posso considerar excelente, aberta e espero que continue.
 - c) Ter consciência da realidade prática, das dificuldades e lacunas com que este chega à prática.
5. Interação. Porque se preocupa como o Supervisando, com o seu estado de espírito, dialoga, estimula.
6. As didácticas das ciências, os conteúdos tratados não tem nada a ver com a realidade. História, literatura para a infância, Prática V.

7. Conhecimentos científicos concretamente nas áreas a leccionar, principalmente nas ciências, a construção de materiais (Fichas, grelhas de avaliação, etc.)
8.
 - a) Abertas, positivas, busco neles aquilo que me falta - as bases. Positivas, amigáveis.
 - b) Sou muito exigente comigo própria, culpo-me por não saber mais sobre determinados conteúdos.
 - c) Positivas, amigáveis, procuro dar a eles aquilo que muitas vezes não tive - atenção.
9. Sim. Porque a Matemática está em todo o lado, mas infelizmente a que se ensina ainda tem grandes discrepâncias da realidade.
10. De modo a que eles mecanizem. Infelizmente praticamente nada de resolução de problemas e pouca aplicabilidade à realidade social.

XXII

1. Bem formado a nível da área que supervisionam. Mal formado a nível relacional. Geralmente não compreendem que somos inexperientes e que erramos.
2. Espero aprender o que não me ensinaram durante os anos anteriores, ou seja, o que está directamente relacionado com a minha futura vida profissional.
3. Conseguir ultrapassar os erros iniciais e progredir ao longo da estágio.
4.
 - a) Nenhuma, uma vez que só vêm as planificações depois das actividades já estarem realizadas. Não há apoio!
 - b) Não há interacção quase nenhuma. Apenas para criticar o que está mal sem dar sugestões para se fazer melhor.
 - c) Ideias pré-concebidas.
5. Interacção. Interacção do formando com os alunos, ou seja, a realização das actividades. A parte prática está acima de tudo.
6. Os conhecimentos de "decorar", ou seja, aqueles que ficaram durante um dia e que depois se esquece. O que não se integra na vida quotidiana.
7. Tudo o que está relacionado com a elaboração de fichas de avaliação, cotações para cada questão e manipulação de materiais.
8.
 - a) Sorriso na boca e estômago revoltado.
 - b) critica e ser sempre eu própria.
 - c) Compreensão, apoio. Não diferenciar os alunos e tentar sempre motivá-los para a aprendizagem.
9. Sim. Porque a Matemática é essencial para a vida futura de todos os alunos.
10. Tradicionalmente, sem (muitas vezes) se preocuparem em motivar os alunos para o "gosto" de aprender Matemática.

XXIII

1. supervisor deve ser: compreensivo, ter capacidade de se colocar na situação do Supervisando, de forma a apoiar nas dificuldades, deve ter formação suficiente tanto a nível pedagógico como a nível cognitivo, deve ter a capacidade de não rotular os alunos quanto às suas capacidades.

2. Este processo de formação deve proporcionar-me o maior número de situações diferentes de forma a aprender e poder utilizar na vida futura, de modo adequado à situação futura.
3. Espero que o meu desempenho promova frutos nos alunos da turma onde estou a estagiar. Espero que o desempenho seja criticado (positiva e negativamente) para a turma sair beneficiada e eu aprender com os erros.
4.
 - a) O papel é quase nulo, não dá grande apoio nem aconselhamento, no entanto o professor cooperante tenta inteirar-se da situação de modo a beneficiar as aprendizagens dos alunos.
 - b) O supervisor não se esforça muito para se integrar à situação do Supervisando, limita-se a ir observando uma aula por semana e nem critica nem elogia.
 - c) O supervisor a partir das primeiras impressões procede a uma rotulagem que dificilmente modifica ao longo das semanas.
5. Planificação. A planificação torna-se a linha orientadora das aulas a "dar", então este orienta-se para a nossa avaliação.
6. Todos os que se basearam no ensino do 1º ciclo.
7. A elaboração das planificações, de testes, como adequar os objectivos (gerais e específicos) aos conteúdos.
8.
 - a) Tento relacionar-me do melhor modo de forma a não criar atritos, uma vez que quem me avalia é o supervisor.
 - b) crítica de modo a poder reformular o meu trabalho.
 - c) compreensão, atenção e apoio.
9. Sim, uma vez que ela está implícita na nossa sociedade, no entanto existe muita Matemática que os alunos não vêem utilidade e o professor também não ajuda.
10. Tem-se mantido ao longo dos anos do mesmo modo estável, com base na memorização.

XXIV

1. Deve ser uma pessoa compreensível, crítico, inteligente, competente, amigo, verdadeiro, não ser vingativo, moderno e que aceita as ideias dos outros.
2. Conhecer o que é ensinar, poder aprender algo com os outros. Poder relacionar-me com pessoas competentes.
3. Espero ensinar os outros, sobre o que sei e também aprender com eles.
4.
 - a) Orientar os formandos nas planificações, porque nós temos que aprender com os erros.
 - b) Deve ser de ajuda para com o Supervisando. O Supervisando deve aceitar as críticas ou então fundamentá-las.
 - c) Deve ser justo, sem "mesquidades".
5. Planificação. Para o supervisor as planificações são mais importantes porque é o que nós vamos fazer durante as aulas.
6. Muitas tabelas de observação.
7. Forma como planificamos, preenchimento de grelhas e assim por diante...

8.
 - a) Ser crítico, mas compreensivo.
 - b) Ser compreensivo.
 - c) Ser paciente.
9. Sim, penso que no dia a dia se utiliza sempre a Matemática.
10. Mal, pois exigem dos estagiários muito mas eles próprios não a ensinam bem.

XXV

1. Na minha ideia, um supervisor é uma pessoa com muito mais experiência do que o Supervisando, que, por vezes, se esquece disso. Penso que muitos supervisores pecam quando encaram os Supervisandos.
2. Espero aprender o mais possível.
3. Arranjar "arcaboço" para o meu futuro enquanto professora.
4.
 - a) Definir objectivos, estudar quais as estratégias que os mesmos se atingem.
 - b) Analisar, juntamente com o Supervisando, todo o processo de formação e alteração ou melhorar os aspectos menos positivos.
 - c) Verificar os progressos do Supervisando, no que diz respeito ao trabalho desenvolvido.
5. Planificação. A planificação é o mais importante, uma vez que é nela que se centra todo o processo de aprendizagem.
6. Há cadeiras que, na minha opinião não nos preparem em nada para o nosso futuro.
7. Penso que devia haver cadeiras incluídas no nosso currículo que nos preparassem melhor em relação aos conteúdos abordados na nossa área.
8.
 - a) Encaro o supervisor como alguém com muito mais prática do que eu e, para além disso, conhecimentos e que por isso me merece todo o respeito, ainda que, muitas vezes, não concorde com as suas teorias. Penso que o facto dos supervisores trabalharem com alunos de outras fases etárias faz com tenham algumas ideias "erradas" em relação a alguns assuntos.
 - b) Tento me preparar o melhor possível em relação aos temas e "arranjar" estratégias que mais motivem os alunos e que melhor se adequem ao atingir dos objectivos.
 - c) Em relação aos alunos encaro-os como crianças que é necessário motivar, cativar com o objectivo de que queiram aprender.
9. Cada vez mais é importante ensinar Matemática, todos os dias entram na nossa casa, quer através da televisão, jornais e revistas, questões relacionadas com a Matemática. Uma pessoa que não possua conhecimentos matemáticos sente-se à margem da sociedade pois não consegue descodificar as mensagens.
10. Nas escolas a Matemática, infelizmente, ainda hoje é encarada como uma disciplina abstracta que nada tem a ver com as situações do dia a dia.

XXVI

1. Supervisor - deve ser compreensivo, competente, ajudar os alunos nas suas dificuldades.

2. Espero que este estágio me dê alguma formação para poder realizar o meu trabalho o melhor possível e poder compreender melhor os alunos.
3. Espero desempenhá-lo o melhor possível, de maneira que aprenda o mais possível.
4.
 - a) Deve orientar os estagiários.
 - b) Deve haver uma boa interação para que se possa desenvolver um ótimo trabalho.
 - c) Deve ser justo na sua avaliação, deve ter em conta o trabalho desenvolvido pelo aluno.
5. Planificação. Porque através da planificação o professor pode verificar o trabalho que os estagiários pretendem realizar e assim ajudar o seu trabalho.
6. Os conhecimentos a nível de música, educação física, expressão dramática.
7. Formação a nível da psicologia e necessidades educativas especiais.
8.
 - a) Bom relacionamento.
 - b) Muito crítica em relação a mim própria.
 - c) Atitude positiva, tentando ajudá-los sempre que posso.
9. Sim. Porque através da Matemática os alunos podem comunicar entre eles.
10. Agora ensinasse Matemática de uma maneira mais lúdica, o que motiva mais os alunos.

XXVII

1. O supervisor deverá ser: uma pessoa "aberta de espírito", não deverá levar ideias pré-concebidas sobre o aluno. Se for crítica, deve orientar mais para poder exigir mais.
2. Estar mais preparada para enfrentar uma situação de ensino no futuro, mas sinceramente nos moldes desta prática acho que não é muito possível.
3. Gostaria que fossem as melhores, pois gostaria de levar alguma coisa de útil. É claro que os alunos aprendessem comigo.
4.
 - a) Alguém que não diz nada de concreto, não diz o que quer nem como quer e está sempre pronto a riscar.
 - b) Distante, alguém que não diz nada de concreto.
 - c) Pouco concreto.
5. Planificação
6. A preocupação excessiva de planificar em vez de nos orientarem mais em termos de desempenho para uma melhor aprendizagem dos alunos. A má preparação para avaliarmos os alunos, que ao fim ao cabo, é como era antigamente, avaliação do desempenho do aluno igual a testes.
7. A avaliação dos alunos.
8.
 - a) Tentar compreender a situação dele e tentar ser amiga e cooperar sempre que possível.
 - b) Ser justa comigo, ser crítica comigo (com o meu desempenho). tentar esforçar-me ao máximo.

- c) Amizade, de compreensão, utilidade.
9. É bastante útil para a vida em sociedade.
 10. De uma maneira aborrecida; pouco esclarecedora da sua utilidade; pouco prática.

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

17 de Março de 1997

Alunos do 5º Ano do Curso de Matemática - Ramo Educacional da Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve

I

1. Pessoa que me oriente, com experiência tanto científica como pedagógica. Deve ser amigo.
2. Esperava mais
3. Esperava mais
4.
 - a) É o de orientador e caso esteja mal, tentar dar ideias para poder melhorar.
 - b) Deve ser uma pessoa conscienciosa, preparada cientificamente, de ideias concretas.
 - c) Deve ser uma avaliação concreta, que visa salientar o trabalho elaborado pelo supervisando.
5. Planificação, Interação, Avaliação. Porque é um processo que engloba todos estes aspectos.
6. As disciplinas de História e Filosofia das Ciências.
7. Apoio a certos problemas de carácter.
8.
 - a) Uma atitude de distanciamento, falta de apoio.
 - b) Uma atitude de insegurança e uma atitude de satisfação, devido aos alunos terem progredido no ensino.
 - c) Bom relacionamento
9. Porque os prepara para a vida.
10. De maneira centrada no professor.

II

1. Um professor de ensino secundário com alguma experiência
2. A formação deveria ser mais integrada, isto é, logo no 4º ano, deveria ser interligado com o ensino secundário e não só teoria.
3. Preocupei-me bastante, mas penso que muitas cadeiras deveriam ser mais práticas.
4.
 - a) Controlar e intervir no processo.
 - b) Coordenar o formando.
 - c) Não sei.
5. Interação. Deveria coordenar o supervisando, de forma a ajudar o formando no processo de ensino/aprendizagem em todos os aspectos.
6. Algumas das disciplinas científicas.
7. Como elaborar projectos para a escola. Ex: Projecto Área- Escola.
8.
 - a) De respeito.
 - b) De profundo empenho no trabalho.
 - c) De respeito, sinceridade e grande compreensão.

9. Para que os alunos vejam a Matemática como uma ciência dedutiva, de acordo com a natureza. Pôr os alunos em contacto com a realidade.
10. Partindo de exemplos concretos, reais e fundamentando-os teoricamente.

III

1. Responsável, Conhecimento profundo do assunto que supervisiona, saiba manter boas relações com os outros, simpatia e humor "quanto baste".
2. Espero que o estágio me prepare para aquilo que realmente vou fazer, neste momento considero-me satisfeita pois a minha orientadora, tem-me transmitido muito da sua experiência.
3. Também me sinto satisfeita em relação ao meu desempenho, pois está a ser melhor do que pensava que ia ser.
4.
 - a) Orientar sobre o tempo a disponibilizar para cada matéria a leccionar e quais as matérias que estão nos programas e devem ser dadas.
 - b) Manter uma boa relação e tentar transmitir a experiência que tem de forma mais simpática e organizada.
 - c) Tem que ter em conta aquilo que transmitiu esse o formando "adquiriu" esses conhecimentos para poder fazer uma boa avaliação.
5. Interação. É na relação com o formando que mais se transmite conhecimentos do que se sabe, não na planificação.
6. Regências e algumas cadeiras do curso.
- 7.
8.
 - a) Respeito, simpatia, pessoa com que posso contar.
 - b) a melhor possível.
 - c) gosto deles, se assim não fosse, nunca faria um bom trabalho.
9. Porque desenvolve o raciocínio e aprendem a pensar.
10. Ainda não se ensina como deveria ser, mais ligada à realidade, mas caminha para lá.

IV

1. Inteligente, exigente, simpático.
2. Ensinar os alunos a gostar de Matemática.
3. Uma boa relação professor - aluno.
4.
 - a) Exigente.
 - b) Boa.
 - c) Boa.
5. Planificação. Porque gosta de um plano bem feito.
6. A planificação. porque o plano de uma aula não deve ser exigente nem rigoroso, pois tal como a palavra plano indica é uma previsão e o futuro é incerto.
7. Geometria Descritiva e Projectiva.
8.
 - a) positiva.
 - b) Dar o melhor de mim.

c) Ajudar os alunos a gostar da escola, não como um lugar de diversão, mas como um local onde se aprende algo para a vida futura.

9. Sim. Porque a sociedade sem se dar conta utiliza a Matemática diariamente.
10. Dado que os programas são demasiado longos, os professores são "obrigados" a "despejar" a matéria e os alunos a assimilá-la. E, assim, não se ensina Matemática nem os alunos a gostar dela.

V

1. Deve ser uma pessoa simpática com espírito de criatividade. Deve ter uma relação boa com todos os colegas da escola incluindo, como é óbvio, os estagiários. Deve ser inteligente.
2. Que aprenda o necessário para ser, futuramente, um bom profissional.
3. Espero ter um bom desempenho, tanto a nível pedagógico como científico e ter um bom relacionamento com os colegas, pessoal não docente e alunos.
4.
 - a) De ajudar e ensinar.
 - b) Troca de ideias, auxiliar o supervisando sempre que necessário.
 - c) Deve avaliar todos os aspectos: Planificação, desempenho na aula, relação com os alunos e actividades extra aula.
5. Planificação; Avaliação. Planificação, porque existe planos de aulas passados a computador. Avaliação, porque é uma das principais funções do supervisor.
6. Acho que se deve planificar com rigor uma aula, mas exigir um plano passado a computador é demais.
7. Acho as cadeiras pedagógicas muito teóricas. Porque o que se passa na realidade numa escola só se aprende durante o estágio.
8.
 - a) De compreensão, sabendo que ele existe para nos ajudar.
 - b) Pensar em dar o melhor.
 - c) Tentar levá-los a aprender Matemática o melhor possível.
9. Sim. Porque a Matemática faz parte do nosso quotidiano.
10. melhor possível dados os programas serem muito longos.

VI

1. Um orientador deve ter gosto pelo que está a fazer, deve ser organizado e deve ter capacidade de resposta e preparação suficiente para desempenhar a sua função correctamente.
2. Penso que o estágio pedagógico é fundamental para uma preparação a nível profissional, social.
3. Espero aprender o mais possível durante o estágio pedagógico, pois esta fase vai ser muito importante para o meu desempenho futuro.
4.
 - a) Orientar os estagiários para a optimização e a realização das planificações.
 - b) O orientador deve motivar os estagiários e estes devem tentar dar o seu melhor para não desiludir o orientador.
 - c) O orientador tem que ser justo e deve "criticar" os estagiários de uma forma construtiva, para que os erros cometidos sejam anulados.

5. Interação. Porque penso que a função mais importante é orientar os alunos e motivá-los para a realização de um bom trabalho.
6. Álgebra.
7. Nas didácticas (disciplinas do 4º ano), as aulas deviam ser menos teóricas e mais práticas.
8.
 - a) Um orientador deve ser competente e deve gostar do que está a fazer.
 - b) Antes de ir para estágio, pensava de maneira muito diferente do que penso nesta altura.
 - c) No início, os alunos são um "pesadelo", mas no decorrer do estágio vamos aprendendo a gostar deles e a preocuparmos pelo seu desempenho.
9. Hoje a Matemática é um disciplina que está ligada a tudo o que nos rodeia, logo torna-se imprescindível conhecer o mínimo sobre Matemática.
10. De maneira geral, de uma forma interactiva.

VII

1. Um supervisor é uma pessoa que deve ter experiência e estar disponível sempre que necessário a fim de orientar os seus estagiários, deve ser uma pessoa com uma boa relação dentro da escola.
2. Deve preparar-me para a futura vida profissional quer a nível de experiências quer a nível de conhecimentos, não só científicos mas também pedagógicos.
3. Boa.
4.
 - a) Papel activo.
 - b) Deve haver uma boa relação.
 - c) Avaliador.
5. Interação. Porque só pela interação o supervisor fica a conhecer o trabalho desenvolvido pelos supervisados.
6. São todas adequadas, só que algumas deviam ser menos aprofundadas. As cadeiras do 4º ano são todas dispensáveis.
7. Conhecimentos sobre direcção de turma, elaboração de projectos área escola.
8.
 - a) Mantenho uma boa relação.
 - b) Quando detecto erros que cometi, tento não voltar a comete-los ou arranjar estratégias para melhorar.
 - c) Tento ter uma boa relação com os alunos e tenho-a.
9. Sim. Porque para perceber certos fenómenos sociais é necessário saber Matemática.
10. Da pior forma que pode existir, pois com a mudança dos programas, pior está o ensino. Mudam-se os programas sem saber o resultado da mudança anterior.

VIII

1. Tem de ser uma pessoa sensata, compreensível, inteligente, sociável, com boa capacidade a nível científico, a nível pedagógico, sempre pronta a ajudar.

2. O processo de formação poderia ser melhor ao nível dos núcleos, pois nem todos os estagiários têm o mesmo trabalho na sua prática e estágio pedagógico. Os estágios deviam ser mais semelhantes.
3. Apesar do muito trabalho que tenho feito e que tenho para fazer, posso dizer que tive um bom baptizado a nível profissional, tenho tido um bom desempenho durante o processo formativo.
4.
 - a) O formando planifica e o supervisor dá uma vista de olhos para se poder iniciar propriamente a actividade.
 - b) Dar apenas algumas sugestões, pois o trabalho é do estagiário e não do supervisor.
 - c) Ser o mais justo possível.
5. Planificação, Interacção, Avaliação. Tudo conta para a avaliação.
6. Nenhum a nível de estágio pedagógico. Tendo consciência que as cadeiras científicas e pedagógicas são importantes para um desenvolvimento mental (capacidade de raciocínio) e cultural, na vida profissional prática não é de muita utilidade.
7. Direcção de turma, um conhecimento profundo das matérias a leccionar no ensino secundário, materiais a utilizar na sala de aula, atribuição de notas no final dos períodos.
8.
 - a) De simpatia, de compreensão, ouço o que tem para me dizer, aceito bem as críticas e defendo os meus pontos de vista.
 - b) Sou muito exigente comigo própria, quando algo me corre menos bem fico muito chateada e triste e vou logo verificar as minhas falhas e anotá-las para não voltar a repeti-las.
 - c) Gosto muito deles, temos uma grande relação de respeito mútuo, eu ajudo-os em tudo o que é preciso, dou-lhes pequenas explicações na biblioteca e converso muito com eles for a das aulas e às vezes dentro das aulas.
9. É importante. é necessário mostrar aos alunos que a Matemática não é um bicho papão. E temos que prepará-los bem para a sua vida futura.
10. Agora as coisas estão melhores, os professores já utilizam materiais auxiliares nas suas aulas (Jogos, exemplos práticos, sólidos, retroprojector, acetatos, fichas de apoio e de trabalho), não ficam apenas no quadro. Os trabalhos escritos também são uma forma de ajudar os alunos a estudarem Matemática e percebe-la num contexto que não é a sala de aula.

IX

1. É uma pessoa com experiência, interactiva na escola e que saiba estabelecer relações com os outros.
2. Espero ficar preparada para o ensino.
- 3.
4.
 - a) Ajudar um pouco quando os estagiários têm dúvidas e falar das suas experiências.
 - b) Deve ter boa relação e procurar ajudar.

- c) Ser justo.
- 5. Planificação, Interação. A planificação correcta e depois conseguir colocá-la em prática na sala de aula.
- 6. Algumas cadeiras são tratadas com muita profundidade.
- 7. Uma cadeira sobre direcção de turma, como tratar com alunos com problemas de saúde.
- 8.
 - a) Tenho um bom relacionamento com o supervisor.
 - b) Tentar fazer o melhor que posso.
 - c) Adoro os meus alunos, têm ajudado nas aulas assistidas.
- 9. Sim. Prepara os alunos para o raciocínio.
- 10. Depende muito dos professores. Eu tento dar aplicação à Matemática e fazer problemas.

X

- 1. Um orientador deve ser organizado, estar disposto a ajudar os estagiários, deve ter a noção que um estagiário está a iniciar a sua carreira e como tal necessita de muito apoio construtivo.
- 2. Espero que o estágio me dê a preparação adequada para no próximo ano ser capaz de, por mim mesma, enfrentar novos alunos. Espero também que me dê a formação necessária em relação aos aspectos mais burocráticos.
- 3. Espero ser capaz de dar boas aulas e espero contribuir para a motivação dos meus alunos pela disciplina.
- 4.
 - a) Deve ser o orientador, mas não deve tomar todas as decisões. Deve deixar alguma responsabilidade nas mãos dos estagiários.
 - b) Deve ajudar no esclarecimento das dúvidas do formando e deve procurar estabelecer relações de feedback.
 - c) Deve fazê-la mais formativa que sumativa. Pois penso que o que se pretende são críticas construtivas para que haja evolução do formando.
- 5. Interação. Porque penso que a principal função do supervisor é a de auxiliar o formando.
- 6. Álgebra.
- 7. Melhor preparação a nível dos conteúdos que serão leccionados.
- 8.
 - a) Tentar não desiludi-lo e fazer o meu melhor.
 - b) Ser exigente comigo própria para ir mais longe.
 - c) Tentar ajudá-los o mais possível, tentar prepará-los o melhor que saber.
- 9. Sim. Porque qualquer actividade, por mais básica que seja, envolve Matemática. Além disso, o Ensino da Matemática pretende acima de tudo desenvolver o raciocínio dos alunos.
- 10. Com muitos exemplos que estejam relacionados com a realidade e com problemas.

XI

- 1. Supervisor é alguém que supervisiona, que ajuda, que acompanha e orienta.

2. O processo de formação deveria de ser mais acompanhado, que ajudassem os estagiários nas suas dificuldades de ensino.
3. É o ano em que mais trabalhei, não tenho tempo para nada, apenas para trabalhar, me preparar e dar o melhor de mim.
4.
 - a) O supervisor vê as planificações diárias, todas as semanas e dá a sua opinião, dizendo onde posso melhorar.
 - b) O papel é o de transmitir a sua experiência e de compartilhá-la, mostrando-nos um pouco da realidade.
 - c) Deve ser baseada no trabalho desenvolvido pelo supervisando.
5. Planificação
6. Acho que aprender nunca é demais, se bem que há disciplinas no curso que não me ajudaram nada.
7. Português. No nosso curso existe uma cadeira de inglês, que deveria ser substituída pela de português.

XII

1. Simpático, amigo, boa formação científica e pedagógica e justo.
2. Espero, neste ano, aprender algumas coisas que me possam ser úteis na minha vida futura.
- 3.
4.
 - a) Deve auxiliar os estagiários a melhorar o seu trabalho.
 - b)
 - c) Deve ser justo e avaliar.
- 5.
6. nenhuns.
7. Penso que adquiri os conhecimentos necessários.
8.
 - a) Alguém que me pode auxiliar, ajudar a melhorar.
 - b) Procurar fazer sempre o melhor possível.
 - c) Compreensão, amizade.

XIII

1. Colega de trabalho, orientador.
2. Promover o processo de integração na escola no papel de professor.
3. Melhorar e evoluir o mais possível.
4.
 - a) Orientação dos supervisandos no sentido de melhorar as suas planificações, indicação de estratégias adequadas.
 - b)
 - c) Avaliar o desempenho, se possível de forma justa e imparcial.
5. Planificação. Deve ser este o aspecto mais importante, pois se estamos a formar educadores o essencial é que estes sejam bons no que fazem.
6. Não existem conhecimentos inadequados. Existem conhecimentos e nós optamos por aplicá-los ou não.
7. Geometria. Planificação de aulas. Aspectos relacionados com direcção de turma.

- 8.
- a) Colega de trabalho.
 - b) Tentar sempre fazer melhor.
 - c) Ser professora no sentido verdadeiro da palavra.

9. Sim.

XIV

1. As características pessoais julgo que deve ser uma pessoa séria, as profissionais deve ser competente e as relacionais e sociais deve ser honesto e bastante sociável.
2. As minhas expectativas em relação ao processo de formação deve ser um estágio que dê uma formação adequada ao ensino de hoje, deve ter bastante prática, de forma a desenvolver um relacionamento com o futuro meio de trabalho.
3. Em relação ao meu desempenho durante o estágio deve ser bastante, tentando aprender o mais possível. Para assim poder desempenhar melhor as minhas funções.
4.
 - a) O papel do supervisor é ajudar, dando ou fornecendo material necessário, dependendo do tipo de actividades.
 - b) O papel do supervisor é ser sempre compreensível, acessível e deixe ajudar o mais possível de forma a que o supervisando tenha admiração por este e se crie um ambiente agradável de trabalho.
 - c) Deve ser honesto, competente e tolerante para poder fazer uma avaliação correcta.
5. Interação. Porque é com a interacção que o supervisor consegue observar o tipo de personalidade que o supervisado tem.
6. Os conhecimentos adquiridos que considero inadequados foram algumas cadeiras do 4º ano.
7. Considero que no 4º ano deveríamos ter mais prática, a nível de observar algumas aulas na escola, e nós próprios dar-mos algumas aulas.
8.
 - a) São boas, considero-o um amigo, que tem algo a me ensinar.
 - b) São exigentes.
 - c) São excelentes, adoro o relacionamento com os jovens.
9. Claro, é importante para desenvolver o raciocínio.

XV

1. Pessoa competente, acessível a nível das relações pessoais, com quem seja possível dialogar.
2. Adquirir conhecimentos a nível pedagógico e científico, que me ajude a nível profissional no futuro.
3. Desempenhar da melhor forma o meu papel, adquirindo sempre que possível mais conhecimentos para o melhorar.
4.
 - a) Auxiliar sempre que possível em caso de dúvida e de forma a melhorar o nosso desempenho.

- b) O supervisor deve aconselhar da melhor forma possível e deve tentar manter "boa relação" com o mesmo.
 - c) Justo na forma como faz a sua avaliação.
7. Ao longo dos quatro primeiros anos do curso, deverá existir uma maior preocupação para nos preparar para a vida futura e não só a nível do 5º ano.
- 8.
- a) Tentar aprender algo com os seus conhecimentos e experiência.
 - b) Desempenhar o meu papel da melhor forma possível.
 - c) Auxiliar os alunos, sempre que possível.
5. Sim, nos dias de hoje, cada vez é mais importante que se saiba alguma coisa sobre Matemática.

Guião de Entrevista Semi Estruturada

Legitimação e Motivação

Com este bloco pretendo reforçar a informação sobre as linhas gerais do trabalho em desenvolvimento; pedir a colaboração do entrevistado, descrevendo a importância do seu contributo; assegurar a confidencialidade dos dados de identificação.

A pessoa do Supervisor

Neste bloco pretendo reforçar o conhecimento do conteúdo das representações do aluno/futuro professor de Matemática a propósito da pessoa do Supervisor. As questões serão elaboradas de modo a recolher informação sobre o carácter individual e/ou social da formação dessas representações.

O Processo de Supervisão

Neste bloco pretendo reforçar o conhecimento do conteúdo das representações do aluno/futuro professor de Matemática a propósito do processo de supervisão. As questões serão elaboradas de modo a recolher informação sobre o carácter individual e/ou social da formação dessas representações.

O Ensino da Matemática

Neste bloco pretendo reforçar o conhecimento do conteúdo das representações do aluno/futuro professor de Matemática a propósito do Ensino da Matemática durante o processo de formação e no contexto da sua vida profissional futura. As questões serão elaboradas de modo a recolher informação sobre o carácter individual e/ou social da formação dessas representações.

Algumas questões de referência para a condução da entrevista

A pessoa do Supervisor

1. Como caracterizas a pessoa do supervisor?
 - 1.1. Quais as características pessoais mais relevantes nas actividades e/ou tomadas de decisão do supervisor?
 - 1.2. Que tipo de formação científica, pedagógica, pessoal e social tem um supervisor?
 - 1.3. Quais as características relacionais mais relevantes na relação do supervisor com os outros intervenientes do processo de formação?
 - 1.4. Qual o estatuto social do supervisor no meio escolar e na sociedade?
2. Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor?

- 2.1. Quando iniciaste a Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico já tinhas algumas ideias de como era o supervisor?
 - 2.1.1. Como surgiram essas ideias a propósito da pessoa do supervisor?
 - 2.1.1.1. Essas ideias foram partilhadas com os teus colegas?
 - 2.1.1.2. Essas ideias foram transmitidas pelos teus colegas de anos anteriores?
 - 2.1.1.3. Essas ideias foram transmitidas pelos teus professores?
- 2.2. Como foram construídas as tuas ideias durante a Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico?
 - 2.2.1. Essas ideias foram construídas por ti?
 - 2.2.2. Essas ideias foram construídas por ti a partir do relacionamento com o supervisor?
 - 2.2.3. Essas ideias foram partilhadas com os teus colegas?

Processo de Supervisão

3. O Processo de formação desenvolvido durante a Prática Pedagógica VI/ Estágio Pedagógico foi ao encontro das tuas expectativas?
 - 3.1. Quais as expectativas que tinhas em relação ao teu desempenho?
 - 3.2. Quais as expectativas que tinhas em relação ao desempenho do supervisor?
 - 3.3. Quais as expectativas que tinhas em relação à planificação das actividades?
 - 3.4. Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção entre os diferentes intervenientes no processo formativo?
 - 3.5. Quais as expectativas que tinhas em relação à avaliação das actividades?
4. Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do processo de formação?
 - 4.1. Por ti, a partir do desenvolvimento das actividades?
 - 4.2. Em interacção com os teus colegas de grupo e/ou de outros grupos?
 - 4.2.1. Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas actividades?
 - 4.2.2. Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas reflexões?
 - 4.2.3. Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito do teu supervisor?
5. As tuas atitudes em relação à formação foram influenciadas?
 - 5.1. A partir do teu desenvolvimento pessoal?
 - 5.2. A partir do relacionamento com o teu supervisor?
 - 5.3. A partir do relacionamento com os alunos?
 - 5.4. A partir do relacionamento com a escola que te acolheu?
 - 5.5. Pela E.S.E. / Universidade?

5.6. Pela avaliação?

5.7. Pelas ideias que tinhas quando iniciaste a Prática Pedagógica VI/Estágio Pedagógico?

Ensino da Matemática

6. Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?
 - 6.1. As principais diferenças são em relação aos conteúdos?
 - 6.2. As principais diferenças são em relação aos métodos?
 - 6.3. As principais diferenças são em relação aos valores?
 - 6.4. As principais diferenças são em relação à atitude do professor?
 - 6.5. As principais diferenças são em relação à atitude dos alunos?
7. Uma Prática Pedagógica/Estágio Pedagógico a Matemática é diferente de uma Prática Pedagógica/Estágio Pedagógico a outra disciplina?
 - 7.1. As principais diferenças são em relação às características da disciplina?
 - 7.2. As principais diferenças são em relação ao papel do supervisor?
 - 7.3. As principais diferenças são em relação ao papel do Supervisando?
 - 7.4. As principais diferenças são em relação à interacção entre o supervisor e o Supervisando?
8. Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática?
 - 8.1. Partilhavas com o teu supervisor?
 - 8.2. Partilhavas com os teus colegas de grupo?
 - 8.3. Partilhavas com os teus colegas de outros grupos?

Entrevista com a aluna Vanda
14 de Junho de 1997

A aluna Vanda é finalista do Curso de Matemática - Ramo Educacional da Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve. A aluna concordou em deixar-se entrevistar para o meu projecto. À aluna foi garantido o anonimato.

Entrevistador: Como caracterizas a pessoa do supervisor?

Vanda: Eu esperava outra coisa, quando fui para estágio estava à espera que o supervisor fosse uma pessoa que tivesse muito familiarizada com os programas, que ajudasse, que desse ideias sobre as coisas que dava nas aulas, sugestões, contasse experiências dele e isso não se passou. No meu núcleo de estágio isso não se passou porque nós encontramos com uma orientadora que havia anos que estava fora do ensino secundário, porque estive na nossa universidade, e de resto o que gostava no ensino secundário era dar aulas à noite. O regime é muito diferente do dia, não conhecia os actuais programas de Matemática do 10º, 11º e 12º. Era uma pessoa que não dispunha de tempo praticamente nenhum connosco, não nos colocava à vontade na escola. Nós chegamos à escola e tivemos, quase, mais ajuda dos meus colegas de grupo de Matemática a nos inserirem na própria escola, na sala dos professores, tanto a mim como aos meus colegas do que da minha própria orientadora. A minha primeira aula assistida, por ela achar bem, foi, logo, regências ao 12º ano, o que torna complicado, porque eu não conhecia a turma e ao preparar a aula não foi uma pessoa que ..., foi tudo preparado e não foi uma pessoa que me desse uma única sugestão.

Ent: Quais as características pessoais mais relevantes nas actividades e/ou tomadas de decisão do supervisor?

Vanda: Eu acho que deve ser uma pessoa meiga, uma pessoa meiga, uma pessoa compreensiva, porque um ano de estágio é sempre um ano que a pessoa anda com muitos nervos. Deve ser uma pessoa que goste da profissão que tem, goste do que faz, de dar aulas, que tenha bom relacionamento com os alunos e que tenha bom relacionamento, também, com os colegas da escola. Acho que não basta ensinar alguma coisa. Se é uma pessoa que não tem estas características, acho que é muito difícil transmitir o gosto pela profissão a uma pessoa que está em início de carreira.

Ent.: O que estás a dizer é numa perspectiva ideal, mas numa perspectiva real, o que é que aconteceu?

Vanda: A minha orientadora era uma pessoa que ... era muito rígida com os alunos, os miúdos não gostavam dela. Havia mau relacionamento na aula, não havia um bom relacionamento na aula, havia muitos problemas.

Ent.: E com vocês?

Vanda: Connosco. Nós não tivemos problemas nenhuns com ela. Eu pensava que o orientador ia ser uma pessoa diferente.

Ent.: Mas como? Em relação às características relacionais?

Vanda: Sei lá. Queria ver as pessoas como amigo e não com um grau de afastamento tão grande..., acho que as pessoas são seres humanos.

Ent.: Que tipo de formação científica, pedagógica, pessoal e social tem um supervisor?

Vanda: Eu pensava que era uma pessoa com..., a minha orientadora, em termos pedagógicos passou à história. É isso que é dito por todas as pessoas que estão colocadas lá na escola. Porque pedagogias e meiguices com os alunos, ela é muito fria. Nós chegamos a falar com o orientador da parte pedagógica e o professor sabia o que se passava connosco e ele compreendia a nossa situação. Nós falamos com ele. Ele foi impecável connosco do princípio ao fim, foi uma pessoa que nos deu sempre muito apoio. Eu, nas minhas aulas de regência que preparei acetatos, porque eles na universidade gostam de acetatos feitos a computador, aquelas coisas todas bonitas. A minha orientadora, na tarde, eu tinha regências às 9h30 da manhã do outro dia, ela na escola disse para eu não fazer nada daquilo. Disse: — Não faças. E eu, eu tinha preparado fiz. Depois teve a grande lata de ..., como o orientador da parte pedagógica assistiu e gostou muito da minha aula, ela teve a lata de dizer que quem tinha sugerido os acetatos foi ela, por ele estar presente. Isto é preciso ser dito.

Ent.: Era esse tipo de atitude que estavas à espera ou não?

Vanda: Não, não estava porque tinha sido uma ideia minha, eu preparei a aula sozinha, duas horas de aula, fui eu que a fiz. Ela estava contra o que eu ia fazer, porque era para pegar nas coisas com um exemplo prático, coisa que ela não ligava absolutamente nenhuma, que é uma das coisas que, por exemplo, nós fazemos agora em Matemática. Exploramos a matéria utilizando problemas e isso, eu nos problemas expus matéria, ela estava contra mas depois como a aula correu muito bem, os miúdos reagiram muito bem, o orientador da universidade gostou muito, ela disse, na frente dele, que ela é que tinha dado a ideia, devia é ficar calada. Acho que não é justo.

Ent.: Qual o estatuto social do supervisor no meio escolar e na sociedade?

Vanda: Tem um certo prestígio, desde que seja uma pessoa que também saiba lidar com os seus estagiários, mas tem um certo prestígio. Acho que tem. Uma pessoa que cumpre, mesmo, aquilo que é pedido a um supervisor, acho que tem um certo prestígio.

Ent.: O que é que achas que é pedido a um supervisor?

Vanda: Eu acho que todas as coisas que eles dizem na universidade, que eles tem uma redução de horário enorme que é para dar apoio aos estagiários. No caso da minha orientadora não estava connosco porque tinha montes de explicações marcadas. Isto é que temos de dizer.

Ent.: Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor?

Vanda: Tinha algumas ideias porque tive colegas minhas o ano passado a estagiar que contavam coisas sobre o supervisor, que era uma pessoa que elas gostavam muito, que estabeleceram uma grande amizade, que chegaram a ir para a casa do supervisor quando tinham aulas assistidas e como, normalmente, quando vem o orientador científico da universidade ainda há mais cuidado e o supervisor, as pessoas têm um pouco receio, os que estão na escola, de cometer algum pequeno erro científico, porque era chato, fica mal. Foram pessoas que tiveram muito apoio.

Ent.: As tuas ideias tinham sido transmitidas pelos colegas do ano anterior?

Vanda: Tinham sido transmitidas pelas colegas do meu ano anterior que estagiaram na escola onde estou.

Ent.: Além dos teus colegas do ano anterior, tinhas outras informações?

Vanda: Pouca informação através da nossa professora de Didáctica. Nós tínhamos Didácticas e a professora dizia-nos algumas coisas sobre o estágio. Falou também sobre o estágio dela.

Ent.: E sobre o supervisor?

Vanda: Muitas pessoas dizem que se deram muito bem com os orientadores, que gostaram muito, que estabeleceram uma boa amizade com essa pessoa, outras o relacionamento foi diferente.

Ent.: Em relação às tuas ideias sobre o supervisor, como as adquiriste?

Vanda: Fui eu com os meus colegas e com as colegas que estagiaram o ano passado.

Ent.: E com os colegas dos outros núcleos de estágio?

Vanda: Eu dava-me muito bem com o núcleo de estágio de português, que estava na minha escola e também com os de Matemática que estavam em Portimão.

Ent.: Como foram partilhadas essas ideias?

Vanda: Nós falamos o que é que achávamos que devia ser, porque as minhas colegas, por exemplo de português da escola, tiveram grandes problemas.

Ent.: O Processo de formação desenvolvido durante o estágio pedagógico foi ao encontro das tuas expectativas?

Vanda: Tinha um pouco medo de calhar com as turmas..., aquelas turmas um bocado complicadas. Eu tive muita sorte. Tive uma turma, que foi a minha direcção de turma, foi uma turma excepcional. Era 10º, a outra também era 10º, mas era uma turma de Métodos Quantitativos. A que era directora de turma, era de Matemática e eu adorei trabalhar com aqueles miúdos. Foi uma turma excepcional.

Ent.: O teu maior medo era a indisciplina?

Vanda: Era. O meu maior medo era a indisciplina. Foi porreiro, não tive problemas nenhuns na escola.

Ent.: Em termos de formação, a tua experiência foi ao encontro das tuas expectativas?

Vanda: Foi.

Ent.: E em termos de desempenho do supervisor?

Vanda: Eu não recebi nada do que esperava.

Ent.: Quais eram as tuas expectativas?

Vanda: Esperava que, talvez, me dessem ideias sobre a aula. Sei lá, na função quadrática podes ter esta ideia, de fazer isto ou outra coisa qualquer. Deram-me ideias de expor matérias, visto que o supervisor é uma pessoa que à partida já tem muita experiência de dar aulas. Existem coisas muito giras para serem dadas numa aula, quer seja em geometria quer... Podiam dar ideias, que eu também não sabia, a mim praticamente não me ensinaram. Eu, de início, tive uma orientadora, até Janeiro, as ideias foram poucas. A partir de Janeiro, eu tive outra orientadora, que foi uma pessoa excepcional. Só que essa pessoa estava a ser nossa orientadora por favor, visto que era uma pessoa com quatro turmas e tinha uma direcção de turma. O nosso horário não era compatível com o dela, ela dava-nos ideias nos intervalos em que nos encontrávamos na sala dos professores.

Ent.: Mas essa orientadora não foi desde o início?

Vanda: Foi orientadora a partir de janeiro, foi a segunda. Foi uma pessoa excepcional. Foi diferente, só não havia aquele tempo disponível. Ela gostava de nos ajudar porque foi, no ano passado, orientadora.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à planificação das actividades? Como fazias as planificações?

Vanda: Antes da aula assistida via a matéria que ia dar. Normalmente introduzia a matéria com exemplos. A maior parte das aulas dê matéria mesmo, fiz uma ou duas aulas, assistidas, de exercícios. Nós tínhamos uma aula, fazíamos um plano da aula, objectivos gerais, objectivos específicos, estratégias.

Ent.: Para todas as aulas do ano lectivo?

Vanda: Eu fiz para todas as minhas aulas, só que fazia numa folha pequena à mão, os objectivos principais, as estratégias que utilizava na aula, os materiais, mas não era tão pormenorizada. As aulas assistidas, era tudo feito a computador e havia mais pormenor a fazer as coisas do que aula a aula. É diferente, fazia as estratégias e depois, a seguir o desenvolvimento da aula. Normalmente, utilizei muitos acetatos, muitas fichas de trabalho.

Ent.: Era isso que esperavas?

Vanda: Era. Eu fiz praticamente aquilo que esperava.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção entre ti e os alunos, colegas, supervisores, etc.?

Vanda: Foi muito bom. Eu tive uma boa relação com os meus alunos. Eles ajudaram-me muito nas aulas assistidas.

Ent.: E com o supervisor?

Vanda: Também, com a minha orientadora de início, podia não dar assim aulas e não nos ajudar muito mas também era uma pessoa que ia assistir à nossa aula apontava algumas coisas mas não chateava muito. Dizia isto ou aquilo. Quanto aos orientadores da Universidade, o da parte pedagógica foi excepcional, via que eu tinha um bom relacionamento na turma. às vezes, dizia: «faz isto ou faz aquilo», dava-me ideias, sempre pela positiva. O meu orientador da parte científica, ele é uma pessoa que sabe demais, ele é doutorado e achava que nós dávamos coisas muito simples. Ele, um dia, disse que achava que eu devia dar uma alta de uma demonstração. Eu dava aquilo ao 10º ano e os moços morriam-me todos na sala. Ele não está a par dos programas mas sempre deu-me ideias.

Ent.: Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do estágio?

Vanda: Tinha algumas ideias do que me diziam, Depois, pelas actividades, pelo relacionamento com os meus colegas de estágio, por falar com os meus colegas do grupo de Matemática, é assim.

Ent.: E com os orientadores?

Vanda: Também. Vou construindo aos poucos, porque eu, de início, só tive três aulas assistidas com a minha primeira orientadora e depois ela ficou esquecida e começou-se a trabalhar.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas ?

Vanda: Sim. Sim.

Ent.: A propósito das actividades que ias desenvolvendo?

Vanda: Tudo. Nós trabalhávamos, sempre, em grupo. Sempre.

Ent.: Trocavam ideias?

Vanda: Fazíamos fichas em comum e aplicávamos nas nossas turmas. Chegamos a fazer testes em comum. Muita coisa mesmo, as actividades todas. Mesmo a actividade da escola, relacionada com o Natal foi feita em comum.. Uma actividade desenvolvida no centro de aprendizagem foi feita em comum.

Ent.: Faziam reflexões?

Vanda: No final da aula assistida, íamos para a sala de professores se houvesse tempo, se não ficava adiada para outro dia. Quando os meus colegas assistiam à minha aula, eles davam a opinião, diziam como a aula tinha corrido e os meus orientadores a mesma coisa e eu cheguei a fazer, depois em casa, ... chegava a casa e fazia por escrito e passava a computador um texto para adicionar, no dossier de estágio, à minha aula assistida.

Ent.: Essas reflexões eram partilhadas com os teus colegas?

Vanda: Eram. Normalmente nós ..., por exemplo, antes de ir assistir à aula do meu colega, ele costumava refugiar-se muito por detrás da secretária, eu dizia-lhe: «não faças isso» ou «tens de levantar o tom de voz». Aliás, quando os orientadores não estavam, eu falava mais com ele e dizia-lhe: «tenta fazer assim, tenta andar mais pela sala», aquelas coisas.

Ent.: Trocavam opiniões na ausência dos orientadores?

Vanda: Sim. Nós estávamos muito juntos.

Ent.: E opiniões a propósito dos orientadores?

Vanda: Sim. Sempre. Fizeram-nos isto, fizeram-nos aquilo. Comentávamos.

Ent.: As tuas atitudes foram influenciadas?

Vanda: Foram. Há coisas que nós pensamos que vai correr de uma maneira e corre de outra maneira.

Ent.: Como esperavas, em relação aos alunos?

Vanda: Nunca pensei que fosse tão boa como foi. Eu quando cheguei à escola e vi que tinha uma turma só de rapazes de electrotecnia, fiquei aterrorizada. Pensei que eram uns vândalos e eu tive os miúdos mais queridos que podiam existir à minha frente.

Ent.: A tua atitude, em relação a eles, de início foi diferente?

Vanda: Não. desde o início do ano foi igual, porque nós começamos a trabalhar muito bem logo desde o início. Como eu tinha um horário pequenino, eu propôs dar uma aula de apoio, não ganhava nada por ela. Ia dar as aulas de apoio, fiz muitas fichas, tentei sempre ajudar ao máximo. Eu, também, era a directora de turma.

Ent.: As tuas atitudes, em relação à formação, foram influenciadas pelo teu supervisor?

Vanda: De início, com a minha primeira orientadora, nós não estávamos muito à-vontade, porque tínhamos medo, nós tínhamos muito medo. Tínhamos medo, não sabíamos, tínhamos receio de falar com ela porque ela era uma pessoa diferente. Com a actual, que foi a última orientadora, era uma pessoa muito aberta, uma pessoa muito meiga, que nunca tive problemas nenhuns em contar-lhe o que quer que seja.

Ent.: As tuas atitudes, em relação à formação, foram influenciadas pela escola?

Vanda: Ganhei à-vontade com o tempo. Eu cheguei à escola e ele deu-nos muito pouco a conhecer, só disse: «aquilo ali é a cantina e isto é aquilo», nunca nos disse, nem nos apresentou ao presidente do Conselho Directivo, nem nos apresentou, absolutamente, a ninguém e nós fomos aos poucos, fomos andando sozinhos, andamos os três sempre juntos e fomos andando e conhecendo as pessoas.

Ent.: As tuas atitudes, em relação à formação, foram influenciadas pela avaliação?

Vanda: Isso é sempre um bocado porque as pessoas sempre querem fazer o melhor para terem a melhor nota possível, apesar do meu relacionamento, o que é o facto é que para os meus alunos, estar em estágio ou não estar em estágio é a mesma coisa, a diferença é que assim faço resolução de fichas a computador, faço acetatos a computador. Se não estivesse em estágio, se calhar não fazia. Agora o resto é igual. Não vejo diferença nenhuma.

Ent.: As tuas atitudes, em relação à formação, foram influenciadas pela Universidade?

Vanda: Eu acho que o meu 4º ano foi um ano em que andei na Universidade a passar tempo, aquelas pedagógicas todas. Porque aquilo é só teoria.

Ent.: Achas que, globalmente, a tua formação é a indicada.

Vanda: Falta muita coisa. Faltam de certeza absoluta. Tive três anos de formação científica, faltou geometria, faltou geometria e no 4º ano que tive Didáctica da Geometria e Didáctica da Matemática, eu sinto que nem eu aprendi nada nem praticamente ninguém aprendeu nada.

Ent.: Mas o professor não é competente?

Vanda: Acho que é uma pessoa que tem seis ou sete anos de ensino, penso eu, mas é só. Uma pessoa que levou para lá umas fotocópias para nós lermos e nunca nos ensinou mais nada, praticamente foi pouca coisa o que nos ensinou.

Ent.: E em termos de actividades em Matemática?

Vanda: O que nós fizemos na Didáctica, primeiro foi escolher um problema que fosse interessante para expor uma matéria. Éramos nós, para ela estavam todos bem. Depois, o que é que ela nos mandou fazer? Foi fazer a planificação a longo prazo de um ano, a médio prazo e depois foram dar umas aulas sobre funções, foi o que eu fiz. E nunca soube o que ela achava bem ou o que é que ela achava mal. Ela só dizia para explorámos a matéria com problemas. Problemas. Não é bem um problema. O que nós vamos experimentar é mais uma situação real, porque os problemas a sério, não dá para expor matéria, porque eles, às vezes, metem muita matéria.

Ent.: As tuas ideias condicionaram as tuas atitudes, durante o estágio?

Vanda: Na prática foram um bocado. Como eu vivia com uma pessoa que fez estágio o ano passado, uma colega minha, e então ela dizia-me: «numa aula assistida, principalmente, não te esqueças de andar pela sala, de ..., faz uma letra legível, ...». A pessoa na aula assistida tenta aperfeiçoar ainda mais visto que está a ser avaliado e sei lá...« Nos acetatos, faz a letra não sei quantos, porque tem que ficar a letra maior, tens que mandar alunos ao quadro, fazer, às vezes, perguntas dirigidas», esse tipo de coisas. Eu levava ideias do que ela me dizia: «olha tive estas aulas assistidas e diziam para eu fazer isto e isto. Então tenta, também, fazer o que eles querem».

Ent.: Essas atitudes foram do dia a dia?

Vanda: Foram atitudes do dia a dia. Eu comecei a adquirir isto no início e depois na aula assistida era a mesma coisa. Diferente era ter de fazer um plano de aula, leva muito tempo, passar a computador e tudo isso. Houve aulas que dê melhor do que uma ou outra assistida, depende da maneira como os miúdos reagem, também depende da turma que temos à frente.

Ent.: Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?

Vanda: Eu acho que existem. Primeiro os miúdos estão logo a pensar que a Matemática é um grande bicho de sete cabeças, que aquilo é uma coisa horrorosa e que aquilo é muito difícil. O primeiro problema para nós é que temos de tentar mostrar aos alunos que não é nada disso e depois é que começamos a expor a matéria. De início os miúdos vêm do 3º ciclo e depois começam a dizer-lhes que aquilo é muito difícil, que chumbam todos e não sei quê e eles vêm assustados.

Ent.: Existem diferenças na atitude do professor de Matemática em relação a outras disciplinas?

Vanda: Penso que não.

Ent.: Existem diferenças em relação aos conteúdos?

Vanda: Eu acho que a Física e a Matemática estão interligadas.

Ent.: Existem diferenças em termos metodológicos?

Vanda: Eu acho que é diferente. Eu acho que, às vezes, um professor de Matemática, mesmo que queira fazer muita coisa, a turma não está preparada.

Ent.: Como fazias, no dia a dia, para motivar os teus alunos? Como fazias?

Vanda: Fazia actividades. Por exemplo, quando introduzia matéria, tentava sempre arranjar exemplos que se aplicassem à realidade, dentro do possível. Dependia das matérias, dentro da geometria tentei utilizar os sólidos em acrílico com o líquido colorido dentro para eles verem as secções. Tentava dirigir perguntas para que fossem eles a descobrir as coisas. Eles ficavam mais interessados do que se fosse eu a chegar ali e dizer é assim, assim e assim. Tentava fazer-lhe perguntas, tentava que fossem eles a descobrir as coisas aos poucos para eles próprios sentirem que eram capazes de descobrir algumas coisas. Todas, não são capazes.

Ent.: A partir do exemplo que propunhas, exploravas o exemplo? E nas outras aulas?

Vanda: Era prática. Os alunos praticavam. Por exemplo, eu expunha a matéria e tinham para praticar exercícios sobre a matéria. Cheguei a fazer trabalho em grupo. Os alunos gostam muito de trabalhar em grupo, só que às vezes as aulas tornam-se um bocadinho barulhentas, um bocadinho complicadas. Fiz trabalhos de grupo, fiz um trabalho de grupo por unidade, eles gostavam de trabalhos em grupo, fiz fichas de trabalho para eles irem fazendo, passava trabalho de casa.

Ent.: Existem diferenças em relação aos valores, entre a Matemática e as outras disciplinas?

Vanda: Os valores, como?

Ent.: Por exemplo, a utilidade da Matemática difere da utilidade das outras disciplinas?

Vanda: Eu acho que depende dos professores. Por isso é que existem colegas meus na escola que não agem assim, talvez já tenham muitos anos de ensino. A Didáctica não é fácil, expõem as coisas muito teóricas, mesmo muito teóricas, os miúdos não gostam, contribui para o insucesso.

Ent.: Contribui muito para o insucesso?

Vanda: Eu acho que sim. Eu acho que os miúdos ficam muito desmotivados. Eles assim não gostam. Uma coisa que os miúdos adoraram mas que só fizemos dois ou três professores na escola foi utilizar a máquina de calcular, na aula, para o estudo das funções. Eu utilizei na função afim, na função quadrática, na função módulo e praticamente foram só três ou quatro professores a fazerem isso.

Ent.: A maior parte dos professores não utilizam máquina de calcular?

Vanda: Não, porque acham que dá muito trabalho ou porque não querem saber. Os miúdos têm as calculadoras e não sabem o que lhes devem fazer.

Ent.: Um Estágio Pedagógico a Matemática é diferente de um Estágio Pedagógico a outra disciplina?

Vanda: Eu só posso falar das pessoas com quem estive em contacto, que foram as de Português. Eu acho que nós a Matemática utilizamos um grande rigor a fazer planos de aula, vamos muito ao pormenor nas coisas. Os de Português é diferente porque eles, praticamente, ... Eles vão explorar um determinado texto e depois as perguntas vão surgindo ao longo da aula. As nossas, por vezes, são exercícios, é aquele exercício. Podem surgir dúvidas, nós podemos até esclarece-las mas no fundo vamos pegar de novo no próximo exercício e numa aula de Português, o aluno, com determinada perguntas, pode dar volta completa à aula. Isto é a minha opinião. Nos nossos grupos de estágio, que eu conheci, eram umas pessoas muito rigorosas nos planos de aula, no dossier de estágio. Sempre muita coisa passada a computador.

Ent.: Achas que as principais diferenças são em relação às características da disciplina, e em relação ao papel do supervisor?

Vanda: Eu acho que as características principais devem ser praticamente iguais, não é? Mas são disciplinas diferentes.

Ent.: E entre os estagiários?

Vanda: Somos um bocado diferentes. Nós somos umas pessoas muito exactas. É assim, é assim e acabou-se e os de Português são pessoas que conseguem andar mais à volta das coisas e escrever umas coisas muito bonitas. Para os estagiários de Matemática uma das chatices é escrever o relatório de estágio, porque temos que escrever.

Ent.: Existem diferenças em relação à interacção entre o supervisor e o Supervisando?

Vanda: Na escola onde eu estive houve diferenças, o que não quer dizer que nas outras existam.

Ent.: Que diferenças?

Vanda: No nosso.

Ent.: Sim.

Vanda: Com o grupo de Português, na escola onde eu estou, tive um relacionamento horrível com a orientadora. A orientadora, como elas dizem, é uma pessoa má. É uma pessoa má que criticava tudo, tudo. Para ela, nada estava bem, nunca disse que uma coisa estava bem feita.

Ent.: Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática?

Vanda: Sim, fazíamos fichas de trabalho. Mesmo com a minha primeira orientadora, nós fazíamos fichas de trabalho. Como ela tinha, também, uma turma do 10º ano, muitas vezes fizemos as fichas e dávamos as fichas para ela aplicar na sua turma.

Ent.: Vocês é que faziam as propostas?

Vanda: Sim. Nós inicialmente fizemos uma ficha ou outra, nós fizemos a ficha e depois ela aplicou na sua turma, não houve assim grandes críticas, não havia muito..., é o que eu digo não aprendi nada de especial.

Ent.: O trabalho desenvolvido, partiu muito da vossa iniciativa?

Vanda: Sim.

Ent.: Quer com uma orientadora quer com a outra?

Vanda: Com a outra orientadora foi assim porque ela não tinha tempo para nós. Era uma pessoa que tinha um horário com 22 horas ou 20 e é muito difícil.

Ent.: Discutias as tuas propostas sobre o modo de abordar os conteúdos?

Vanda: Com os meus colegas, com os orientadores e com colegas da escola, professores. Eu cheguei a dar fichas minhas a outros professores da escola, eles davam-me os testes deles, às vezes, queriam ver, esse tipo de coisas.

Ent. Achas que os professores dão muito relevo aos testes?

Vanda: Dá-se sempre algum, um teste é sempre um teste, os alunos são avaliados pelo interesse, participação na aula, pelo comportamento, pelos trabalhos de casa, os trabalhos de grupo, essas coisas todas mas os teste têm sempre algum peso.

Ent.: Partilhavas com os teus colegas de outros grupos estas ideias sobre o Ensino da Matemática?

Vanda: Partilhava com as minhas colegas de Português.

Ent.: E dos outros núcleos de estágio de Matemática?

Vanda: Partilhava, principalmente com o núcleo de Portimão, estava lá a minha amiga.

Ent.: Era a partir da relação de amizade?

Vanda: Não. Também partilhei com Albufeira, porque nós éramos todos colegas o ano passado e falamos, quando nos encontrávamos na Universidade à segunda feira. Falávamos do que aconteceu, do que não aconteceu, o que íamos fazer, como se fazia.

Ent.: Se voltasses a fazer o estágio, o que mudarias?

Vanda: No estágio.

Ent.: Em relação a todo o curso.

Vanda: Eu acho que fazia tudo, praticamente na mesma.

Ent.: E em relação à estrutura, o que mudavas?

Vanda: Em relação aos orientadores?

Ent.: Mudavas alguma coisa?

Vanda: No estágio. Eu acho que o estágio faz falta, mas eu acho que os orientadores, já que têm aquela redução de horário..., devia ser estipulado um horário para eles tirarem dúvidas a estagiários, ensinar, mostrarem coisas aos estagiários, trabalharem com os estagiários.

Ent.: Sentiste muita falta de apoio?

Vanda: Senti, sem dúvida nenhuma. Porque eu ouvi falar de estágios, inclusive com uma professora que está cá na escola que foi orientadora de estágios muitos anos e ela diz que levava tardes com os estagiários dela a mostrar e explicar coisas e dar ideias e a mostrar livros daqui, livros de Espanha, de Inglaterra e de muitos sítios. Ela é uma pessoa que sabe muito e partilhava muitas ideias.

Ent.: O que não aconteceu contigo?

Vanda: O que não aconteceu comigo. Eu tenho pena, acho que devia ter aprendido muito mais e, assim, não aprendi.

Entrevista com a aluna Florbela
20 de Junho de 1997

A aluna Florbela é finalista do Curso de Matemática - Ramo Educacional da Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve. A aluna concordou em deixar-se entrevistar para o meu projecto. À aluna foi garantido o anonimato.

Entrevistador: Como caracterizas a pessoa do supervisor?

Florbela: Antes de mais, acho que tem que ser uma pessoa com um bom currículo, que seja um doutorado, no caso da Universidade. Se for da escola, uma pessoa com muitos anos de experiência e que seja bem conceituada aqui na escola. Uma pessoa responsável, organizada, acima de tudo, e depois que consiga fazer o seu trabalho com seriedade e, ao mesmo tempo, com simpatia, porque se está a orientar pessoas, em princípio essas pessoas não têm experiência nenhuma e ..., são pessoas que vêm, ainda, muito frescas da Universidade, que não têm experiência nenhuma e se tiverem, ali, uma certa simpatia, pela parte do orientador, sentem-se muito melhor do que se não tiverem isso. À parte da simpatia têm de fazer o seu trabalho com muita seriedade e que o estagiário veja que é uma pessoa responsável, organizada, que sabe, que é uma pessoa que sabe, que tem um bom currículo. Acho que é isso.

Ent.: Em termos profissionais, achas que tem que ser uma pessoa experiente?

Florbela: Ela é uma pessoa licenciada em Matemática, no meu caso, e com muitos anos de experiência, porque a meu ver só o licenciado não chega porque só com os anos de experiência é que se aprende os pormenores todos.

Ent.: Quais as características relacionais mais relevantes na relação do supervisor com os outros intervenientes do processo de formação?

Florbela: Eu acho que, o estagiário, à partida se vai dar aulas e o orientador vai assistir, o estagiário não vai fazer as coisas ainda bem feitas, porque não consegue e eu acho que o orientador deve conseguir dizer ao estagiário aquilo que não estava bem feito, aquilo que ele tinha que mudar, mas dizer isto num bom tom. Tenho conhecimentos de pessoas que não dizem isto num bom tom e põem cá muito cá para baixo os estagiários. Portanto, eu acho que os estagiários não fazem, não fazem porque não têm experiência nenhuma, e então o papel do orientador é ajudar os estagiários, «fizeste assim e não devias ter feito, devias fazer assim», mas tem que dizer isto num bom tom, porque o estagiário sabe que não está a fazer aquilo bem porque não tem experiência nenhuma, o orientador tem que lhe dizer isso mas tem que dizer-lhe num bom tom.

Ent.: Achas que o supervisor tem um estatuto social especial no meio escolar e na sociedade?

Florbela: Eu, aqui na minha escola, em relação à minha orientadora, notei, notamos e ouvimos conversas que os outros professores têm talvez uma certa inveja, não sei se esta palavra será mesmo inveja, de aquele determinado professor ser orientador de estágio, ter estagiários, andar sempre com os estagiários, os estagiários vão assistir às aulas deles. Quer dizer, nota-se que há alguns professores que tem uma certa ..., não sei se a palavra será inveja, mas, também, gostavam de ser orientadores de estágio. Temos notado isso aqui na nossa escola. E tanto notamos isso, que este ano abriu, outra vez, concurso para estágio e a minha orientadora concorreu outra vez e concorreram outros

professores que, também, queriam ser orientadores de estágio. Lembro-me da minha orientadora comentar que, apesar de não se ganhar muito, havia muita gente a invejar o papel dela.

Ent.: Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor? Foi antes do estágio? Ou já depois?

Florabela: Antes do estágio nunca pensei muito nisso. Eu, antes do estágio, pensava mais, aí nunca dê aulas, como é que eu vou enfrentar os alunos? E chego lá e vou estar muito nervosa. Só pensava era nos alunos, como é que os ia enfrentar? como é que ia para dentro da sala? ainda não pensava muito em termos de orientador. Depois, começaram as aulas, é que aí sim, é que começamos a trabalhar com o orientador e ele começou a ajudar-nos, aí sim é que nós começamos a pensar neste papel. Mas foi só quando comecei o estágio, antes do estágio, umas semanas antes, pensava era como é que eu iria sentir-me e estava nervosa, estava ansiosa por ir começar a dar aulas e ter de enfrentar tantos alunos, foi o meu maior problema.

Ent.: Essas ideias foram construídas por ti?

Florabela: Por mim e também pelos meus colegas de estágio, porque nós, por acaso, vivemos juntos na mesma casa e trabalhamos sempre em conjunto e comentávamos muito mais, em principio as nossas ideias eram as mesmas em relação ao orientador e comentávamos entre nós, mas essa ideia não é só minha é também dois outros dois que trabalham comigo

Ent.: Com outros colegas de outros grupos?

Florabela: Também partilhávamos porque nós à segunda feira estávamos na Universidade e cada grupo falava do seu orientador, «o meu têm ajudado bastante», outros diziam assim: «o meu não, há muito tempo que não temos reuniões com ele, não nos ajuda em nada», outros, então, diziam que lhes davam muito trabalho, que queria assim, que queria assado, enfim, nós, por acaso, até ficamos bastante satisfeitos com o nosso, porque ouvíamos uns dizerem que não tiveram muita ajuda por parte do orientador e ouvíamos outros dizerem que a orientadora dava-lhes muito trabalho. Portanto, comentávamos entre os núcleos.

Ent.: Essas ideias foram construídas a partir do relacionamento com o teu supervisor ou não?

Florabela: Sim. A minha orientadora era uma pessoa que impõe muito respeito, aqui na escola. Uma pessoa muito conceituada que impõe muito respeito. Mas com o passar do tempo é que nós fomos ..., com o passar do tempo.

Ent.: O Processo de formação desenvolvido durante o Estágio Pedagógico foi ao encontro das tuas expectativas?

Florabela: Eu antes não estava a preocupar-me muito com isso. Preocupava-me era o facto de vir para aqui, conseguir dar aulas mas, agora, com o desenrolar do tempo é que eu aprendi muito, aprendi muito em relação à direcção de turma, aprendi muito de como havemos de dar aulas, aprendi que não era só importante chegar ali e dar aulas, temos alunos, que eles são humanos, que temos que ter um bom relacionamento com eles, que temos que dar bons exemplos, temos que os ajudar, que os alunos não são todos iguais, uns têm problemas familiares outros têm problemas com a droga, eles chegam à sala e podem ver no professor uma ajuda, aprendi que não é só chegar ali e despejar Matemática, também tenho que conhecer os meus alunos, que tenho de ter um bom relacionamento com eles, tenho que os ajudar e isso aprendi muito com a minha

orientadora, ela disse-me que os alunos..., eu lembro-me que uma vez numa aula, quis cumprir a planificação, foi das primeiras aulas, foi a primeira ou a segunda, tinha feito uma planificação, quis cumpri-la e andei depressa de mais, não tive em atenção aos alunos, eu queria era cumprir aquilo, aprendi que não pode ser assim, que apesar de se fazer a planificação temos que ir para a aula e fazer aquilo devagarinho, se eles não entenderem voltar atrás, se cumpri, cumpri, se não, paciência, o que interessa é que a aula seja bem dada e que os meus alunos, que eu tanto gosto, que é assim que nós temos de tratar os alunos, têm que aprender. Foi, assim, que eu aprendi também, que não é só chegar aqui e dar aulas de Matemática, temos que os cativar, temos que manter boas relações com eles.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação ao desempenho do supervisor?

Florbela: Antes de começar o estágio já disse que não tinha muitas mas depois do estágio gostei muito do papel da minha orientadora fez com a gente. Era uma pessoa muito organizada. Oxalá eu consiga ser professora como a minha orientador é, porque nós fomos assistir às aulas dela e isso foi muito bom porque como ela tem muita experiência, nós aprendemos também. Ela, depois, quando ia assistir às nossas dizia que se estava a ver um pouco. Por quê? Porque nós íamos às suas aulas e aprendíamos. Mas, em relação à minha orientadora, ela é uma pessoa que sabe muito Matemática, que sabe explicar e nós nisso temos um certo orgulho, gostamos de ser assim. Íamos assistir às aulas dela e aprendíamos muito e depois, tínhamos todas as semanas reuniões, aí víamos que ela era organizada. Em relação às críticas que ela nos fazia, porque nós sabemos que não somos perfeitos, dizia: «não deves fazer assim, deves fazer assado», mas dizia tudo bem dito.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à planificação das actividades?

Florbela: Dependia das matérias. Tentava, sempre, que fosse interessante, que os alunos estivessem lá e que gostassem. O principal é que devia planificar de maneira que os alunos gostassem da aula. Então, procurávamos em vários livros. Recebemos muitos livros das editoras, quando fomos ao Algarmat. Como trabalhávamos os três, em casa, procurávamos em vários livros e tentávamos tornar a matéria estimulante e engraçada. Por exemplo, quando começamos a dar a geometria, levamos..., fizemos planos, em cartolina, arranjamus paus de espetada e do jogo do Mikado para fazer as rectas, levamos sólidos. Foi uma aula interessante. À partida, uma matéria que eles podem não saber bem, que é a posição relativa das rectas, mas com o plano..., e se estiver assim. Principalmente, quando planificamos as aulas era de maneira que elas fossem interessantes e que os alunos gostassem de lá estar.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção entre os diferentes intervenientes no processo formativo?

Florbela: Com o orientador as melhores possíveis, porque a final de contas..., para mim o orientador é como se fosse uma professora que estava ali. Nós até a tratamos por professora, nós tratamo-la por professora porque era assim que nós a víamos, como uma professora que nos estava a ensinar. Nós, ainda, éramos muito novinhos, não sabíamos e ela estava ali a ensinar. Portanto, tratávamos por professora e tudo. As minhas expectativas é que tivesse ali uma pessoa que me ensinasse aquilo que eu não sabia, isto em relação à orientadora. E com os alunos, principalmente que me desse muito bem com eles e que tivesse uma relação boa com eles, que houvesse bom entendimento. Dê-me muito bem com eles, eles gostam muito de mim e eu, também,

gosto deles. Acho que eles aprenderam bem, tiveram umas excelentes notas, nas provas globais.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à avaliação?

Florbela: A avaliação, foi um problema que nós tivemos. Dar notas, meu Deus do céu, custou-nos muito. No primeiro período, acho que levamos uma tarde inteira a pensar nas notas de duas turmas. Mas, depois, pensamos nas notas e no outro dia a seguir, fomos falar com a orientadora para ela nos ajudar, se o aluno tem isto nos testes, mas nós não avaliamos só os testes. Tínhamos os testes com peso três e depois tínhamos uma série de capacidades, atitudes, valores e aptidões que avaliávamos também, e então baseando nos testes e naquilo que dizíamos dos alunos, a minha nota estava correcta. Ela dizia: «sim» ou que «não, era melhor subir», mas tivemos muita dificuldade em relação à avaliação. Uma coisa que eu não pensava que ia ter dificuldade à partida, mas tivemos quando chegou a hora.

Ent.: E quais as tuas expectativas em relação à avaliação das tuas actividades?

Florbela: Agora não é dos alunos, é de mim. E que eu achava é que trabalhei bastante e que não estava a sair-me muito mal nas aulas assistidas. Em relação à minha avaliação, acho que fiz o melhor possível. E depois os orientadores, também, deram-me uma nota mais ou menos boa.

Ent.: Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do processo de formação?

Florbela: Ao longo do processo, eu antes do estágio só pensava como é que ia conseguir enfrentar os alunos. Era só o que eu pensava. Isto foi tudo ao longo do processo.

Ent.: Foram construídas ao longo do desenvolvimento das actividades ou na relação com os teus colegas?

Florbela: As duas coisas. Nós conversávamos muito, cada um chegava das aulas e comentava tudo aquilo que se passava, das aulas assistidas. Portanto, das duas coisas. Trabalhamos muito em conjunto e acho que é muito bom. Acho que se todos os grupo trabalharem em conjunto, vão ver é muito mais fácil. Sei que há grupos que não trabalham em conjunto, é mais individual. Trabalhar em conjunto, as coisas tornam-se muito mais fáceis.

Ent.: Quer dizer que tu partilhavas as tuas ideias com os teus colegas?

Florbela: Sim. partilhávamos a propósito de tudo. Fazíamos tudo em conjunto.

Ent.: E a propósito das tuas reflexões?

Florbela: Também. chegávamos a casa, ai aquele assim, aquele assado, e depois o outro chegava a casa, ai aquela turma assim, tudo, tudo, tudo. Talvez por morarmos os três juntos, ao fim da tarde, saíamos da escola e íamos para casa.

Ent.: E a propósito do teu supervisor, também?

Florbela: Também, falávamos dos alunos e do supervisor.

Ent.: E como os outros grupos?

Florbela: Com os outros grupo, à segunda feira. O que falávamos mais era dos orientadores, em termos das nossas aulas com os alunos não costumávamos falar. Era mais em relação aos orientadores, ai aquele não faz nada, o outro trabalha mais, enfim, não falamos em relação aos alunos.

Ent.: As tuas atitudes em relação à formação foram influenciadas?

Florbela: Acho que não. Não. Comentávamos entre eu e o meu grupo mas acho que não fui influenciada. Eu achava aquilo e não foi por um dizer que não que..., não foram influenciadas porque eu gosto muito da minha orientadora, acho que ela fez um excelente trabalho connosco e havia alunos que diziam que conheciam esta professora, que era assim, que era assado e isso nunca nos influenciou. Não falavam bem desta professora, assim e assado, mas isso nunca nos influenciou o nosso núcleo, nós gostamos muito dela.

Ent.: E em relação ao relacionamento com os alunos, não foste influenciada?

Florbela: Eu logo no início do ano, fui para a aula mais séria, depois com o continuar do tempo fui relacionando-me melhor com eles. No início do ano estava mais séria, chegava ali e dava só a matéria e depois com o continuar, já fui tendo mais relação com eles, já conversava mais um bocadinho.

Ent.: Esta escola, também teve influencia nas tuas atitudes?

Florbela: Eu acho que sim. É uma escola que tem professores de bom nível, acho que está muito bem organizada, gostei muito da escola, gostei muito dos professores, gostei muito dos alunos. Acho que isso também teve influência. Para a pessoa se sentir bem, também para fazer um bom trabalho, e eu senti-me muito bem nesta escola.

Ent.: E pela Universidade?

Florbela: Na verdade a Universidade só me deu duas coisas: a possibilidade de ser professora de Matemática e aprender a estudar. Tudo aquilo que precisei este ano tive que estudar, estudar muito. Para dar esta matéria, para dar 10º e 11º ano, eu tive que estudar por mim. E a Universidade deu-me o conseguir estudar, eu sozinha conseguia estudar a matéria que ia dar.

Ent.: E as tuas atitudes, foram influenciadas pela avaliação?

Florbela: Tanto eu como os meus colegas nunca pensamos muito na avaliação, só agora no fim. Nós, o que queríamos era, principalmente, chegar à escola e dar umas boas aulas para as pessoas que assistiam e..., ela realmente dá umas boas aulas, nunca tivemos muito preocupados com a avaliação, só agora no final, nas últimas duas ou três semanas é que nós comentamos mas era uma coisa que não nos estava a preocupar. Nós preocupávamos sim, era em vir dar umas boas aulas. Não nos dizia muito a avaliação.

Ent.: Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?

Florbela: Eu acho que sim.

Ent.: Que tipo de diferenças?

Florbela: Eu acho que é mais fácil. Talvez seja mais fácil ensinar Matemática, por exemplo, aqueles professores de História, de Português, só falam, os alunos podem estar na carteira a olhar mas podem estar noutra sítio. Enquanto na Matemática damos mais vida. Por exemplo, eu chego, sento-me, faço o sumário, mas depois ando sempre no quadro, estou no quadro, explico a matéria e depois de explicar a matéria, escrevo no quadro e eles têm que passar, mando-lhes fazer os exercícios, ando ali à volta deles e eles têm que estar a trabalhar. Eu pessoalmente, até em termos de aulas assistidas nós tivemos sorte do que os nossos colegas que estão aqui a dar Português. É a minha opinião.

Ent.: Achas que as principais diferenças são relacionadas com o professor?

Florbela: Sim. Por exemplo, um professor de Português, em principio, pode não estar sentado mas quase não escreve no quadro, é mais leituras e perguntas, enquanto nós não,

temos que estar no quadro e depois fazemos perguntas a eles e depois eles respondem. Quer dizer há mais vida. Não sei explicar mas eu acho que é muito mais fácil dar Matemática do que dar História ou Português ou Filosofia. É a minha opinião.

Ent.: Existem diferenças em relação à atitude dos alunos?

Florabela: A Matemática tem os extremos. Há aqueles que gostam muito, eu tinha alunos que realmente gostam muito de Matemática, mas depois havia aqueles que não gostavam nada porque não percebiam. Eu acho que os alunos que dizem que não gostam nada de Matemática é porque não percebem, porque aquilo também é de perceber. A Matemática é os extremos, ou gostam muito ou não gostam. Enquanto Português ou a História, vai-se fazendo.

Ent.: Existem diferenças são relação aos métodos?

Florabela: É diferente, porque nós vamos para o quadro, fazemos um exercício e depois temos que lhes perguntar para ver se eles conseguem resolver no quadro. Enfim, há mais movimento e depois eles vão fazer os exercícios e nós vamos ao pé deles para ver se está certo.

Ent.: Que actividades é que tu fazias na sala de aula?

Florabela: Cheguei a fazer uma ou duas vezes aulas com acetatos, aulas diferentes. Mas o normal seria, eu explicar um pouquinho da matéria e depois fazia um exercício prático. Perguntava se eles perceberam. Quando via que aquilo estava compreendido, depois mandava-os abrir o livro e fazer alguns exercícios de acordo com aquilo que eu tinha explicado. O normal foi assim, havia algumas aulas diferentes mas o normal foi assim. Cheguei a fazer uma vez trabalho de grupo. Fiz por duas vezes aulas com acetatos, eles gostaram dessa aula.

Ent.: Um Estágio Pedagógico a Matemática é diferente de um Estágio Pedagógico a outra disciplina?

Florabela: Acho. Eu acho que é diferente. Para já os orientadores também são diferentes. É a minha opinião. Na minha escola há estágios de Matemática, Informática e Português. De Informática não estou ligada mas em relação ao Português, eu acho que há diferenças entre esses estágios. Para já, também houve diferenças nas notas. Principalmente, o papel do orientador tem muita influencia e a minha orientadora, não sei se por ser de Matemática, tinha uma personalidade e a outra de Português, por ser de Português, tinha outra personalidade. Coitados dos de Português.

Ent.: Em relação aos estagiários, achas que existem diferenças?

Florabela: Sim. Nós trabalhamos, nós tínhamos muito trabalho mas chegávamos a casa satisfeitos porque apesar de termos trabalhado muito demos as aulas e a orientadora gostou daquilo que nós fizemos, umas falhas mas nada de especial. Enquanto os de Português, trabalhavam mas depois o orientador criticava-as e elas choravam depois das aulas assistidas.

Ent.: Existiam diferenças nas relações entre o supervisor e o Supervisando?

Florabela: Sim. Havia diferenças. Nós trabalhávamos muito mas andávamos com satisfação, eles trabalhavam muito mas não andavam satisfeitos. Eu acho que a Matemática, também, é mais fácil de dar do que Português ou Inglês ou outras disciplinas. Talvez por isso. Nós andávamos satisfeitos mas dar aulas de Matemática é mais fácil do que dar aulas de Português. Porque os nossos orientadores, em termos científicos, eles não nos puseram critica nenhuma, porque aquilo que nós fizemos, em Matemática, estava tudo bem enquanto noutra disciplina já pode haver falhas, em termos

científicos. O orientador de Português dizia que aquilo não estava bem enquanto nós cientificamente não tivemos erros nenhuns. Era mais na maneira de dar.

Ent.: Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática?

Florbela: Não. Nós o que dizíamos ao orientador é que, actualmente, a Matemática está mais ligada com o real e partilhávamos quando tínhamos uma dúvida ou outra. Nesta matéria, como havemos de começar? Com um exemplo mais giro. Então, porque é que não começam fazendo um cubo assim ... Quer dizer, mas não foi muitas vezes, algumas, mas não foi muitas.

Ent.: E com os teus colegas?

Florbela: Com os meus colegas, sim. Como estávamos a viver juntos, todas as aulas que íamos dar eram planeadas em conjunto. Um dava uma ideia e outro dizia: «que bom, vou fazer também» e depois outro dava outra ideia.

Ent.: E com os colegas dos outros grupos?

Florbela: Com os colegas dos outros grupos, não.

Ent.: O que mudarias na tua formação?

Florbela: Eu acho que o meu estágio foi muito bom, eu aprendi muito com o estágio. O meu grupo de trabalho era bom, portanto não mudava. A orientadora fez um excelente trabalho connosco, não tem nada haver quando nós começamos a dar aulas e quando acabamos, melhoramos bastante. Eu acho que não mudava nada. Nós na nossa escola não fomos directores de turma, fomos assessores, enquanto nas outras escolas eles foram directores e para o ano que vem os estagiários vão ser todos assessores de directores de turma, já não vão ser directores de turma. Aprendi muito e gostei do estágio. Mudava as regências, não se fazia as regências. Nós tínhamos de ir dar uma turma que não era a nossa, que era a turma do orientador, não conhecíamos bem os alunos, estávamos mais nervosos, não estávamos dentro da matéria porque tínhamos de ir dar a continuação da matéria que o professor estava a dar. Eu acho que para o orientador ver se nós somos ou não bons professores chegava o ter ido só assistir às nossas aulas, com os nossos alunos, em que nós é que damos a matéria do principio, meio e fim. Em termos de estágio a única coisa que eu mudava era as regências. Queria também referir que os orientadores da Universidade não me ajudaram, absolutamente, em nada. .

Entrevista com o aluno Pedro
25 de Junho de 1997

O aluno Pedro é finalista do Curso de Matemática - Ramo Educacional da Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve. O aluno concordou em deixar-se entrevistar para o meu projecto. Ao aluno foi garantido o anonimato.

Entrevistador: Como caracterizas a pessoa do supervisor?

Pedro: Uma pessoa competente, exigente. Acho que deve ser exigente, responsável. Deve orientar bem os estagiários.

Ent.: Quais as características pessoais mais relevantes nas actividades e/ou tomadas de decisão do supervisor?

Pedro: Deve ser exigente com os estagiários, deve orientar, deve ajudar no máximo que poder, naquilo que saber ajudar. Acho que é tudo.

Ent.: E em relação à formação profissional, achas que deve ter uma formação própria?

Pedro: Acho que no início deve ter alguma orientação básica, não é. Uma pessoa que vai ser orientador pela primeira vez, tem que ter alguma orientação, senão anda um bocado perdida.

Ent.: Que tipo de formação científica, pedagógica tem um supervisor?

Pedro: Formação científica dos anos anteriores e da prática que teve, formação pedagógica será ao longo da própria prática.

Ent.: Quais as características relacionais mais relevantes na relação do supervisor com os outros intervenientes do processo de formação?

Pedro: Que tivesse um bom relacionamento com o estagiário, que lhe dissesse se correu alguma coisa mal se corre bem, nesse aspecto.

Ent.: Qual o estatuto social do supervisor no meio escolar e na sociedade?

Pedro: Sim. Tem um horário reduzido.

Ent. E em termos de estatuto social?

Pedro: Acho que não.

Ent.: Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor? Foi antes ou durante o estágio?

Pedro: Foi ante e depois também na prática.

Ent.: Surgiram antes, como?

Pedro: A princípio não sabia se era capaz de aguentar um estágio, era a primeira vez que o estagiário dar aulas.

Ent.: Partilhaste estas tuas ideias?

Pedro: Não.

Ent.: E durante o estágio, as ideias surgiram por ti ou em interacção com os teus colegas?

Pedro: A partir de mim e depois, em certa altura, em interacção com os meus colegas.

Ent.: E com os colegas de outros grupos?

Pedro: Não.

Ent. E com o supervisor?

Pedro: Não.

Ent.: O Processo de formação desenvolvido durante o Estágio Pedagógico foi de encontro às tuas expectativas?

Pedro: Sim. Tanto com os meus colegas, como com os alunos e com o pessoal auxiliar. Durante as aulas, também.

Ent.: Em relação ao teu desempenho, quais eram as tuas expectativas?

Pedro: Eram os objectivos que me tinha proposto. Dê-me bem com os alunos, tentei transmitir-lhes..., ensinar aquilo que eles não sabiam, tirar-lhes umas certas dúvidas.

Ent.: Em relação ao desempenho dos teus supervisores?

Pedro: Talvez, se tivessem melhores condições poderiam desempenhar melhor as suas tarefas. O orientador da escola, acho que desempenhou bem as tarefas, se bem que podia trabalhar de outra maneira, a pensar nos estagiários. Os da Universidade dependeu do contacto que nós tivemos, tínhamos à segunda feira e o nosso relacionamento com eles era pouco, iam à escola só de vez em quando.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à planificação das actividades?

Pedro: Os planos de aula. Aquilo que aprendi, foi tudo aqui, na Universidade não aprendi nada. Um plano de aula não fazia ideia do que era e daquela maneira como nos foi ensinado, logo no início, era uma coisa estranha. Nós não tínhamos a mínima noção do que era um plano de aula. Quando nós fizemos o primeiro a nossa orientadora disse-nos que aquilo não era bem um plano de aula que queria um plano muito mais pormenorizado. Eu acho que, na Universidade, devia haver uma cadeira de formação do plano de aula. Nós não temos uma noção do que é dar uma aula, pensamos que é só dar o conteúdo. Por isso, acho que nos falta alguma formação a esse nível. Se bem que é com a prática que nós vamos aprendendo, é uma questão de tempo, mas devíamos ter alguma noção. É uma questão de treino mas devíamos estar dentro do contexto.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção com o supervisor e com os alunos, no processo formativo?

Pedro: Com os alunos tentei dialogar bem com eles, inserir-me no meio deles, tentei ajudá-los no que eu pudesse, tentei dar-me bem com eles, em termos de faltas, há alunos que não justificam as faltas e tinha de lhes pedir a justificação das faltas e havia problemas com as disciplinas onde não estavam inscritos, nesses aspectos tentei estar junto deles. Com o orientador, sempre que tinha dificuldades, pedia-lhe ajuda.

Ent.: E em relação à avaliação?

Pedro: Acho que devia haver uma componente que nos ajudasse a avaliar, porque no início a avaliação do aluno pela primeira vez é difícil. Primeiro é o primeiro contacto que temos com a avaliação do aluno, não sabemos muito bem por onde começar e depois temos que atribuir essa classificação ao aluno, e no início pode achar muito ou pode achar pouco e no segundo período pode aumentar ou diminuir, a avaliação é sempre um processo difícil.

Ent.: E em relação à avaliação do teu trabalho?

Pedro: A avaliação do meu trabalho foi... Esperava outra nota e isso já foi justificado. Em termos de avaliação global acho que o trabalho foi positivo.

Ent.: Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do processo de formação?

Pedro: Foi em interacção com os outros estagiários.

Ent.: E com os outros grupos?

Pedro: Às vezes falava-se, mas não era nada de concreto.

Ent.: E em relação às actividades?

Pedro: Às vezes nós comentávamos aquilo que fazíamos. O que íamos fazer no dia a seguir.

Ent.: E aqui, entre os professores?

Pedro: Especialmente com o núcleo de estágio e com o orientador e às vezes com os colegas do grupo de Matemática. Mas essencialmente era com o núcleo de estágio.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas reflexões?

Pedro: Reuníamos todas as quartas feiras e falávamos, aquele em que a aula tinha sido assistida começava por fazer a sua crítica pessoal, depois era os outros colegas de núcleo e depois era a orientadora no final que fazia os seus comentários.

Ent.: Comentavas com os teus colegas como tinham corrido a tuas aulas?

Pedro: Às vezes, sim. Às vezes falávamos do que tínhamos achado da nossa aula.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito do teu supervisor?

Pedro: Sim, no nosso núcleo falámos dos nossos orientadores.

Ent.: E com os outros núcleos?

Pedro: Com os outros núcleos, de vez em quando.

Ent.: As tuas atitudes em relação à formação foram influenciadas?

Pedro: Mesmo que uma pessoa não queira, somos sempre influenciados.

Ent.: Essa influencia partiu mais de ti ou dos outros?

Pedro: Das coisas. Uma coisa somos nós outra coisa é a influencia das outras pessoas. Mesmo sem querer somos influenciados por nós próprios, porque queremos sempre fazer o melhor e isso influencia bastante, mas, também, temos influencias de terceiros, tanto do orientador como doutros. Se fazemos pior, tentamos sempre melhorar e isso são influencias.

Ent.: Também, depende dos alunos?

Pedro: Sim. Também, me influenciou bastante. Estamos no meio de uma aula e há qualquer coisa que não está a correr bem, pensamos logo somos nós ou são os alunos.

Ent.: O teu comportamento com os alunos foi sempre igual desde o início?

Pedro: Sim.

Ent.: A escola que te acolheu, teve influencia nas tuas atitudes?

Pedro: É a minha escola, eu estudei aqui, portanto as influencias que eu já tinha ..., já conhecia a escola, alguns professores e alguns funcionários. Portanto, as influencias ...

Ent.: E em relação à Universidade?

Pedro: Influencias, quase nenhuma.

Ent.: As tuas atitudes foram influenciadas pela avaliação?

Pedro: Não. A avaliação só foi feita no fim, não influenciou as minhas atitudes.

Ent.: Não condicionaste as tuas atitudes em função da avaliação?

Pedro: Não. Sempre fiz aquilo que pensava. Só não fiz aquilo que não podia fazer.

Ent.: Pelas ideias que tinhas quando iniciaste o Estágio Pedagógico?

Pedro: Não fazia a mínima ideia do que era a prática. Acho que um estagiário que pela primeira vez tem que dar aulas, pela primeira vez. Há estagiários que já tiveram a dar aulas. Para mim foi uma coisa totalmente nova. É aquilo que eu chamo trabalho de bastidores, eu não tinha a mínima ideia do que era, o trabalho que tinha que fazer em casa ou na escola. A maior parte dos alunos pensa que o professor chega à escola e

despeja a matéria, não é isso há muito trabalho nos bastidores. Como é a direcção de turma, a preparação de aulas, a preparação de testes, de trabalho.

Ent.: Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?

Pedro: Diferenças em ensinar acho que não mas estratégias para ensinar, sim. Os métodos são diferentes.

Ent.: Que tipo de actividades é que tu fazias na sala de aula?

Pedro: Utilizava figuras geométricas, por exemplo, rectas do plano, o espaço com um cubo. Exemplos práticos. Com os vectores tentei, aqui nesta zona há muitos cruzamentos, tentei aplicar coisas reais.

Ent.: Achas que existem diferenças nas atitudes dos alunos?

Pedro: Em relação a algumas disciplinas eles têm uma atitude diferente. Nas disciplinas em que a maior parte dos alunos têm mais dificuldades, têm uma atitude mais negativista, nas disciplinas em que eles têm mais facilidade em adquirir os conhecimentos, têm uma atitude mais positiva.

Ent.: A Matemática, qual é a atitude?

Pedro: Acho que eles têm uma atitude assim mais ou menos, eles têm um certo receio.

Ent.: E o professor, achas que têm atitudes diferentes?

Pedro: Depende das características da pessoa.

Ent.: Um Estágio Pedagógico a Matemática é diferente de um Estágio Pedagógico a outra disciplina?

Pedro: Acho que é pouco pedagógico. Em termos das ciências exactas, os cursos são pouco orientados em questões pedagógicas. Um estágio pedagógico de ciências exactas é diferente de um estágio pedagógico de ciências humanas, trabalham de maneira diferente.

Ent.: Existem diferenças são em relação ao papel do supervisor?

Pedro: Também. As diferenças não sei, talvez a nível pedagógico, a nível científico. Não sei.

Ent.: E o papel do estagiário é diferente?

Pedro: Não sei.

Ent.: E a nível relacional, entre o supervisor e o estagiário?

Pedro: Acho que não, devem ter a mesma relação.

Ent.: Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática?

Pedro: Sim, às vezes sim. Do género, como devíamos introduzir a matéria?, como devíamos leccionar isto? E depois, se tínhamos algumas dúvidas sobre determinado exercício, como devíamos abordá-lo na aula.

Ent.: E com os teus colegas de núcleo?

Pedro: Principalmente com eles. A maior parte das vezes era com eles. Partilhávamos fichas de trabalho.

Ent.: O que mudarias na tua formação?

Pedro: Talvez no início, uma orientação antes de vir para a escola. Duas semanas, antes de começar a leccionar foi muito pouco. Devia haver uma preparação.

**Entrevista com a aluna Teresa
18 de Junho de 1997**

A aluna Teresa é finalista do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo, variante Matemática/Ciências da Natureza, da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve. A aluna concordou em deixar-se entrevistar para o meu projecto. À aluna foi garantido o anonimato.

Entrevistador: Como caracterizas a pessoa do supervisor?

Teresa: Em princípio deve ser uma pessoa que consegue facilmente, e com uma visão super rápida, identificar as nossas dificuldades e tentar-nos ajudar. É uma pessoa que tem que estar..., eu não digo sempre presente, mas que tem que estar muitas vezes presente. Nós estamos ali, estamos a tentar trabalhar, estamos a tentar dar o nosso melhor mas há muitas falhas que nós sozinhos não conseguimos identificar ou não nos apercebemos. Acho que o supervisor tem mesmo esse papel, de estar ali e de nos chamar à atenção, seja para bem seja para mal. Não digo que seja só os aspectos negativos como também os aspectos positivos. Muitas vezes fazemos espontaneamente e não sabemos o que estamos a fazer. E se calhar, se nós pensarmos sobre o assunto ainda vamos explorar cada vez mais.

Ent.: Quais as características pessoais mais relevantes nas actividades e/ou tomadas de decisão do supervisor?

Teresa: Ser boa pessoa, ser boa pessoa é ser uma pessoa fácil de comunicar, que nos deixe falar, principalmente que nos deixe falar, porque eu senti muita diferença entre uma que tinha e o outro que tinha, porque um era uma pessoa que me deixava falar e que me deixava exprimir-me, eu sabia que não era só ouvir eu podia falar, podia justificar aquilo que tinha feito, justificar os actos que tinha cometido, porque é que tinha feito aquelas estratégias, porque é que não tinha aplicado outras. Para ser assim eu acho que uma pessoa tem que ser o bom amigo.

Ent.: Mas essa perspectiva é em termos de intenção, foi mais o que encontraste ou foi mais em termos ideais?

Teresa: Encontrei. Eu encontrei. Encontrei num mas não encontrei no outro, aliás eu encontrei o oposto. Encontrei e espera encontrar.

Ent.: Que tipo de formação científica, pedagógica, pessoal e social tem um supervisor?

Teresa: Tem que ter uma preparação diferente de um professor. Primeiro tem que ter, já, experiência. Acho que já devia ter trabalhado com os miúdos, uma vez que é com os miúdos que nós estamos a trabalhar e deve conhecer bem os miúdos. Eu não sei como é que uma pessoa que não conhece o meio ou que não conhece os miúdos, que limita-se a ir lá assistir uma quantas aulas de alguém que está a dar as aulas pode dizer que conhece os miúdos e saber se que aquele tipo de estratégia é ou não adequada. Não tem que ter nenhuma formação especial mas já devia ter dado aulas, principalmente naquela faixa etária ou por ali perto.

Ent.: Quais as características relacionais mais relevantes na relação do supervisor com os outros intervenientes do processo de formação?

Teresa: Deve ser o mais franca possível. Deve ser o mais franca possível.

Ent.: Qual o estatuto social do supervisor no meio escolar e na sociedade?

Teresa: Não, mas isso faz parte da minha maneira de ser, porque eu não acho que ter esta..., ter uma profissão, ser um doutor ou ser um varredor de rua, não se tem estatuto por isso. Eu acho que o estatuto constrói-se é pela nossa maneira de ser, pela nossa maneira de lidar com as pessoas. Aliás é aí que as pessoas têm o meu respeito, não é pelo estatuto que têm.

Ent.: Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor?

Teresa: Eu já tinha antes, principalmente antes, o que eu gostaria. Agora se ia acontecer ou não eu não sabia. Que o supervisor mostrasse uma disponibilidade diferente.

Ent.: Como surgiram?

Teresa: Foi da necessidade que eu fui sentindo, eu lembro-me que..., houve aquela prática, a primeira prática no primeiro ciclo, temos só um dia por semana e depois temos a reflexão com o grupo do supervisor. Eu achava super giro estar ali a partilhar as experiências: o que é que tinha acontecido; o que é que não tinha; o que é que tinham feito; o que é que não tinham feito. Era super interessante. E depois achei, quando fui fazer a outra prática no primeiro ciclo, já que isso já não aconteceu, quando havia reunião já era só com..., por acaso até tive sorte por era o meu grupo e um outro grupo, mas mesmo assim, senti aquela falta de debater. Fui construindo muito eu, da necessidade que eu tinha.

Ent.: Os colegas dos anos anteriores transmitiram-te alguns ideias sobre a prática pedagógica?

Teresa: Eu nunca perguntei, mas também nunca tive grande ligação assim com nenhum. Era mais aquelas conversas que eu, às vezes, apanhava.

Ent.: E professores?

Teresa: Não estou a ver, também acho que não.

Ent.: Como foram construídas as tuas ideias durante a Prática Pedagógica?

Teresa: Neste estágio até estive assim, praticamente isolada, porque sou de Quarteira e estava em Quarteira, então a única pessoa com quem conversava mesmo era com a minha colega de grupo que tem umas ideias bastante diferentes das minhas.

Ent.: O Processo de formação desenvolvido durante a Prática foi ao encontro às tuas expectativas?

Teresa: Nós temos umas ideias e queremos fazer, quando chega à altura parece tão difícil, despropositadas, os conteúdos até nem dão para isso. Não correu, assim, lá muito bem

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação ao teu desempenho?

Teresa: Ter ficado mais contente com o meu trabalho e chegar ao fim da semana e dizer: «afinal os miúdos até perceberam», «até fiz umas coisas engraçadas», «até não cometi muitos erros». Era isso que eu esperava ter acontecido, só que, como eu criei umas expectativas tão grandes, então fui acumulando uma certa frustração.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação ao desempenho do supervisor?

Teresa: Era uma pessoa que apresentasse disponibilidade. Tive isso com um e não tive com o outro. O da escola que me ajudasse mais, o que não aconteceu, que me desse muito mais dicas. É a primeira vez que eu estava a fazer aquilo, não é? Por muito que a gente aprenda aqui, por muito que a gente saiba há sempre montes de erros que cometemos e que é escusado cometer. Por é que onde ser os meninos a pagar por isso?. Então, eu estava à espera que ela me desse muito mais apoio. Principalmente, na selecção de estratégias ou das actividades. O da E. S. E, era mais o comentário, mais no

desempenho, realmente se foram bem preparadas, o que poderia ter feito. Eu aqui distingo o papel de um e de outro.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à planificação das actividades?

Teresa: Que conseguisse entrar ainda mais nos miúdos. Que conseguisse ter um trabalho mais de bastidores e depois na sala de aula fossem eles a fazerem, eles a desenvolverem. Mais do que, propriamente, eu ter que estar a falar, a explicar tudo, estar a fazê-los ver. Eu queria que fossem eles a chegar lá e isso é possível mas, muitas vezes, não consegui. Consegui numa disciplina e não consegui na outra. Teve haver com a própria matéria, que eu leccionei. São só sete semanas.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção entre os diferentes intervenientes no processo formativo?

Teresa: Com os miúdos, super bem. Adoro os miúdos. Isso é uma característica minha. Eu acho, aliás, que, no meio disto tudo, eu estou nesta profissão porque gosto dos miúdos. Desde o primeiro dia que tentei criar uma boa relação com os miúdos. Acho que só assim é que se consegue desenvolver um bom trabalho e haver aquela cumplicidade, que, às vezes, é necessária, entre o professor e o aluno. Isso até consegui. Agora, com os professores tive muitas divergências, com uma era, tu estás aí e eu estou aqui, não por minha parte, até procurava muitas vezes e muitas vezes ..., não era mal recebida, isso nunca, mas estava à espera de maior cumplicidade entre duas pessoas que estão a trabalhar para o mesmo objectivo. Está bem que eu estou em estágio, mas os miúdos é que estão ali a servir de cobaias e não pode ser, temos que falhar o menos possível. Com as professoras da escola estava à espera que elas fossem compreensivas, era a primeira vez, eu não sabia muito bem o que andava a fazer, então sentiam-se muito professora dos alunos, embora eu estivesse ali, então tentava com que eu falhasse o menos possível e diziam logo: «olha, não faças isso, porque, se calhar, não dá resultado, experimenta outra». A outra dizia-me: «Sim, experimenta, vamos ver o que é que dá», sabendo à partida que ia falhar ou que ia dar menos resultado. Estava à espera duma maior cumplicidade. Com os professores da E. S. E., um superou as minhas expectativas em termos de disponibilidade, se calhar até foi picuinhas de mais. O outro, já tenho umas certas queixas a fazer, principalmente em termos de disponibilidade. É mesmo o oposto.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à avaliação das actividades?

Teresa: Agora, que as notas até já estão lançadas e que ali já houve um arredondamento e tudo, é mais ou menos aquilo que eu estava à espera mas num tive os parâmetros todos discutidos, tudo justificado, tudo analisado e tenho de me calar. É aquilo é aquilo, embora não seja o que a gente quer mas foi justificado. Eu tenho que abrir os olhos e dizer: «realmente foi isto que aconteceu». Com a outra disciplina já não aconteceu assim e eu fiquei um bocadinho na expectativa no ar, aquilo que foi mais comparar com a nota mais alta e ver o que sobra para esta, foi mais assim, não se preocupou em analisar parâmetro a parâmetro, já que a grelha existia, ao menos que se tivessem sentado à mesa comigo e que tivéssemos analisado aquilo, uma grelha que seria para avaliação formativa passou a ser uma grelha de auto-avaliação. Eu aí discordo.

Ent.: Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do processo de formação?

Teresa: Não sei responder. Desde o primeiro momento, tive um bom grupo de trabalho, e não sei se não serei influenciada, porque são colegas que eu respeito muito e muitas

vezes partilho da opinião deles. Agora não sei se fui buscar ou se fui construindo juntamente com eles.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas actividades?

Teresa: Sempre. Tentei ao máximo que isso acontecesse, embora isso não acontecesse tanto quanto eu queria porque estava um bocadinho deslocada. Com a minha colega de trabalho era difícil porque ela tinha tantas coisas para fazer extra escola e depois a escola que muitas vezes isso não acontecia. Acontecia mais a reflexão no final da aula do que, propriamente, eu dizer assim, vou fazer assim ou vou fazer assado, vê lá o que é que achas. Não havia tempo. Mas sempre que conseguia apanhar alguma colega tinha necessidade de falar. Eles, às vezes, até ficavam aborrecidos comigo, porque queriam ..., «deixa lá o estágio», «não quero saber nada disso» e eu tinha necessidade de falar porque, precisamente, como estava tão longe chegava à altura e precisava de falar com alguém. Eles que estão aqui, todos perto, então conversavam todos os dias. Claro que quando era altura de sair para se divertir, não estavam para conversar sobre o assunto.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas reflexões?

Teresa: Sempre conversei com a minha colega, ela lia a minha eu lia a dela, muitas vezes até falávamos depois da aula para ver se realmente o que eu sentia era aquilo que ela tinha visto.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito do teu supervisor?

Teresa: Sempre. É impossível estar calados. Era mais em relação às pessoas, era mais uma avaliação do trabalho deles.

Ent.: As tuas atitudes em relação à formação foram influenciadas?

Teresa: Nós estamos três anos e meio e vamos formulando uma ideia que quando chega à altura, naquelas sete semanas ou catorze, vamos tentar aplicar tudo aquilo que aprendemos. Se fui influenciada por este ou por aquele, por um colega por um professor ou por isto, é impossível são coisas que a gente vai criando, mesmo que uma pessoa queira fazer isto ou aquilo porque está correcto ou porque o professor disse, é impossível, porque quando chega à altura fazemos é aquilo que nos parece estar bem. É espontâneo.

Ent.: Foram influenciadas a partir do relacionamento com o teu supervisor?

Teresa: Em sete semanas não há tempo para isso, agora, muitas das atitudes que eu tive nas outras sete semanas já forem influenciadas pelo supervisor e pelo supervisor da anterior disciplina.

Ent.: E a partir do relacionamento com os alunos?

Teresa: É uma coisa espontânea, temos que gostar dos miúdos e se a gente..., é uma coisa que nasce connosco. Eu não vou, «minha linda, minha querida» só porque o professor diz que temos que ter uma boa relação com os alunos. Foi uma coisa que eu não senti dificuldade nem senti necessidade de ter de fazer.

Ent.: E em relação à escola que te acolheu?

Teresa: Não. Apesar de ter sido uma escola onde eu senti orgulho em ir lá estagiar porque foi uma escola que eu fui estrear, como aluna, à algum tempo e então senti assim um certo ..., estranho estar agora aqui, como professor, a subir estas escadas que nunca me deixavam subir.

Ent.: E em relação à E.S.E.?

Teresa: A E. S. E. deu-me a formação durante quatro anos portanto alguma influência há-de ter tido. Tudo o que aprendi foi aqui. Não em relação às atitudes que eu tive com os miúdos porque isso é espontâneo ao longo da vida.

Ent.: E pela avaliação?

Teresa: Embora eu tento fugir a isso, muitas vezes até são. Na altura eu não me preocupo com isso, eu quero é desenvolver um bom trabalho para me sentir bem comigo própria mas quando começa a chegar a altura do fim e então começo a pensar e ... é mais, eu devia ter feito ou devia ter começado a pensar nisso mais cedo, é uma coisa que já não influencia. Está a influenciar naquele momento mas são coisas que eu já não posso alterar.

Ent.: Pelas ideias que tinhas quando iniciaste a Prática Pedagógica?

Teresa: Fui. Eu gostei muito da minha prática do primeiro ciclo. Adorei, foram três professoras englobadas no movimento escola moderna e ali vi aquilo que eu achava que era impossível existir porque era tão bem feito, tão medido, estava a acontecer, acontecia e era aqui mesmo perto. Perto de mim. Gostei. Aquele à-vontade que eu tinha com os miúdos ou aquela preocupação: deixa lá, não aprendeste hoje, eu amanhã reformulo e pode ser que tu encaixes, mais com os miúdos.

Ent.: Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?

Teresa: Existe. Eu tinha um certo pé atrás em relação a Matemática. Não me sentia motivada, minimamente, para dar Matemática, enquanto para dar Ciências era diferente. Podia fazer muitas actividades, podia fazer muitas coisas. Coisas certa é que as muitas actividades que eu tinha previsto não se realizaram. Em Matemática ou fazemos um trabalho centrado em nós, que funciona pouco, ou então metemos os miúdos sempre a trabalhar. Mas se metemos sempre a trabalhar, temos que meter a trabalhar com actividades que lhes dêem prazer e gosto, que eles gostem, porque se não também não funciona. Ensinar Matemática não é tão fácil quanto aquilo que à primeira vista parece. Aliás, não é nada fácil. Se for preciso, nós até ensinamos mas será que eles aprendem. Eles podem aprender no momento, podem ficar com aquela ideia mas será que vão desenvolver aquele raciocínio matemático que é pretendido. Portanto não é assim tão fácil como muitas pessoas pensam e se, às vezes, nós não temos aqueles resultados imediatos mas a longo prazo vão aparecendo e com muito mais qualidade.

Ent.: As principais diferenças são em relação aos conteúdos?

Teresa: Não. Ao fim ao cabo não diferencia muito. São disciplinas diferentes e a Matemática tem aquela carga pesada de ser Matemática.

Ent.: Há diferenças na atitude dos alunos?

Teresa: Há, isso não tenho dúvidas e cabe a nós ou a eu, como futura professora, mudar isso e a mudança é, dentro da sala de aula, criar actividades que lhes interessem, nesse tipo de actividades, muitas vezes, os alunos perguntam: «Oh professora, isso é Matemática?». Eram coisas, que no fundo era Matemática e que eles não se apercebiam que o eram, e que iam aprendendo e que iam fazendo.

Ent.: E em relação à atitude do professor?

Teresa: Não, a diferença está no tipo de pessoa e no tipo de pedagogia das suas aulas.

Ent.: E em relação aos valores?

Teresa: Que existe, existe, mas que eu queira que exista não. Espero não ser assim. Há uma série de valores que têm de ser transmitidos em todas as disciplinas. Se é necessário

numa disciplina de Matemática estar a falar dos ovos que os meninos foram partir ao ninho, acho que se deve falar nem que para isso se tenha de parar a aula. Tem que haver uma certa interdisciplinariedade, mesmo que isso não exista, que esteja espartilhado. Os miúdos, chega a uma certa altura, aconteça o que acontecer, tudo aquilo que a gente diz é quase com lei, acreditam em nós: Eu tive um professor que tudo o que ele dizia, tudo o que ele fazia, todas as atitudes que ele tinha, eu via aquilo como uma coisa a seguir, os miúdos são assim. Por isso é que eu acho que não devemos apenas dar a nossa disciplina, há uma série de valores que têm que ser vividos, que têm que ser construídos e não é apenas na disciplina de Ciências que temos que falar na preservação da natureza ou na disciplina de Religião e Moral que temos que dizer que temos que respeitar os amigos. Acho que isso deve ser falado em todas as disciplinas, não é só falar, tem que ser vivido. Não precisamos de falar as coisas, temos de fazer de modo que elas aconteçam.

Ent.: Uma Prática Pedagógica a Matemática é diferente de uma Prática Pedagógica a outra disciplina?

Teresa: No meu caso existiu, mas no meu caso existiu, porquê? Porque investi mal na disciplina. Foi assim, nas primeiras sete semanas houve uma série de dificuldades que tentamos ultrapassar nas outras sete, temos não tentar ultrapassar mas tentar pôr em prática e então é diferente neste aspecto, as primeiras sete são experiência as outras sete são para trabalhar. Foi isso que eu senti. Ao fim ao cabo prejudicou-me.

Ent.: Existem diferenças em relação ao papel do supervisor?

Teresa: Existe. Eu dou graças a Deus por ter tido primeiro aquele que tive, porque me foi influenciar o desempenho que eu tive na outra.

Ent.: E em relação ao teu papel?

Teresa: Claro que existem diferenças, todas as pessoas são diferentes, todas as pessoas construíram uma maneira de estar sobre um determinado assunto e é isso que está em causa.

Ent.: Mas o facto de ensinares Matemática ou outra disciplina, achas que as tuas atitudes são diferentes?

Teresa: Não. Eu age por impulso, não é pelo facto de ter este ou aquele supervisor que eu age desta ou daquela maneira. Eu age assim, se eles gostaram ótimo, se não gostaram... Não gostaram, porquê? Porque eu não age como deve ser, está errado? não está errado? Se tiver errado eu tento alterar, mas é só por isso.

Ent.: Em relação à interacção entre o supervisor e o Supervisando?

Teresa: Houve diferenças porque, também, houve uma atitude diferente deles dois. Um super disponível, super competente, tudo o que dizia, tudo o que fazia, justificava e estava sempre preocupado com aquilo que nós poderíamos ou não pensar, poderíamos ou não sentir, o que, muitas vezes, isso, não acontece e o outro não era um comentário à aula que tinha decorrido, que por acaso estava sempre tudo muito bem, tudo muito lindo, tudo muito querido e se calhar não era bem assim. Eu só tinha aquelas sete semanas e só tinha aquelas sete semanas para melhorar certos aspectos que, ao fim ao cabo, acabei por..., melhorei mas não foi por estímulo daquele meu supervisor, foi mais por estímulo do anterior.

Ent.: Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática?

Teresa: Sim, com o supervisor da escola, com o outra não. Com a da E. S. E. era mais correu mal por isto ou por aquilo ou nem sequer era dito, ela é que dizia que tinha corrido mal ou que tinha corrido bem, por este ou por aquele motivo. Nem sequer me

deixava justificar nada, muitas vezes eu queria falar, queria dizer ..., justificar-me e eu não conseguia sequer abrir a boca porque não me deixava falar.

Ent.: Partilhavas com os teus colegas de grupo?

Teresa: Com a colega de grupo, sim. Com os outros grupos era sempre que podia. Senti-me um bocadinho isolada por causa da distância, vinha poucas vezes aqui, então estava poucas vezes com eles mas sempre que conseguia perguntava-lhes, não o que devo fazer mas »o que é que tu fizeste?«, «como é que exploraste este ou aquele conteúdo?«, para ver se daquilo que eles tinham feito eu podia tirar alguma coisa e melhorar. Era mais isso, se calhar estava a ter uma atitude egoísta. Era mais ver o que é que eles tinham feito para eu pensar sobre o assunto. Fizeram assim, deu este ou aquele resultado, se eu alterar isto ou aquilo.

Ent.: Que mudarias na tua formação?

Teresa: Catorze semanas é pouco. O estágio é super curto. Não dá para fazer nada, quando começamos realmente a ver o trabalho a desenvolver está acabado, ou então mudamos de disciplina e então..., eu por acaso tive sorte porque a turma era a mesma e então muitas das coisas que tive que superar a princípio já não foi necessário, porque estavam relacionadas com os miúdos e então foi um continuar com o trabalho, daí ter melhorado e bastante. Mas os meus colegas que não tiveram a mesma turma deve ter sido pior, ao fim das sete semanas que já estavam a desenvolver um trabalho na turma ter que retomar tudo de novo, ter que recomeçar tudo de novo. O que eu mudava praticamente era..., aumentar um bocadinho o estágio.

Entrevista com a aluna Sandra
18 de Junho de 1997

A aluna Sandra é finalista do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo, variante Matemática/Ciências da Natureza, da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve. A aluna concordou em deixar-se entrevistar para o meu projecto. À aluna foi garantido o anonimato.

Entrevistador: Como caracterizas a pessoa do supervisor?

Sandra: Para mim o supervisor têm que ser uma pessoa compreensiva, no sentido de compreender as pessoas e também de as ajudar. Seja directa. Três palavras: breve, clara e concisa.

Ent.: Essas são as principais características?

Sandra: Sim. Ser amigo e que tenha conhecimentos que consiga «transmitir» aos alunos. Que nos consiga ajudar e reforçar aquilo que nós sabemos.

Ent.: Que tipo de formação científica, pedagógica, pessoal e social tem um supervisor?

Sandra: Uma formação que esteja adequada. Tem que conhecer, essencialmente, os programas, pelo menos do ano em que está a supervisionar. Eu acho que tem que ter total conhecimento dos programas desse ano. Eu acho que quanto mais formação tiver melhor.

Ent.: Quais as características relacionais mais relevantes na relação do supervisor com os outros intervenientes do processo de formação?

Sandra: Deve ter uma relação aberta, ou seja, não tenha medo de dizer as coisas, não tenha medo de criticar a pensar que o estagiário vai ficar chateado. Deve criticar no bom sentido, não deve ser bruto a criticar mas dizer tudo aquilo que pensa. Porque se as pessoas nunca saberem aquilo que o supervisor pensa nunca vão poder mudar. Se forem levantadas críticas, sejam elas boas ou más, há sempre possibilidade das actividades serem reformuladas e a partir daí avançar.

Ent.: Qual o estatuto social do supervisor no meio escolar e na sociedade?

Sandra: Eu não vejo assim grande diferença. Na escola onde eu estava não vejo assim grande diferença.

Ent.: Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor?

Sandra: Desde o momento em que comecei a ter prática, começou logo na Prática Pedagógica III.

Ent.: Quando entraste nesta prática já tinhas umas ideias?

Sandra: Já. Algumas já, depois algumas acentuaram-se e outras não.

Ent.: Essas ideias surgiram a partir de ti ou não?

Sandra: Mais a partir de mim, mas também com o relacionamento que vamos tendo com os professores, algumas acentuaram-se e outras foram deslinguando-se mais.

Ent.: Essas ideias foram partilhadas com os teus colegas, influenciavam as tuas?

Sandra: Influenciavam, não, mas talvez algumas clarificavam. Nós trocávamos opiniões e dava para ver, «se calhar aquilo não é bem assim», acho que clarificavam e por isso acho que influenciavam. Algumas ideias que nós tínhamos, se calhar, não estavam tão claras para a gente e podiam estar mais claras para outras pessoas e aí havia uma troca de opiniões que podiam influenciar.

Ent.: E em relação aos teus colegas de anos anteriores?

Sandra: Alguns diziam-nos: «o fulano de tal é bom, mas é muito exigente». Nós levamos essas ideias e pensamos: «se calhar aquele é muito mau e não queria ficar com ele», isso, às vezes, acontecia. Aconteceu connosco. «Fulano de tal é muito exigente», »implica por tudo e por nada».

Ent.: Como foram construídas as tuas ideias durante a Prática Pedagógica VI, foi uma construção tua ou com outros?

Sandra: Acho que foi, essencialmente, minha porque eu falo da minha. Falo da minha relação, eu posso ter uma relação boa com um supervisor e a minha colega de grupo pode não ter. Eu acho que são essencialmente minhas, apesar de algumas ideias nós trocarmos com os outros.

Ent.: Essas ideias foram partilhadas com os teus colegas?

Sandra: Sim. Nós falávamos, de vez em quando, de como ia a prática. É fixe ou não é fixe, é muito diferente ou não é muito diferente e contigo se calhar faz a mesma coisa. Eram estas as ideias que nós trocávamos a ver se era a mesma coisa que estavam fazendo ou não. Nós falávamos disso.

Ent.: O Processo de formação desenvolvido durante a Prática Pedagógica VI foi ao encontro das tuas expectativas?

Sandra: Acho que foi. Eu não sabia, nunca tinha estado a dar aulas numa escola de 2º ciclo e, se bem que, só pelo facto de ter ficado ali em Olhão, talvez esperasse turmas mais difíceis. São as ideias que uma pessoa tem: «a escola de Olhão é isto, a escola de Olhão é aquilo». Na turma da Matemática, posso dizer que achei que a turma era excelente mesmo, não tivemos problemas nenhuns nem no comportamento nem no relacionamento com os miúdos. Já nas Ciências era uma turma completamente diferente, havia ali três ou quatro que eram «bons amigos», gostavam de experimentar e estavam sempre a picar e isso tudo. Isso aí tudo bem, mas agora a nível de conteúdos e da maneira de estar até foi. Tivemos sempre apoio e acho que esse apoio foi benéfico para nós, porque certas dúvidas que nós tínhamos, todas as dúvidas, todas as dificuldades que sentimos podíamos falar com alguém, será que se faz assim ou se calhar deve-se fazer assim, não talvez possas fazer desta maneira ou se não, tenta fazer e depois vê como é que é.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação ao teu desempenho?

Sandra: O que me preocupava assim mais era não falhar a nível de conteúdos, não explicar aos miúdos certas coisas que pudessem estar mal, o meu maior medo era a nível dos conteúdos, de poder falhar ou estar a dizer alguma coisa que não fosse totalmente correcta, acho que aí era o meu maior medo de todos. Depois, também sentia na maneira de estar na sala, às vezes, sentia mas depois das primeiras aulas aquilo começou a surgir tão normalmente. O relacionamento com os miúdos também foi bom, acho que isso ajudou, porque se uma pessoa se sente à-vontade na sala, se não tem problemas de relacionamento com os miúdos nem nada disso, não há problema, não há receios.

Ent.: E em relação ao desempenho do supervisor?

Sandra: Acho que até foi bom. Eu, pelo menos, não tenho nada a dizer, tanto dum como do outro, apenas são duas pessoas completamente diferentes, com duas maneiras de ver completamente diferentes e com dois métodos de ser completamente diferentes. Não posso dizer qual é o melhor, isso não posso. Não sei, porque, apenas, acho que um deles é exigente demais, é muito minucioso, a minuciosidade deste completava-se com a não minuciosidade que o outro tem, mas apesar disso, todas essas coisas minuciosas,

acho que há coisas que podiam ser passadas para trás, mas outros aspectos que sempre me foram apontados, que acho que foram..., «também viu», essas coisinhas todas mesmo muito pequeninas que fossem sempre fizeram com que ao ir para casa, começava a pensar, se calhar, se não tivesse feito assim, devia ter feito assado, se calhar este problema, como ele optou, se calhar é bom, deixou-me sempre a pensar. Por muito pequeninas que fossem deixava-me sempre a pensar. Enquanto por outro lado o outro, também, pelo pouco que me disse, pelas vezes que estive lá e que me disse, também porque a quantidade de vezes que um dos professores foi, foi diferente do outro. Um estava, quase sempre, lá batido e o outro não. Sempre disse: «digam tudo o que têm a dizer», acho que sabendo as coisas é que podemos mudar. Não tenho problemas nenhuns a dizer, só acho que se por um lado um foi muito ao pormenor e o outro não foi, não sei, não sei dizer se o que foi ao pormenor foi melhor do que o outro que não foi tanto ao pormenor, isso não sei. A minha prática correu nos parâmetros da normalidade, se calhar se tivesse corrido pior poderia apontar mais coisas. O professor que me apontou mais defeitos, a professora da escola não apontava e isso completava-os, porque tudo o que ela tinha a dizer, nunca dizia quase nada, estava sempre tudo bem. Enquanto a outra professora, estava sempre lá e não tinha papas na língua, tudo o que tinha a dizer, dizia logo, estava lá sempre e é uma pessoa muito mais dedicada e com muitos anos de experiência em receber estagiários, enquanto a outra nunca tinha recebido, acabou o curso há pouco tempo, e aquela professora já tinha uma visão muito mais geral das coisas e tinha capacidade para dizer: «não foi assim, devia ser assado», isso aí também contou um bocado. Eu gostei que o outro professor fosse lá mais vezes porque ele é que me apontava as criticas, fossem elas boas ou más, caso contrário isso não era feito e eu nunca ficava a saber nada.

Ent.: Mas a tua expectativa era essa?

Sandra: Eu acho que esta prática serve, essencialmente, para a gente aprender. E a partir do momento que nós estamos a aprender e não dominamos a maior parte das coisas, não estamos por dentro de quase nenhum daqueles sistemas, acho que a ideia é, essencialmente, aprender. E se estivermos a fazer mal ou menos bem, se existir alguém que nos diga: «faz assim», eu acho que é isso que se pretende, era isso que eu pretendia e acho que foi conseguido.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à planificação das actividades?

Sandra: A maior preocupação que eu tinha era fazer alguma coisa que motivasse os alunos, que fosse engraçado, que eu gostasse e que achasse que eles, também, iam gostar. Por exemplo, a nível das actividades, os materiais têm sempre grande impacto neles, porque é uma coisa nova para eles e tudo o que seja novo provoca interesse e gosto, por saber como é que se faz. A minha ideia era sempre inovar, sempre levar qualquer coisa que não fosse tão trivial, tão corriqueiro, mas isso nem sempre foi possível, de facto nunca foi possível porque as actividades que nós encontrávamos, estavam em todo o lado e havia sempre, é claro que o modo de explorar pode ser diferente.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção entre os diferentes intervenientes no processo formativo?

Sandra: Com os supervisores, acho que ia ter um relacionamento sempre bom, porque nunca tive problemas com professores. Com os alunos, também acho que sim, de maneira que sempre tentei lidar ao nível deles e estar ao nível deles, não estar..., «eu sou

aqui a professora e vocês são os alunos», não, até brincava com eles nas aulas, mandava-lhes uma piada ou coisa assim, porque acho que esse tipo de relacionamento favorece mais, não estar ali na frente, muito rígida, só a professora é que fala, mas sempre mantendo os limites. Na aula tudo bem, é para falar é para falar, pedes para falar, metes o dedo no ar ou pedes para falar, mas respeitas as opiniões dos colegas.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à avaliação das actividades?

Sandra: Avaliar uma actividade, a única coisa que se pode dizer é se ela foi bem explorada ou não ou se poderia ter sido melhor explorada ou que foi engraçada ou não ou que foi inovadora ou que não. Foi isso que se passou.

Ent.: E em relação à tua avaliação?

Sandra: Eu acho que a avaliação se adequou à prática que eu desenvolvi, apesar de eu achar que numa das disciplinas tive melhor desempenho do que na outra, isso também foram vários factores. Tive melhor desempenho no seguinte, porque eu achei que desenvolvi muito mais trabalho a nível dos alunos, numa disciplina do que noutra, porque tive de implementar regras de trabalho de grupo, regras de funcionamento da sala de aula, todas essas regras que na outra não foram necessárias e também fiz muito menos trabalho de grupo, mas se estas regras tivessem sido implementadas logo no início do ano, eu chegava lá e não tinha problemas nenhuns, como na outra que não tivemos problemas nem de relacionamento nem nada disso. Na outra além dos conteúdos, além da matéria que tinha a leccionar foram esses outros aspectos que tive que tentar, desde o primeiro dia até ao último, para que eles tivessem de interiorizar essas regras, mas apesar de tudo acho que consegui.

Ent.: Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do processo de formação?

Sandra: Construimos a partir de tudo, do que nós falamos com um, com outro, das ideias que nós temos e depois junta tudo e forma uma só.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas actividades?

Sandra: Sim.

Ent.: Mas só com o teu colega de grupo?

Sandra: Não. Com toda a gente que apanhava aí. É verdade, o que apanhava perguntava, porque muitas das vezes, eles diziam: «já fiz isto», ou «não fiz», «se calhar, se fizesses assim era melhor», «olha, fiz assim e não resultou, tenta fazer de outra maneira», era as pessoas que encontrava era, a quem eu perguntava.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas reflexões?

Sandra: As reflexões é que é o pior. Nas orais, eu acho que sempre disse ou sempre tive consciência daquilo que fiz, mas também tenho consciência que alguns pormenores, nalgumas coisas me falham, porque para mim podiam ser tão triviais que eu não ligava a isso, mas que, por vezes, foram apontadas e depois pensava de que realmente tinham razão. Nas reflexões escritas, tenho também a consciência que o meu português, se calhar, não é o melhor e as ideias que eu tenho não conseguiam ser transmitidas da maneira como eu queria, também porque eu escrevo como falo e, às vezes, não pode ser assim. É verdade, eu a escrever é como se estivesse a falar e repito-me muito, às vezes. Algumas ideias ficavam assim um bocado no ar. Digo isto porque foram apontadas, disseram-me, porque por mim estava tudo bem.

Ent.: Mas partilhavas o conteúdo das reflexões?

Sandra: Com o do grupo e se há algum colega que nós nos damos melhor, nós falamos.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito do teu supervisor?

Sandra: Sempre. Trocava, «olha, hoje foi muito chato, disse-me isto e aquilo», partilhava tudo aquilo que eu achava que me pudessem ajudar ou não ou que eu achei que foi correcto ou que não foi. Partilhava com aquelas pessoas que eu encontrava aí e que estava mais ligada, não chegava aí a dizer a toda a gente, era com aqueles que me dava melhor e que surgia em conversa e tal.

Ent.: As tuas atitudes em relação à formação foram influenciadas?

Sandra: Se calhar, até foram, porque nós estamos numa prática e, às vezes, se quisesse fazer tudo aquilo que queríamos, não podíamos. Por estamos condicionados pelos professores da escola. Eles têm certas ideias e a gente temos que as seguir, dentro do possível, por isso acho que, talvez, fossem condicionadas.

Ent.: E por ti própria?

Sandra: Por mim própria, não.

Ent.: E pelos alunos.

Sandra: De acordo com o que eles são, com o que eles mostrem, nós temos de adequar as atitudes. Eu tenho consciência de que com um alunos era capaz de ser mais benevolente, podia ter um relacionamento mais aberto, com mais brincadeira e com outros não podia, porque eles abusavam logo e são diferentes, são condicionadas pela maneira de ser deles. Com uns posso falar melhor, usar mais brincadeira, com os outros não posso.

Ent.: E pela escola que te acolheu?

Sandra: Eu acho que isso não.

Ent.: E pela E. S. E.?

Sandra: Acho que não, porque nós agimos de acordo com aquilo que pensamos.

Ent.: Pela avaliação?

Sandra: Isso somos muitas vezes. Porque certas atitudes, que nós fazemos, é em função da avaliação. Muitas das vezes é assim. Infelizmente é assim. Muitas das coisas que fazemos, fazemos porque estamos a ser avaliados, porque se não tivéssemos a ser avaliados, se calhar, algumas coisas não fazíamos. Fazíamos da maneira que fosse mais fácil, muitas das coisas, aquelas planificações, tudo muito direitinho, tudo muito não sei quanto, eu acho que se não tivéssemos a ser avaliados não fazíamos nada dessas coisas. A nível de materiais, é que os fazia e espero continuar a fazer, mas com tantas coisinhas a nível de planificações, a nível de estar ali, a seguir todo um esquema, fazemos porque estamos a ser avaliados.

Ent.: E em relação às ideias que tinhas quando iniciaste a Prática Pedagógica VI?

Sandra: Não sei. nós temos umas ideias, mas há medida que as coisas se vão desenrolando, vamos agindo de acordo com o que estamos a viver no momento e não com a ideias anteriores, porque muitas delas, chegando ao fim, não era assim como diziam e depois mudam completamente.

Ent.: Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?

Sandra: Há. A Matemática é uma coisa mais objectiva, enquanto nas Ciências, eu senti isso nos miúdos, enquanto na Matemática eles podem apresentar dúvidas, nas Ciências eles apresentam dúvidas em tudo o que lhes vêm à cabeça, exige muito mais de nós e da nossa preparação, pelo menos nas Ciências. Desde as perguntas mais disparatadas, esta até não é disparatada: «Por que é que a água do mar é salgada?», «Já que a água

evapora, por que é que a água das nuvens não é salgada, se ela evapora do mar?»), e são essas curiosidades todas que eles têm. Eu acho, que nas Ciências, exige conhecimentos numa área muito mais abrangente do que na Matemática. Eles perguntam, mas dentro do que se está a fazer.

Ent.: As diferenças são em relação aos métodos?

Sandra: O método, em certos aspectos, é diferente. Eu falo muito pelo que fiz. Porque, nas Ciências, eu utilizei muito o trabalho de grupo, enquanto na Matemática não se proporcionou muito o trabalho de grupo. Então o método era diferente, nas ciências as aulas eram experimentais na Matemática, não.

Ent.: Eram como?

Sandra: Não posso dizer que eram totalmente expositivas, talvez, falar sobre uma matéria, pôr os alunos a falar sobre essa matéria, fazermos uma actividade e eles falarem sobre a actividade, o que é achavam, no outro lado não, eles faziam a actividade experimental e depois falávamos sobre a actividade experimental e tiravam as suas próprias conclusões, enquanto ali na Matemática, já era diferente, era mais a resolução de problemas de exercícios, são coisas diferentes.

Ent.: E em relação à atitude dos alunos?

Sandra: Eu acho que são diferentes condicionados pelo professor que têm. Eu vejo..., numa das turmas eu sabia que na Matemática eles tinham atitudes todas «normais», enquanto nas outras disciplinas todas eles causavam montes de problemas, vinham para a rua, faziam barulho, até em cima das cadeiras eles se punham. Por isso eu acho que a pessoa do professor tem muito haver com o que eles pensam da Matemática, das Ciências ou de outra coisa qualquer.

Ent.: Existem diferenças em relação aos valores?

Sandra: Muitas das ideias que eles têm é que a Matemática está ali e não serve para nada, que é para resolver aquilo que está ali, chegar ao fim e ter um resultado que é igual para toda a gente. Para além disso, nós tentamos sempre falar da Matemática como se fosse útil lá para fora ou trazer situações lá de fora que eles pudessem verificar que são úteis e que aquilo que estamos a fazer ali é muito útil para a nossa vida. Acho que muitas das vezes isso não acontece e é por isso os miúdos têm uma grande aversão à Matemática. Dizem: «a Matemática não serve para nada», «Para que é que a gente faz aquelas coisas que não servem para nada?», porque as pessoas põem aquele exercício ali e fazem, nem dizem para que é que aquilo serve na vida real, que o cálculo mental é útil para isto ou aquilo. Eu apercebi-me disso, nesta prática, porque a nossa professora sempre me tentou dizer, e sempre que podia puxava-nos a dizer: «aplica lá para fora» e «puxa deles aquilo que eles acham, para eles verem que aquilo é importante». A orientadora dizia-nos: «leva tu as tuas ideias, mas a partir das ideias dos alunos explorar ao máximo». Na Matemática, proporcionou-se, as áreas dá para ligar a muita coisa. E vi que eles até conseguiam e depois viam, «ah, realmente isto dá». Acho que isso é muito importante.

Ent.: Uma Prática Pedagógica a Matemática é diferente de uma Prática Pedagógica a outra disciplina?

Sandra: Acho que existem sempre diferenças por muito pequenas que sejam. Tem mais haver com a disciplina, a nível de preparação de aulas que são diferentes.

Ent.: Existem diferenças em relação ao papel do supervisor?

Sandra: Eu acho que isso também tem haver com a atitude de cada pessoa. Cada supervisor tem uma maneira de pensar nas coisas, e se ele acha que essa é a mais correcta, o outro pode não achar.

Ent.: E em relação ao papel do Supervisando?

Sandra: Por um lado existe, pelo que vimos lá na escola entre nós e os estagiários de Português/Inglês ou de Português/Francês, penso ter haver com a disciplina, era grandes cartazes, grandes coisas, para já eu não gosto de grandes cartazes porque acho que se perde muito tempo a fazer aquilo para depois em cinco minutos ir tudo à vida, grandes cartazes, grandes desenhos, grandes coisas, eu por mim eram coisas mais práticas que sejam mais rápidas e que tenham tanta utilidade como os cartazes. Eu, para mim, fazer cartazes, desenho e isso, isso a mim não me diz muito. Há diferenças, uns são muito mais preocupados e têm preocupações nisto e naquilo e há outros, por exemplo o pessoal de Educação Física, enquanto uma tinha tudo muito certinho, que aquilo até era de mais, a outra já era mais despachada, fazia o essencial e está a andar. Acho que tem haver com a disciplina, a gente tem que adequar as coisas à maneira da disciplina, mas eu acho que muitas coisas são desnecessárias, muitas coisas fazem só porque estão em estágio.

Ent.: As principais diferenças são em relação à interacção entre o supervisor e o Supervisando?

Sandra: Não sei. Não sei.

Ent.: Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática?

Sandra: Sempre que era necessário partilhava com os supervisores. Com a minha colega de grupo, partilhava sempre porque a gente preparava as aulas.

Ent.: E com outros?

Sandra: Com outros, por exemplo, se eu estava em casa a preparar as aulas e apareciam, nós partilhávamos. Eram aquelas ideias que vão surgindo.

Ent.: Que mudarias na tua formação?

Sandra: Eu acho que as reflexões, para mim, são muito mais importante as orais, aquelas em que nós falamos e discutimos as ideias do que as escritas, se bem que as escritas deviam ser importantes para a gente escrever ali, mas estar a fazer reflexões todos os dias, e depois é claro não dá, fazer ali meia página e depois dizem que são pequeninas. Já que fazíamos reflexões escritas, já que fizéssemos uma semanal, já era muito bom. Acho que são muito mais importantes aquelas que nós fazemos ali em cima da hora, estamos ali a seguir à aula e faz, faz aquilo e tem logo opinião, do que depois. Vamos para casa escrever, escrevemos aquilo que achamos e não temos oportunidade, muitas das vezes, de discutir aquelas ideias que tem com outra pessoa. Pode achar que aquilo estava bem ou se não, se não discutiu com ninguém ou se discutiu só com a colega de grupo, muitas vezes, nós não temos visão ou não temos capacidade para ver estas coisas, são coisas que os professores têm. Para mim, acabava com as reflexões diárias. Outra, acho que é pouco tempo, estamos sete semanas num lado, quando estamos habituados às sete semanas vamos para o outro lado e perde todo o ritmo. Se nós tivéssemos a Matemática e as Ciências ao mesmo tempo, era mais fácil ir vendo o desempenho que íamos tendo num e íamos tendo na outra, à medida que íamos avançando ou não. Alternadas, também não concordo, mas se tivéssemos as duas era muito tempo e dava para desenvolver muito melhor trabalho. Sete semanas que aquilo não é nada. Quanto a mim, acho que tentava dinamizar mais as aulas. Tentava arranjar coisas que pudessem ser eles mais a fazer, arranjar outras coisas que pudessem ser eles a

trabalhar mais, a gente a discutir mais, em que pudesse empenhá-los mais realização das suas tarefas do que sermos nós ali, sempre ali, seguindo aquele esquema porque temos que cumprir um programa, temos que cumprir isto, estamos mais atrasados não estamos, aquilo torna-se um bocado mecânico. Se fosse eu, se calhar não fazia, se tivesse eu, assim numa turma, se calhar, não tinha a preocupação de chegar ao fim do programa mas a preocupação de eles entenderem aquilo que estamos a fazer e levava o tempo que fosse necessário.

Entrevista com o aluno Vasco
19 de Junho de 1997

O aluno Vasco é finalista do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo, variante Matemática/Ciências da Natureza, da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve. O aluno concordou em deixar-se entrevistar para o meu projecto. Ao aluno foi garantido o anonimato.

Entrevistador: Como caracterizas a pessoa do supervisor?

Vasco: Uma pessoa que ajudasse mesmo, naquelas alturas em que a gente está no impasse. Nós temos uma certa ideia, desta parte teórica toda daqui e chegamos lá e apanhamos uma turma, que a maior parte de nós é a primeira vez que está frente uma turma. Nós vamos com umas ideias que, às vezes, não..., não é aquilo que nós estamos à espera. Talvez o trabalho do supervisor seja dizer se, o que a gente vai fazer está bem ou se pode mudar ou se não pode mudar, naquele sentido de fazermos sempre melhor e não deixar nó, se calhar, fazermos, esperar que a gente faça para depois dizer que não se devia ter feito ou devia ter feito de outra forma. O trabalho devia ser antes da acção e não depois da acção. A minha ideia é, mais ou menos, esta, mas sempre naquele sentido de dar apoio e dar autonomia ao aluno, se ver que a coisa está bem. Que é para depois puder dizer: «olha, fizeste isto, poderias ter feito de outra forma mas o que tu fizeste, também se pode fazer». Mas, se vê logo que isto, se calhar, não é adequado aqueles alunos ou aquela turma, no caso do professor que conhece a turma ou no caso deste professor aqui, que está mais a par das novas tecnologias ou coisas assim, dizer logo: «calma, não vale a pena ires por aí, porque não vale a pena».

Ent.: Isso é um pouco em termos ideais, e em termos reais?

Vasco: Em termos reais, devia aproximar-se o mais possível do ideal. É o que eu penso. Esta minha ideia não foge muito do que pode ser a realidade. Apesar de para mim isto ser o ideal, se calhar o ideal seria mais do que isto. Qualquer pessoa é capaz de ver se o que o aluno vai fazer, em frente a uma turma, está bem ou está mal. Qualquer professor com alguma experiência é capaz de ver isso.

Ent.: Quais as características pessoais mais relevantes nas actividades e/ou tomadas de decisão do supervisor?

Vasco: Acima de tudo a comunicação e que independentemente das ideias que tenha ou das concepções que possa ter em relação ao ensino, tanto o professor como o aluno, se tiverem um bom diálogo, se conseguirem comunicar, sempre se pode expor as ideias, porque é que um pensa de uma forma e o outro pensa de outra. Se uma pessoa chegar àquele ponto de comunicar pouco, se calhar, pensa que o outro está a agir mal e não o diz. Uma das qualidades pessoais, que eu acho mesmo mais importantes, a nível de supervisão, penso que seja a comunicação. Uma pessoa que fale bem com outra, às tantas está a expor-se, está a dizer as suas ideias.

Ent.: Que tipo de formação científica, pedagógica, pessoal e social tem um supervisor?

Vasco: Isso vai ao encontro da própria pessoa, se calhar há qualidades, a nível técnico, que o supervisor pode aprender. Não precisa, se calhar, de uma formação específica, basta ser uma pessoa, se calhar, aberta a novas ideias, escusa de estar a aprender o que é que vai fazer, ou o que tem que dizer ao aluno para ele se envolver ou ter um bom desempenho, mas se a própria pessoa não está aberta a essas ideias, pois, se calhar, não é

a formação que vem alargar-lhe mais a visão das pessoas sobre o ensino, porque a pessoa mesmo depois de acabar a formação, se calhar ficou sempre limitada nesse aspecto. É lógico que existam algumas ideias que têm que ser aprendidas mas não é o ponto fulcral, depende mais da pessoa em si do que aquilo que tenha aprendido. Se a professora da escola podia ter uma formação específica, no sentido de supervisionar os alunos, mas tanto pode ser uma pessoa que faça aquilo muito bem como pode ser uma pessoa que não sabe o que é que está a fazer. Não vai na formação.

Ent.: Quais as características relacionais mais relevantes na relação do supervisor com os outros intervenientes do processo de formação?

Vasco: O aspecto relacional é no sentido de uma relação mais próxima, uma relação a nível da comunicação que não há-ja problemas em falar, em dizer o que é que acha que está mal, o que é que acha que está bem. Porque uma pessoa assim sabe o que é que há a apontar. Nas conversas que tive com os meus colegas, ia mais no sentido de que os professores, para eles estava tudo bem, mas quando chega à hora da verdade, que neste caso é a avaliação, que é o que nós andamos ali a fazer. Quando chega a essa hora, é: «tu falhaste aqui, falhaste ali, falhaste assado», na altura da avaliação e não antes dessa avaliação, para poder melhorar. Nós estamos a fazer uma prática, «olha, tu tens este aspecto e este aqui que podes melhorar, mais vale ires melhorando». Nós, em relação aos alunos, vai no mesmo sentido. Nós temos que ir chamando à atenção para certos aspectos dos alunos, para ver se eles melhorem. A nível comportamental, se calhar, é um pouco mais difícil estar a falar com eles, assim, no abstracto, talvez não tenham a maturidade suficiente para compreender algumas coisas, mas é sempre uma conversa que temos que ter.

Ent.: Qual o estatuto social do supervisor no meio escolar e na sociedade?

Vasco: Eu nunca pensei nisso. Para mim é um professor como os outros. Tanto o professor, lá da escola, como o professor aqui da E. S. E.. Nunca vi, serem tratados de maneira diferente por terem estagiários ou nunca se mostrarem mais importantes por terem estagiários. Nunca vi e nunca pensei nisso.

Ent.: Quando surgiram essas ideias em relação à pessoa do supervisor? Quando iniciaste a Prática Pedagógica já tinhas algumas ideias de como era o supervisor?

Vasco: Nós já tivemos prática no 1º ciclo, e a minha ideia vem daí. Era a ideia que eu tinha, da forma como era orientado e venho para o 2º ciclo, que acaba por ser um mundo à parte, à espera de ser tratado da mesma forma, mesmo a nível de reflexões e de relacionamento com os próprios professores, que fosse igual. A única coisa que mudava aqui era o sistema, porque lá tínhamos uma manhã inteira com os alunos e aqui tínhamos uma hora. Mas, se calhar, com o professor, lá tivemos uma hora, aqui um quarto de hora bastava. As coisas mostraram-se muito diferentes. A ideia que eu tinha, em relação aos supervisores, formou-se a partir dos formadores do 1º ciclo.

Ent.: Essas ideias foram partilhadas com os teus colegas?

Vasco: Foram quase sempre, aliás todas as ideias que nós temos, isso parte um pouco do grupo, não digo que sejam todos, mas a maior parte, o mesmo grupo que se formou desde o início do curso, nós partilhamos sempre estas ideias, mesmo o que se fazia nas aulas, o que é que não se fazia, o que é que um professor dizia, o que é que outro achava. Nós tivemos sempre em comunicação e trocamos sempre impressões a propósito dos formadores e dos professores. Isso é uma coisa que não aparece assim, por acaso.

Ent.: Essas ideias foram transmitidas pelos teus colegas de anos anteriores?

Vasco: Não. Isso já não foi, porque o nosso relacionamento com os colegas que saíram antes de nós não era assim tão à-vontade como isso, era completamente diferente do que nós temos com os do 3º ano, porque com eles, nós sentamo-nos à mesa do café e falamos sobre a prática, com os do 4º ano isso nunca aconteceu, não digo, que não tivesse acontecido com outros colegas meus.

Ent.: Como foram construídas as tuas ideias durante a Prática Pedagógica VI?

Vasco: A ideia que eu tinha partiu de mim e acho que surgiu do relacionamento que se criou entre nós, entre os supervisores e eu. É lógico que, também, em relação ao meu colega, acabei por notar, pelo próprio relacionamento que ele tinha e como ia, mais ao menos, ao encontro do relacionamento que eu tinha, como era, mais ou menos, a mesma coisa, acabamos por generalizar, em relação ao grupo. Nós falávamos com outros colegas e via-se que variava, os próprios supervisores tinham maneiras de pensar diferentes.

Ent.: Essas ideias foram partilhadas com os teus colegas de outros grupos?

Vasco: As nossas ideias foram sempre partilhadas, as nossas com eles e as deles, connosco. Trocávamos ideias. Da mesma forma que os professores falam sobre os seus alunos, os alunos falam sobre os seus professores.

Ent.: O Processo de formação desenvolvido durante a Prática Pedagógica VI foi ao encontro das tuas expectativas?

Vasco: Não, pelo contrário, fiquei muito.

Ent.: Quais eram as tuas expectativas?

Vasco: Nós quando tiramos a carta de condução, tiramos a carta e depois aprendemos a conduzir, mas já sabemos andar, já sabemos o código da estrada. Aqui, neste caso, estava à espera de sair mais preparado para encarar cinco ou seis turmas, no primeiro ano que vou dar aulas. E não me sinto preparado, se calhar, para ter um impacto tão grande, logo à partida. É completamente irreal, e apesar de ter só uma turma e de ter só três ou quatro aulas por semana e termos consciência perfeita de que o que a gente faz lá é um pouco irreal, pensei que pudesse aproximar mais da realidade e preparar as coisas. Ficar preparado para sair daqui e para o ano, «olha, vou ter cinco turmas», saber, mais ou menos, como vou funcionar, o que vou fazer. O que eu estou à espera que aconteça é que vou apanhar cinco turmas e vamos lá ver o que acontece. A esse nível não me sinto preparado, não digo que a nível de pedagogia e da parte teórica, não digo que não esteja preparado, a questão está aí: adequar a parte teórica à parte prática. Isso é que eu não sei o que é que vai acontecer.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação ao teu desempenho?

Vasco: Não sei, porque eu já vinha com uma ideia formada. O que eu estava à espera era criar um bom relacionamento com os próprios alunos, porque foi o que tem vindo a acontecer, foi o que aconteceu no primeiro ciclo. A partir daí, ter conhecimentos mais científicos, mas para a parte dos conteúdos. Pensei que, acima de tudo, conseguisse manter um bom relacionamento com os alunos para ter a confiança deles. Até, porque essa é uma turma ..., nós com uma turma é fácil conhecer toda a gente, temos tempo para, extra aulas, andar lá fora, para os conhecer melhor mesmo a nível pessoal e não estava à espera de apanhar, assim, se calhar, uma grande dificuldade. Nunca pensei ter qualquer tipo de dificuldade, a qualquer nível. Senti sempre que, se houvesse algum problema, tinha o apoio dos professores e sei que, ali, nunca ia falhar, porque ao mínimo

deslize, «olha, tal, estás a falhar aqui, estás a falhar ali», nunca ia haver problemas desse tipo.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação ao desempenho dos supervisores?

Vasco: Dos supervisores e do meu, o meu desempenho ia depender deles. Nunca pensei..., se tivesse algum problema, «calma, agora tens que resolver», eu sei que concordo com a história da autonomia, que nós temos de aprender a resolver os nossos problemas mas, também, acho que somos muito novinhos. Nunca nos orientaram nesse sentido, aliás, as aulas que nós tivemos foram sempre orientadas no sentido de teoria, isto é assim que se faz, isto é assim que se faz e nunca no sentido de, «olha, vamos fazer assim para ver o que acontece». Prepararam teoricamente e nunca nos prepararam para a realidade.

Ent.: E em relação à planificação das actividades?

Vasco: De início não tinha grandes expectativas em relação a isso, porque não estava preocupado. Já sabia, mais ou menos, o programa que me ia calhar. Quando fomos à escola combinamos logo o que cada um ia fazer. As actividades que eu pensava fazer são aquelas que nós pensamos, e até coincidiu com alguns dos pontos do programa tratados da Didáctica. Então, mais ou menos queria ir ao encontro disso, mas depois o que eu pensei fazer, a primeira ideia que eu tinha, depois ficou completamente deturpada, a partir do momento em que comecei a realizar, porque talvez não fosse o ideal para aquela turma. Talvez, fosse aí que o professor devia dizer: «calma, a turma não está preparada para isto, temos que fazer de outra forma» ou «faz, mas vais ter esta dificuldade, esta e esta».

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à interacção entre os diferentes intervenientes no processo formativo?

Vasco: O relacionamento com o supervisor, criaram-se certos atritos entre nós e os professores lá da escola, vou falar assim. Criaram-se certos atritos que não havia, se calhar, sentido de haver e se existisse uma maior abertura ao diálogo, das duas partes, nossa e deles, se nós tivéssemos insistido mais, se calhar, tinha sido diferente. Notou-se que havia, na maneira de ser dos professores, não se adequaram nada à minha pessoa, não era aquele tipo de pessoa que eu pretendia que me orientasse no estágio, em relação aos professores da escola. Era umas das funções deles, segundo aquelas folhas que nos entregaram no início da prática, uma das funções era eles integrarem-nos na escola e junto dos outros professores e essa parte ficou, completamente, fora de questão, era como se nós não existíssemos. Nós estávamos lá, éramos os estagiários, estávamos a um cantinho e acabou-se. Nunca havia uma proximidade, nem física, quanto mais relacional.

Ent.: Não se sentiram integrados na escola?

Vasco: Nós acabamos por sentir, eu, pelo menos, e o meu colega não podemos dar graças, se calhar, aos professores lá da escola, porque nós acabamos por sentir que fomos integrados, de certa forma, pelos professores de Educação Física e pelo professor de E.V.T., porque são pessoas que, como têm algumas actividades extra aulas, começaram-nos a convidar e nós começamos a participar e às tantas estávamos inseridos naquele meio, mas nunca graças aos supervisores da escola, nesse sentido faltou-nos apoio.

Ent.: Quais as expectativas que tinhas em relação à avaliação das actividades?

Vasco: Em relação à avaliação não gosto muito de falar porque acho que isso é um pouco..., depende dos professores, depende disso tudo. A ideia que eu tinha é que partia

para esta prática com um objectivo e tinha que ter, e, se calhar, levei o curso todo sem me preocupar com, este tipo, a nota que vou ter ou o que é que preciso ou deixa lá ver se tenho uma boa nota aqui e cheguei ao fim do curso, se calhar, a precisar de uma nota. Então sabia que dependia dessa avaliação. E então, pensei que, mesmo no acompanhamento daqui da E.S.E., todo o acompanhamento que se pode fazer, que pudesse criar um clima de confiança, em que eu pudesse dizer: «olha, eu estou à-vontade para fazer isto, estou à-vontade para fazer aquilo e sei que vou ser avaliado em função disto ou daquilo», só que, o que se acabou por criar foi, se calhar, a nível das Ciências, uma coisa e, a nível da Matemática, outra coisa completamente diferente. E se a nível das Ciências eu tinha confiança naquilo que andava a fazer e sabia eu estou a fazer isto, mas sei que vou ser avaliado por isto, por isto e por isto, na Matemática, sabia que estava a fazer algumas coisas e sabia que não estava a ser avaliado por elas, estava a ser avaliado por outras coisas se calhar não iam ao encontro daquilo que eu queria. Depois, depende também dos professores, dependia dos professores e do próprio relacionamento entre o professor e o aluno, se o professor conhece o aluno. Se o professor de Matemática, aqui da E.S.E. não me conhecesse, se eu teria a nota que tive, se fosse um professor completamente novo, em relação às aulas que observou, em relação ao que a professora disse, em relação a mim, se eu teria tido a nota que tive, se fosse um professor qualquer desconhecido. E quem diz na Matemática, se calhar, diz nas Ciências, se o professor, que estava nas Ciências, tivesse ido a poucas aulas ou se tivesse um acompanhamento mais leve, só com as ideias que tinha da professora, se eu teria tido a nota que tive. Acabou-se por criar uma ideia completamente diferente entre ele e a professora e eu sabia que estava a ser avaliado duma forma por um e que estava a ser avaliado de outra forma por outro. Estava a sentir isso na pele, não era isso que eu estava à espera. Pensei que tanto um como o outro iam avaliar o mesmo conjunto de parâmetros.

Ent.: Como foram sendo construídas as tuas ideias a propósito do processo de formação?

Vasco: A partir de mim e em diálogo com os outros. Para mim, a minha ideia nunca se vai construindo sozinha, se eu não falasse com eles era uma ideia completamente isolada e, se calhar, completamente deturpada da realidade e assim, todos nós, acabávamos por trocar muitas ideias e, apesar de eu ter a minha opinião, a ideia global que se forma parte das opiniões de todos, mas a minha ideia prevalece em relação a outras mas não é tão forte em relação a outras, mas a ideia que eu tenho era a ideia que eu tinha, foi a que se foi formando ao longo do tempo.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas actividades?

Vasco: Sim, principalmente com o meu colega de grupo, isso não se põe em questão e tinha um grupo que andava praticamente a par de nós, a tratar os mesmos conteúdos e trocávamos opiniões, perguntávamos o que é que fazia um, o que é que fazia o outro, se tinha corrido bem?, como é que tinha corrido?, e podíamos ver, mais ou menos, o que é que se poderia fazer. Depois, havia era questão de adequar à turma ou não. Isso era sempre uma questão secundária, porque o que nós queríamos mesmo saber era, qual era a reacção dos alunos em relação a certas coisas que se faziam, nunca tínhamos feito, nunca ninguém sabia o que poderia acontecer. E foi, mais a nível das Ciências, do que na Matemática, houve sempre essa preocupação porque muitas das coisas que se faziam, já tínhamos falado a nível teórico mas, nós próprios, não as tínhamos feito, não sabíamos o

que é que ia acontecer e como há pouco tempo, apesar de dizerem que temos muito tempo, há pouco tempo para fazermos essas coisas, a única hipótese que havia de as fazer era lá na própria escola, não era vir para aqui, fazer uma experiência para ver se dava certo e depois ir para a escola fazer outra. Se nós não trocássemos essas ideias, se calhar, não haveria tanta facilidade em fazer.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito das tuas reflexões?

Vasco: Só com o meu colega de grupo. Em relação à reflexão final é que o pessoal acabava por falar, o que é que um fez, o que é que o outro fez, o que é que falaste, o que é que não falaste. Mas a nível de reflexão, como é que correram as aulas?, o que é que se passou?, o que é que não se passou? partilhava, essencialmente, com o meu colega de grupo. Havia sempre uma coisa ou outra que nós falamos, sempre, com alguém da turma e diz: «è pá, isto correu-me assim, assim, assim», acaba por ser uma reflexão na mesma mas, se calhar, não naquele sentido de: «deixa lá ver o que posso melhorar, deixa lá ver o que é que posso fazer diferente», é sim, no sentido de explicar o que aconteceu, porque pode surgir uma opinião que possa ajudar.

Ent.: Partilhavas opiniões com os teus colegas a propósito do teu supervisor?

Vasco: Exacto. Da mesma forma que os professores falam sobre os alunos, os alunos falam dos professores. Se a nível do 1º ciclo, se calhar, nós nunca falávamos sobre isso, porque tínhamos muito pouco tempo para falar sobre essas coisas, estávamos muito pouco tempo aqui na E.S.E., a nível do 2º ciclo, nós tínhamos que vir cá, por causa dos seminários e de algumas fotocópias que vínhamos cá tirar, porque saíam mais barato, e encontrávamos. Quando chegava àquela história do desabafo, porque é que isto anda a correr assim?, ia entrar na conversa os professores, sejam os da escola, sejam os da E.S.E. e acabávamos por trocar muitas opiniões e acabávamos por se formar algumas opiniões, no meio destas conversas. Penso que faz parte da formação de um aluno trocar opiniões sobre os professores.

Ent.: As tuas atitudes em relação à formação foram influenciadas?

Vasco: Sim, porque tive de me ajustar à turma e às pessoas. Eu não poderia estar a dizer: «eu estou certo, eu é que mando» ou «a minha maneira de pensar é esta e não vale a pena dizer ao contrário», isso era completamente irreal e se eu ia com a minha ideia, saía com outra e as minhas atitudes foram-se ajustando às pessoas.

Ent.: Foram influenciadas por ti próprio?

Vasco: Não, as minhas atitudes foram sempre em função dos outros, não ia mudar a minha atitude por causa de mim, o que eu pensava, já pensava antes. A minha atitude teve que ir foi ajustando-se às pessoas.

Ent.: Foste influenciado pelos teus supervisores?

Vasco: Exacto. Pelos supervisores e pelos colegas mesmo, porque alguns supervisores eram os mesmos e havia certas atitudes que nós tínhamos que ter ou que deveríamos ter, tínhamos reacções diferentes perante a mesma situação e o próprio supervisor tinha reacções diferentes perante certos alunos e se eu tinha algumas ideias ou alguma maneira de agir perante algumas situações. Em relação aos supervisores lá da escola, se agia de certa forma tive que alterar porque não se adequava às pessoas. O que eu fazia ou algumas conversas que eu gostava de ter ou algumas coisas que eu poderia dizer, acabei por não as dizer e acabaram por ficar, se calhar, por dizer mesmo, se calhar, deviam ser ditas porque as pessoas não estavam preparadas para ouvir ou, se calhar, não gostariam de ouvir. Mais vale estar calado e deixar as coisas como estão do que falar e entrar em

conflito. Tivemos que me nos adequar às pessoas, se tentássemos chegar a um meio termo, era, talvez, o ideal para todos.

Ent.: Foram influenciadas pelo relacionamento com os alunos?

Vasco: Dependeu do relacionamento com eles, é já a outro nível porque a minha primeira atitude se era manter uma relação muito próxima, se era tentar dar-lhes o máximo de à-vontade possível, até chegar a um ponto. Até porque era a primeira vez que eu ia encarar uma turma, nestes moldes, se calhar, apercebi-me, a certo ponto, que não poderia ser assim, porque tinha certos alunos que não estavam preparados para uma liberdade desse tipo e então, não posso dizer que a minha atitude tenha sido alterada porque, se calhar, não houve tempo de alterar as atitudes. Mas se fosse numa coisa a longo prazo, havia muitas coisas que iam mudando, mas assim de um momento para o outro, sei que mudei e mudei um pouco e se nós no início começarmos com aquelas ideias que nós tínhamos que era, mesmo, muito importante, se fosse preciso ficávamos ali com eles no corredor a falar sobre coisas que não tinha nada a ver com a escola, apercebi-me a certo ponto que se eu podia fazer isso com uns alunos não poderia fazer com todos, porque havia alguns que não estavam preparados para isso e não conseguiam diferenciar a relação dentro da aula e fora da aula. Nesse aspecto, fiquei sensibilizado que tenho que mudar e que não pode ser igual para todos. Temos de tratar os alunos de modo diferente e se com alguns podemos ter umas atitudes, com outros temos que ter outras.

Ent.: A escola que te acolheu, teve influencia nas tuas atitudes?

Vasco: Não penso que tenha tido grande influência. Se houve alguém que teve influência foram os supervisores e os alunos, a escola, nunca me senti inibido por estar lá e também nunca senti que estava a ser idolatrado por estar lá.

Ent.: E a E.S.E.?

Vasco: Limitou-me um pouco, não nas atitudes mas na minha própria maneira de ser, não como E.S.E., mas como E.S.E. que avalia, como supervisores que avaliam. Algumas atitudes não alterou porque foram logo à partida estabelecidas que iam ser assim. Algum tipo de atitudes, de relacionamento com os alunos, que eu próprio decidi que era assim que ia fazer, parti desse princípio, se tivesse numa situação, em que não estivesse a ser avaliado, se calhar, as minhas atitudes eram outras.

Ent.: As tuas atitudes foram influenciadas pela avaliação?

Vasco: Não pela instituição em si, mas pela avaliação que a instituição faz. Ia mesmo ao ponto da maneira de vestir, em que, se calhar, quando chegasse à altura de mais calor, por acaso não houve, se calhar, em vez de ir de calções para a escola, não ia, sempre levava umas calças e uma camisa, porque sabia que poderia ser avaliado por isso. E nunca ia sentir-me à-vontade de chegar a uma aula e correr o risco de, pelo menos, ouvir uns quantos comentários, que poderiam destabilizar a aula. Assim, utilizei um certo padrão que sabia que, pelo menos a este nível, nunca vai haver comentários. Se não vai haver comentários, a aula vai ter o seu seguimento normal. Enquanto que, se mudasse alguma coisa, a primeira parte da aula influencia o resto da aula toda.

Ent.: A tuas atitudes, também, foram influenciadas pelas ideias que tinhas quando iniciaste a Prática Pedagógica VI?

Vasco: Foi influenciada no sentido de que estava lá, não para uma aprendizagem muito rigorosa, mas por saber que estava lá para ser avaliado.

Ent.: Existem diferenças significativas entre ensinar Matemática e ensinar outra disciplina?

Vasco: Entre Matemática e Ciências, penso que a diferença não devia ser nenhuma, numa perspectiva optimista. O que acontece é que é completamente diferente face às reacções dos próprios alunos em relação à disciplina, em relação às outras disciplinas pois não faço ideia, não sei como é que os outros professores ensinam. Mas, em relação à Matemática e às Ciências, eu senti uma grande diferença na opinião dos alunos de uma disciplina para a outra disciplina e isso pode ter influência no ensino. Se nós, nas Ciências, só por si já temos os alunos motivados. Nós chegamos lá e metemos um microscópio em cima da mesa e os alunos pegam naquilo e deixa lá ver o que é que isto faz e os alunos vão para casa dizer que tiveram Ciências da Natureza. Nós chegamos à Matemática, se for preciso metemos um geoplano, em cima da mesa, o aluno brinca e vai para casa dizer que brincou. Nunca vai naquela perspectiva, hoje tive Matemática. O que eu senti é que para os alunos a Matemática era fazer as contas e quando chegava a altura em que era necessário sistematizar alguma coisa ou escrever alguma definição, alguns achavam que em Matemática não se escreve, enquanto nas Ciências aceitavam bem. Apesar de nas Ciências, o método ser o mesmo podiam escrever à-vontade porque foi sobre aquilo que fizeram e então se os próprios alunos têm ideias diferentes, isso vai influenciar a própria maneira de ensinar.

Ent.: Em relação à atitude do professor?

Vasco: As atitudes dos alunos, se calhar, vão ao encontro das atitudes dos professores. Nós tivemos uma semana de observação e como os professores estavam a terminar uma unidade, aproveitaram para terminá-la com um teste e uma ficha formativa e correcção e nós acabamos por não ver um método diferente. Tanto a Matemática como as Ciências, acabaram por serem dadas da mesma forma, os professores estavam a fazer uma sistematização do que tinham feito até ali.

Ent.: Uma Prática Pedagógica a Matemática é diferente de uma Prática Pedagógica a outra disciplina?

Vasco: Acaba por ser diferentes, mas deveriam ser iguais.

Ent.: As principais diferenças são em relação às características da disciplina?

Vasco: Não. Penso que até tem haver com a mentalidade dos próprios supervisores. Se o próprio supervisor encarar a Matemática como era encarada aqui há uns anos atrás, numa forma mais fechada, acaba por ter um método de ensino, enquanto um supervisor de Ciências, mesmo que encare as Ciências como encarava há uns anos atrás, encara as Ciências como uma coisa aberta, que vai sempre evoluindo. Então, a questão está aí, é encarar a Matemática como é encarada actualmente, que é completamente diferente do que se fazia antes. Se o professor encara a Matemática de uma forma fechada é lógico que tenta transmitir isso aos alunos e os próprios alunos sentem-se limitados. Nós, quando vamos, desempenhar um trabalho ou quando vamos tentar fazer qualquer coisa já temos é que ir ao encontro disso e não tentar mudar as coisas em meia dúzia de dias porque sabemos que o trabalho que estava a ser feito antes vai continuar a seguir.

Ent.: As principais diferenças são em relação ao papel do supervisor? são em relação ao papel do Supervisando?

Vasco: As principais diferenças têm haver com os alunos que já foram condicionados pelas ideias do professor que tiveram antes. Nós como vamos agir em função do que se passa naquela realidade, se o supervisor de lá nos diz que isto deveria ser assim, por

causa disto ou por causa do programa ou por causa seja do que for, nós não vamos dizer: «isso não é assim, ensinaram-nos assim, nós fazemos assim», também não pode ser. Se vai outro supervisor, aqui da E.S.E., dizer: «não pode ser tanto assim, devias fazer de outra forma», nós ficamos ali num impasse e tentamos agradar a gregos e a troianos. O que é que eu quero disto: quero aprender alguma coisa, quero só agradar ou quero agradar a mim. Eu senti que na minha prática, mais a Matemática do que a Ciências, havia três aulas diferentes: havia a aula para o supervisor da escola, havia a aula para o supervisor da E.S.E. e havia a minha aula. Havia três aulas diferentes ali e se as filmasse todas, se calhar, se daqui uns tempo fosse ver e tivesse a mesma maneira de pensar dizia: esta aula foi para este professor, esta aula foi para aquele, esta foi para mim. Tinha consciência disso. Até encontrar-me, andei ali perdido, não sabia o que devia fazer.

Ent.: Partilhavas as tuas ideias a propósito do Ensino da Matemática com o teu supervisor?

Vasco: Muito poucas vezes, partilhava mais com o meu colega do que com os supervisores, até porque, a nível de reflexões, eu senti mesmo que eram pouco concretas e era uma reflexão mais no..., sei lá, não eram. Eram reflexões, «devias ter começado a aulas mais cedo», «devias ter escrito o sumário no fim», nunca uma reflexão..., não se perguntavam porque é que não fizeste o sumário, para explicar, se calhar, não é importante, era uma coisa que não tinha importância porque podia quebrar o raciocínio dos alunos e os alunos estavam de tal maneira motivados, a questão era mesmo só, «devias ter feito». A minha maneira de pensar ou como eu acho que se deve ensinar Matemática ou o que eu penso sobre a Matemática nunca foi referido, nunca chegamos a esse ponto. A única vez que falamos sobre algumas ideias que nós tínhamos foi quando houve um conflito, por causa dumas reflexões de Ciências, e se gerou ali um certo conflito que obrigou a professora a vir falar connosco, a perguntar: «o que é que se passa aqui?» Nós aí, nessa altura, tivemos «eu penso isto, e esta é a nossa maneira de pensar», a professora sentiu que estava a ser pressionada e sentiu a necessidade de abrir mais, para saber o que é que se passava, o que até aí não tinha acontecido. Na minha maneira de ver essa foi a única reflexão em que nós podemos explicar quais eram as nossas concepções em relação à Matemática.

Ent.: Partilhavas com os teus colegas de outros grupos?

Vasco: Talvez partilhássemos porque nós já estavas a dar a nossa opinião ao dizer aquilo que fizemos, aquilo que gostamos mais, estamos a dizer o que é que achamos sobre o Ensino da Matemática. Vou fazer isto ou vou fazer aquilo, vi os alunos mais motivados nisto ou naquilo, eram as nossas conversas.

Ent.: Que mudarias na tua formação?

Vasco: Acima de tudo mudava aquela minha primeira atitude em relação aos alunos, há duas maneiras de ver, ou somos o mais natural possível e temos autoridade suficiente para parar uma aula ou duas aulas, se for preciso, e chamar à atenção de certos alunos porque estão a abusar em certos aspectos ou, no caso da prática pedagógica, se calhar, entrava com a corda toda esticada a dizer aos alunos: «calma aí, quem manda aqui sou eu», «eu sou o professor estagiário, mas sou eu que estou a orientar, sou eu que mando», nunca dando aquela confiança que os alunos têm que ter, porque sei que é muito mais difícil controlar uma turma em que os alunos estão à-vontade para dizer qualquer coisa, seja ela o que for, sempre naquela expectativa, só falam quando

levantarem o braço e depois ir dando corda. Começava no sistema que não era o meu mas, se calhar, agradava mais, mesmo no aspecto da avaliação, e ia mostrando aos poucos o que eu pretendia. Todas as atitudes que tive foi em relação ao que eu penso, em relação à minha maneira de ser, nunca em relação a situações já vividas.

Ent.: Em relação à estrutura do estágio?

Vasco: Acho que o tempo está completamente desadequado à realidade, porque, se nós temos sete semanas e dessas sete semanas, temos feriados, professores que faltam, que adoecem. No meu caso acabou por ser três ou quatro semanas completas, o que é completamente irreal. Se aprendemos pouco, somos avaliados por aquilo que o professor pensa de nós, aquilo que poderá acontecer, sempre numa perspectiva: «este aluno é, mais ou menos, assim», ou trocando opiniões com outros professores. Não só a nível de cooperantes de estágio mas a nível de professores que o alunos já teve. A nota é um pouco dada em função da ideia que os professores têm do aluno. Se um professor conseguisse acompanhar, se em cada três fosse a duas, se o professor acompanhasse uma grande maioria das aulas já tinha uma opinião muito concreta sobre o aluno. Com os supervisores da escola, não sei o que poderiam ter feito, também têm a vida deles, também têm outras turmas, se calhar, estão um pouco limitados a nível de tempo. E a única coisa que eu pedia a eles era mais tempo, para falar o que é que se poderá fazer para a próxima vez. Tu tens consciência de que falas muito alto, mas se tiveres cinco turmas não podes falar tão alto porque chegas ao fim do dia com uma grande dor de cabeça, isso a mim é o que menos me interessa porque eu logo vou ver. Eu já experimentei assim, os alunos participaram pouco, experimenta tu desta forma. Nós acabamos por fazer um trabalho completamente independente do deles, sem saber o que se passava nas outras turmas, sem saber o que eles faziam. Estávamos ali perdidos, naquela escola, com aqueles alunos, sem sentido de orientação mais específico.

